



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA

WILDSON ABO SARTORI

CORPOS E IDENTIDADES URSINAS:
UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Vitória

2019

WILDSON ABO SARTORI

**CORPOS E IDENTIDADES URSINAS:
UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Maria Justo

Vitória

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S251c Sartori, Wildson Abo, 1989-
Corpos e identidades ursinas : um estudo de representações
sociais / Wildson Abo Sartori. - 2019.
110 f. : il.

Orientadora: Ana Maria Justo.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Representações sociais. 2. Identidade. 3. Corpo. 4. Minorias
sexuais. 5. Ursos. 6. Psicologia social. I. Justo, Ana Maria. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

WILDSON ABO SARTORI

**CORPOS E IDENTIDADES URSINAS: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA:

Profa. Dra. Andrea dos Santos Nascimento
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Mariana Bonomo
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Rafael Moura Coelho Pecly Wolter
Universidade Federal do Espírito Santo
Presidente da Banca Examinadora

Vitória, 18 de Setembro de 2019

Ao meu avô, Abo Sartori, de quem herdei a maior parte do meu nome e dos meus valores.

À minha sogra, Dona Tânia, que muito me ensinou sobre o real significado do termo resiliência.

Ao meu pai, Ailton José Sartori, por me ensinar o valor da integridade e da honestidade.

Vocês viverão para sempre.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Davi pelo apoio, pelo carinho e pela compreensão durante todo este período, desde o processo seletivo até a conclusão desta dissertação. Sem você ao meu lado nada disso seria possível.

À minha família, em especial à minha querida mãe, por compreenderem todos os momentos em que eu não pude estar presente durante este processo e por me motivarem a buscar sempre mais.

À minha orientadora, Profa. Dra. Ana Maria Justo, pelos ensinamentos, pela disponibilidade, pela paciência, pela confiança depositada a mim desde o primeiro momento e pelas inúmeras orientações não apenas no campo teórico acadêmico, mas também no campo profissional.

Aos meus queridos amigos que me suportaram e tiveram muita paciência comigo quando nem eu mais tinha, em especial à Lígia e ao Jorge por me aguentarem falando sobre os ursos 24 horas por dia.

Aos colegas da turma de Mestrado PPGP/2017 pelos momentos de descontração, desabafo e troca de vivências, tão necessários para manter a saúde mental em um processo tão sofrido quanto a pós-graduação.

Às amigas/professoras/mentoras/musas Valeschka Martins Guerra e Andrea dos Santos Nascimento pela amizade, pelas risadas, pelo carinho, pelo apoio e, principalmente, pela inspiração durante esta jornada. Serei imensamente feliz se um dia chegar a ser um pouquinho das profissionais que vocês são. Vocês me inspiram todos os dias a ser um profissional e uma pessoa melhor.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, à coordenadora Profa. Dra. Luziane Zacché Avellar, aos docentes que tanto me ensinaram em diversas disciplinas durante o curso do mestrado e um agradecimento especial aos secretários Arin Bernardes Filho, Antônio Hércules Toscano de Brito e Carmen Lúcia Moscon, pelo suporte, pelos esclarecimentos e pelas orientações que tornaram esta jornada mais simples e fácil de ser traçada.

Aos graduandos de Psicologia da UFES, em especial à turma 2016/1 que tão bem me recebeu no período de Estágio em Docência na disciplina de Psicologia Social I. Vocês fizeram com que os meus primeiros passos rumo à docência fossem tudo aquilo que sempre sonhei.

A todos os amigos e gentis desconhecidos que durante a coleta de dados para esta pesquisa compartilharam o questionário em suas redes sociais e convocaram seus amigos a

respondê-lo, possibilitando a realização da mesma. São eles: Aline Audi, Magna Stone, João Felipe Mai, Hudson Araújo, Catarina Giordano, Lorena Schettino, Kaique Silva, Melissa L'Orange, Anderson Bardot, Fabrício Fonseca Moraes, Petra Paim, Erly Vieira Jr, Gabriela Boldrini, Uanderson Suce, David Lucas, Bruno Quintão, Rayane Grizotti Kiefer, Arielle Sagrillo, Carlos Junior, Andrea Nascimento, Valeschka Martins Guerra, Gustavo Tassis, Cynthia Perovano Camargo Baumel e Carol Biasutti.

Aos participantes desta pesquisa por aceitarem participar disponibilizando seu tempo no preenchimento do questionário online, acreditando na qualidade do trabalho realizado a fim de trazer à luz um grupo social ainda tão pouco conhecido e reconhecido mesmo dentro da comunidade LGBTQ+.

Aos administradores das páginas “Ursos do Paraná”, “Ursos do Rio” e “Ursound”, bem como dos grupos “Bear Society-Brazil (Ursos do Brasil)”, “FLSH Mag Club”, “Ursos do Brasil”, “URSOS DO BRASIL (Bears of Brazil)” e “Ajuda, Põe Na Roda”, por permitirem que eu compartilhasse a minha pesquisa em suas comunidades.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro que possibilitou minha dedicação exclusiva à pós-graduação e, conseqüentemente, a realização desta pesquisa.

Muito obrigado!

*“Blackbird singing in the dead of night
Take these broken wings and learn to fly.
All your life
You were only waiting for this moment to arise...”*

- The Beatles – Blackbird

RESUMO

Sartori, W. A. (2019). *Corpos e Identidades Ursinas: Um Estudo de Representações Sociais*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES.

Durante toda a história da humanidade, o corpo teve um lugar central nas relações entre os indivíduos e grupos, sendo objeto de discursos, normas e padronizações nas mais variadas áreas do conhecimento (ex.: medicina, artes, esporte, filosofia, etc). Atualmente, é possível perceber normas rígidas que ditam que um corpo desejável seria um corpo branco, magro e liso (sem pelos). Entretanto, alguns grupos que não se adequam a estes critérios subvertem esta lógica, passando a valorizar corpos que não se enquadram nesses padrões e que não são socialmente valorizados. Este é o caso dos “ursos”, grupo formado por homens sexodiversos que possuem corpos maiores, mais pesados e peludos quando comparados ao padrão hegemônico de imagem corporal entre a população LGBTQ. O objetivo desta pesquisa foi compreender como os processos identitários dos ursos brasileiros são influenciados pelas representações sociais sobre o corpo dentro desta comunidade. Utilizando um delineamento exploratório-descritivo, a pesquisa foi realizada utilizando questionário online. Ao todo, 333 participantes recrutados através das redes sociais responderam ao questionário sobre as representações sociais a respeito do corpo e a identidade ursina. A análise dos dados coletados foi realizada através de estatística descritiva e relacional, análise de conteúdo e análise lexical com auxílio do software IRaMuTeQ. Os resultados obtidos demonstram que os participantes que obtiveram maiores escores na Escala de Identificação com o Grupo também tiveram maior nível de satisfação corporal. Observou-se ainda que o campo representacional que envolve o ser urso possui elementos de valorização dos corpos que fogem à norma hegemônica, ancorando-se principalmente na sexualidade e na erotização do corpo ursino. Assim, a construção da identidade ursina demonstra-se diretamente ligada à imagem do urso clássico, ainda que sofrendo forte influência dos padrões de beleza hegemônicos.

Palavras-chave: Representações Sociais. Corpo. Ursos. Identidade. Subcultura Gay.

ABSTRACT

Sartori, W. A. (2019). *Bodies and Bear Identities: A Study of Social Representations*. Master's degree dissertation presented to the Psychology Post Graduation Program of the Federal University of Espírito Santo. Vitória, ES.

Throughout the history of mankind, the body has had a central spot in the relationships among individuals and groups, being the subject of discourses, norms and standardization in the most varied areas of knowledge (e.g.: medicine, arts, sports, philosophy, etc). Nowadays, it is possible to notice strict norms that dictate that a desirable body would be a white thin smooth (hairless) one. However, some groups that do not adequate to these criteria subvert this logic, valuing bodies that don't fit these standards and that aren't socially valued. That is the case of the "bears", a group composed by sexually diverse men who have bigger, heavier and hairier bodies when compared to the hegemonic standard of body image among the LGBTQ+ community. The aim of this research was to comprehend how the identity processes of the Brazilian bears are influenced by the social representations about the body within this community. By using an exploratory-descriptive design, the research was realized through an online survey. Altogether, 333 participants were recruited through social media and answered the survey about social representations regarding the body and the bear identity. The analysis of the data collected was realized through descriptive and relational statistics, content analysis and lexical analysis with the aid from the software IRaMuTeQ. The results obtained show that the participants who had higher scores in the Group Identification Scale also had a higher level of body satisfaction. It was observed as well that the representation field that involves being a bear has elements of appreciation towards bodies that do not follow the hegemonic standard, mainly anchored on the sexuality and the eroticizing of the bear body. Therefore, the construction of a bear identity shows it is directly linked to the image of the classic bear, although it still suffers strong influence from the hegemonic beauty standards.

Keywords: Social Representations. Body. Bears. Identity. Gay Subculture.

Lista de Figuras

Figura 1. Nuvem de palavras do corpus "revisão".	22
Figura 2. Árvore de similitude do corpus "revisão".	23
Figura 3. Dimensões representacionais da identidade.	36
Figura 4. Imagem de divulgação da pesquisa no Facebook e Instagram.	41
Figura 5. Distribuição dos participantes por região.	44
Figura 6. Árvore de similitude do corpus “urso”.	48
Figura 7. Nuvem de palavras do corpus “comunidade”.	49
Figura 8. Árvore de similitude do corpus “comunidade”.	50
Figura 9. Árvore de similitude da matriz “gordo”.	62
Figura 10. Classificação Hierárquica Descendente da matriz “gordo”.	63
Figura 11. Árvore de similitude da matriz “corpo”.	65
Figura 12. Classificação Hierárquica Descendente da matriz “corpo”.	66
Figura 13. Árvore de similitude da matriz “substituição”.	68
Figura 14. Classificação Hierárquica Descendente da matriz “substituição”.	69
Figura 15. Esquema de oposição dos termos relacionados aos twinks e aos ursos.	74
Figura 16. Relação triádica entre o Ego (Eu), o Alter (Outro) e o Objeto.	83
Figura 17. Relação entre o campo representacional relacionado ao Ser-Urso e a construção da Identidade Ursina.	89

Lista de Tabelas

Tabela 1. Subcategorias ursinas.....	20
Tabela 2. Distribuição dos participantes por estado.	45
Tabela 3. Frequência de problemas de saúde.	47
Tabela 4. Frequência dos códigos do corpus “Entrada”.....	51
Tabela 5. Escala de Identificação com o Grupo.	52
Tabela 6. Distribuição dos participantes por subcategoria ursina.	53
Tabela 7. Média na Escala de Identificação com o grupo por subcategoria ursina.....	54
Tabela 8. Média de percepção de pertença (PP) por subcategoria ursina.	55
Tabela 9. Percentual de Valorização Inferida (PVI) e Percentual de Desvalorização Inferida (PDI) por subcategoria ursina.....	56
Tabela 10. Índice de Status Inferido (ISI) por subcategoria ursina.	57
Tabela 11. Frequência dos códigos do corpus “Davi”.....	58
Tabela 12. Correlatos da identificação com o grupo e da satisfação corporal.	60
Tabela 13. Frequência das respostas sobre o que os participantes gostariam de mudar em seus corpos.	61

Lista de Abreviaturas e Siglas

BDSM	Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo
BVS-Psi	Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
DP	Desvio Padrão
EIG	Escala de Identificação com o Grupo
EUA	Estados Unidos da América
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IMC	Índice de Massa Corporal
IRaMuTeQ	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
ISI	Índice de Status Inferido
LGBTQ+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Queer e Outros
<i>M</i>	Média
OMS	Organização Mundial de Saúde
PDI	Percentual de Desvalorização Inferida
PP	Percepção de Pertença
PVI	Percentual de Valorização Inferida
RS	Representações Sociais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS	Teoria das Representações Sociais

Sumário

1 APRESENTAÇÃO	16
2 INTRODUÇÃO	17
2.1 Os URSOS	17
2.1.1 REVISÃO DE LITERATURA ACERCA DOS URSOS	21
2.2 O CORPO COMO OBJETO SOCIAL	29
2.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	31
2.3.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, IDENTIDADE E CATEGORIZAÇÃO	35
3 OBJETIVOS	39
4 MÉTODO	40
4.1 PARTICIPANTES	40
4.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	41
4.3 ANÁLISE DOS DADOS	43
5 RESULTADOS	44
5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	44
5.2 PERCEPÇÕES ACERCA DO SER-URSO	47
5.3 SER URSO E SUAS SUBCATEGORIAS	51
5.3.1 PERCEPÇÃO DE PERTENÇA E STATUS INFERIDO	55
5.4 O CASO DE DAVI	57
5.5 SATISFAÇÃO CORPORAL	59
5.5.1 CORRELATOS DA IDENTIFICAÇÃO COM O GRUPO	59
5.6 A REPRESENTAÇÃO DO GORDO	61
5.7 OS URSOS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O CORPO	64
5.7.1 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORPO A PARTIR TÉCNICA DE SUBSTITUIÇÃO	67
6 DISCUSSÃO	70

6.1 OS PARTICIPANTES DO ESTUDO	70
6.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DA COMUNIDADE URSINA	72
6.3 PERTENÇA, IDENTIFICAÇÃO COM O GRUPO E SUAS SUBCATEGORIAS.....	76
6.4 SATISFAÇÃO CORPORAL E CORRELATOS DE IDENTIFICAÇÃO COM O GRUPO.....	82
6.5 CORPO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA COMUNIDADE URSINA	82
6.5.1 O CORPO GORDO	84
6.6 CORPO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADES URSINAS	87
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
8 REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	98
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	107

1 Apresentação

A presente dissertação se propôs a pesquisar as representações sociais sobre o corpo e a intersecção entre estas e as formações identitárias dos homens sexodiversos, ou seja, homens membros da comunidade LGBTQ+ (Subero, 2018), que se identificam como ursos – uma subcultura LGBTQ+ nascida em *San Francisco* (EUA) – a partir da Teoria das Representações Sociais formulada por Serge Moscovici. Objetivou-se, com isso, aprofundar a compreensão da relação entre as representações sociais sobre o corpo e a construção de identidades que se mostram nele, analisando a dinâmica que envolve estes fatores dentro da comunidade ursina, como contexto de subversão das normas corporais vigentes.

A partir da vivência pessoal do pesquisador dentro desta comunidade, bem como das discussões nas sessões de orientação juntamente com a Profa. Dra. Ana Maria Justo, surgiram inquietações que o levaram a propor este projeto de pesquisa: que ideias, teorias, crenças e práticas relacionadas ao corpo são criadas e compartilhadas dentro dessa comunidade? De que forma estes elementos interagem com os processos identitários relacionados ao Ser-Urso?

Para responder a estes questionamentos, foi utilizado o arcabouço teórico-metodológico da TRS. Esta teoria auxilia na compreensão do modo de existir de um grupo, da construção do sentimento de pertença entre seus membros e das crenças, teorias, imagens e discursos construídos por este grupo sobre os mais diversos objetos sociais (Bonomo, Trindade, Souza, & Coutinho, 2008). Dessa forma, compreende-se que o presente estudo justifica-se por empreender uma reflexão sobre o corpo em uma comunidade que se encontra à margem das normas sociais hegemônicas e pela valorização científica deste grupo tão singular.

2 Introdução

As sociedades contemporâneas contam com normas cada vez mais rígidas em relação ao corpo, que ditam como os indivíduos devem se vestir, como se portar, qual peso ou índice de massa corporal devem ter, quais características físicas são consideradas desejáveis ou indesejáveis, como devem se alimentar, quais exercícios físicos devem fazer, etc. Estas normas, além de regularem o convívio em sociedade, afetam a construção da identidade dos indivíduos e grupos, ao passo que a adequação ou não nestes padrões está diretamente ligada à imagem corporal, à satisfação corporal, à autoestima e, de um modo geral, à forma como estes se comportam (Justo & Camargo, 2013).

Entretanto, alguns grupos se unem exatamente por não se enquadrarem dentro destes padrões. Este é o caso dos ursos, uma subcultura da comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e pessoas *Queer*) que compreende em linhas gerais homens com corpos maiores que a norma hegemônica e peludos (Wright, 1997). Embora o surgimento deste grupo tenha se dado em meados das décadas de 1970 e 1980, os estudos científicos a respeito desta comunidade ainda são escassos, o que torna necessário que se realize um apanhado acerca das características que os tornam um grupo relevante para compor a discussão sobre as representações sociais acerca do corpo.

2.1 Os ursos

Ainda que a definição do que seja um urso seja ampla e geograficamente variável (Manley, Levitt & Mosher, 2007; Wright, 1997), é possível encontrar na literatura pontos de convergência entre os estudos que se debruçam sobre a temática. Esses estudos indicam dois aspectos principais: aparência física e comportamento. Na aparência física, fala-se de um corpo de proporções maiores, com muitos pelos no corpo e barba/bigode (Manley et al., 2007; Hennen, 2005; Edmonds & Zieff, 2015). Em termos de comportamento, percebe-se um padrão de masculinidade mais aproximado do que seria considerado o padrão heterossexual e menor preocupação com o corpo e a beleza se comparados a outros homens gays, ainda que existam normas corporais e padrões de beleza específicos a este grupo (Hennen, 2005).

Embora os estudos sobre a comunidade ursina não tenham conseguido chegar a um consenso sobre o momento exato de sua origem, observa-se que o termo “*bear*” tem sua ascensão dentro da comunidade LGBTQ+ americana ainda na década de 1970, mais especificamente na cidade de *San Francisco*, no estado da Califórnia. Neste período, era possível observar a predominância de um padrão de beleza e masculinidade específico entre os homens gays: os *clones* (Hennen, 2005; Manley et al., 2007; Wright, 1997).

Os *clones* eram, em sua maioria, homens gays brancos de classe média que expressavam um modelo de virilidade baseado no estereótipo do homem operário, adotando inclusive personagens específicos como o lenhador, o *cowboy*, o trabalhador da construção civil, o motoqueiro, entre outros (Tamagne, 2013). Adeptos do que Hennen (2005) classifica como hipermasculinidade, os *clones* eram caracterizados fisicamente por corpos musculosos, esguios e lisos e, sexualmente, por uma postura hedonista, na qual se colocavam como predadores sexuais, manifestando preferência por encontros sexuais anônimos em lugares públicos (parques, banheiros, bares, discotecas, saunas, entre outros) e práticas sexuais atípicas, como sexo grupal, *BDSM*, *fist-fucking*, urofilia, etc. (Hennen, 2005; Tamagne, 2013).

Dessa forma, os ursos surgem como resistência a estes modelos de masculinidade, sexualidade e imagem corporal hegemônicos dentro da comunidade LGBTQ+. Ainda que a origem do termo “*bear*” para designar este grupo não tenha sido completamente desvendada, estudos apontam para um possível surgimento também intrinsecamente ligado à cultura dos clones, mais especificamente ao *Handkerchief Code* ou *Hanky Code* (algo como Código do Lenço, tradução nossa). Segundo Edmonds e Zieff (2015), “o *Hanky Code* é um sistema para comunicação de desejos e inclinações sexuais através do uso de um lenço de uma determinada cor no bolso de trás da calça” (p. 416, tradução nossa). Assim, para demonstrar a diferenciação com o comportamento sexual exacerbado e impessoal dos *clones*, os homens que procuravam relações mais íntimas e pessoais passaram a colocar um ursinho de pelúcia no lugar do lenço no bolso de trás (Wright, 1997).

Segundo Hennen (2005),

“a masculinidade do homem-comum do urso típico é uma resposta ao fenômeno hipermasculino dos *clones* da década de 70. O visual *clone* enfatizava um corpo musculoso, tonificado e uma apresentação de si que era fortemente influenciada por certas figuras icônicas de masculinidade (*The Village People*, uma banda popular durante esta época, deliciava as audiências por levar este impulso ao extremo). O visual Urso foi uma reação não contra a masculinidade dos clones propriamente dita, mas sim contra sua hipermasculinidade e a forma particular que o clone exibia o corpo para sinalizar esta masculinidade – duro, esguio, musculoso, tonificado e liso” (p. 32, tradução nossa).

Outra influência importante no contexto que resultou no surgimento do urso como identidade social foi a epidemia do HIV/AIDS, no final da década de 1970 e durante a década de 1980. Esta influência se deu, mais especificamente, por dois fatores: um físico e um comportamental. No fator físico, a Síndrome Consumptiva (ou Síndrome de Wasting) relacionada ao HIV, que tem como principal sintoma a perda significativa de peso, afetou diretamente o padrão de beleza dentro da comunidade LGBTQ+. Nesse sentido, o corpo

magro, antes socialmente desejável, passou a ser associado ao adoecimento. Logo, um corpo não magro emergiu como um corpo potencialmente saudável, passando a ser, naquele contexto, mais valorizado (Gough & Flanders, 2009; Manley et al., 2007; Hennen, 2005). Já no fator comportamental, a epidemia do HIV/AIDS fez com que a população LGBTQ+ se unisse em comunidades e abriu espaço para que a sexualização exacerbada trazida à tona pela revolução sexual da década de 1970, agora marcada pelo medo do risco da doença, fosse contestada pela forma *bear* de relacionar afetiva e sexualmente, que pregava um contato afetivo duradouro e significativo e uma sexualidade menos voltada à penetração (Manley et al., 2007). Segundo Hennen (2005), neste momento os ursos privilegiavam a sensualidade e as carícias em detrimento da sexualidade e da penetração.

Outra condição que influenciou a consolidação desta comunidade foi a capacidade de agregar os membros de outra subcultura gay conhecida como *Girth & Mirth* (algo como Circunferência e Alegria, tradução nossa). Esta subcultura era caracterizada por uma atitude positiva em relação ao ser gordo, sendo formada exclusivamente por duas categorias de membros: os *chubbies* (homens homossexuais ou bissexuais gordos) e os *chasers* (seus admiradores, que poderiam ou não ser gordos) (Hennen, 2005). Ainda que a literatura aponte para a rivalidade e a disputa de espaço entre estes grupos em um primeiro momento, é notável que os grupos organizados *Girth & Mirth* foram perdendo espaço e membros para as comunidades de ursos que surgiam nas grandes cidades americanas (Hennen, 2005; Edmonds & Zieff, 2015). Assim, não apenas membros dos grupos *Girth & Mirth* foram cooptados pela recém-consolidada comunidade ursina, como as categorias “*chubby*” e “*chaser*” passaram a compor o sistema de categorização ursino, que opera até os dias de hoje, como mostra a Tabela 1, adaptada a partir dos termos apresentados por Cerqueira (2014), Lin (2014), Quidley-Rodriguez e De Santis (2015).

Tabela 1.
Subcategorias ursinas.

Categoria	Descrição
<i>Chaser</i> (Caçador)	Homem que se sente atraído por ursos, mas não se identifica como urso.
<i>Chubby</i> (Gordinho)	Homem gordo e com poucos ou sem pelos corporais.
<i>Otter</i> (Lontra)	Homem magro e peludo.
<i>Bear</i> (Urso)	Homem peludo e de porte corporal maior.
<i>Muscle Bear</i> (Urso Musculoso)	Homem peludo e musculoso.
<i>Black Bear</i> (Urso Negro)	Urso de pele negra.
<i>Grizzly Bear</i> (Urso Parrudo)	Urso de estatura mais baixa e mais forte, não gordo.
<i>Polar Bear</i> (Urso Polar)	Urso de cabelos e pelos corporais brancos.
<i>Panda Bear</i> (Urso Panda)	Urso de origem asiática.
<i>Brown Bear</i> (Urso Marrom)	Urso de origem latina.

Cabe salientar que embora os homens que se identificam como *Chasers* não sejam, em linhas gerais, identificados como ursos, este subgrupo é parte integrante da comunidade ursina. Assim, estes indivíduos não apenas compartilham os discursos, teorias e conceitos a respeito do corpo dentro da comunidade, mas também participam da construção destes na interação com os membros do grupo. É possível ainda ressaltar que, embora a definição clássica do que seria um “caçador” dentro deste grupo esteja limitada apenas a admiradores, estas identidades não são fixas ou restritas. Por exemplo, um homem que identifica como urso e só se sente atraído por outros ursos pode também se identificar como *chaser*, bem como um *chaser* que passa por um processo de ganho de peso pode vir a se identificar como urso (Cerqueira & Souza, 2015). Assim, para que se possa haver uma maior compreensão da dinâmica das interações sociais dentro da comunidade ursina, entende-se como necessária a inclusão desta subcategoria na presente pesquisa.

Ainda que este grupo seja um tema pouco explorado dentro do campo teórico da Psicologia, é possível encontrar uma gama de pesquisas relacionadas ao tema principalmente nos campos da Sociologia e das Ciências da Saúde. Assim, se fez necessário conduzir uma revisão de literatura para que seja possível observar o estado da arte das produções acadêmicas a respeito desta comunidade.

2.1.1 Revisão de literatura acerca dos ursos

Foi realizada revisão de literatura nas bases de dados online Portal de Periódicos CAPES e BVS-Psi, sendo estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: a) apenas artigos publicados em periódicos revisados por pares; e b) somente estudos que tenham a comunidade ursina como tema principal. Foram encontrados 12 artigos em língua portuguesa, inglesa e espanhola. Destes estudos, apenas um foi realizado no Brasil, tendo como participantes ursos da região metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo (Cerqueira & Souza, 2015).

Dos 12 artigos encontrados, 5 são de autores com formação em Psicologia (Manley et al., 2007; Gough & Flanders, 2009; Lin, 2014; Benavides-Meriño, 2016; McGrady, 2016), 2 são de autores da área da Sociologia (Hennen, 2005; Schnarrs, Rosenberger, Schick, Delgado, Brigs, Dodge, & Reece, 2017), 2 são de autores com formação em Enfermagem (Quidley-Rodriguez & De Santis, 2015; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017). Os três artigos restantes são de autores da Administração (Cerqueira & De Souza, 2015), da Educação Física (Edmonds & Zieff, 2015) e das Ciências da Saúde (Moskowitz, Turrubiates, Lozano, Hajek & Antonio, 2017).

Ainda que os estudos levantados apontem para uma escassez de publicações científicas acerca desta comunidade, é perceptível que estes artigos contemplam uma considerável variedade de embasamentos teóricos e metodológicos. Estes autores variam entre arcabouços teóricos como a teoria de *Embodiment* proposta por Bourdieu (Benavides-Meriño, 2016; Edmonds & Zieff, 2015; Hennen, 2005), a Teoria Fundamentada nos Dados (*Grounded Theory*) (Edmonds & Zieff, 2015; Gough & Flanders, 2009; Manley et al., 2007; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017), teorias construtivistas da Psicologia Social como a Teoria da Identidade Social (Lin, 2014; Moskowitz et al., 2017; Schnarrs et al., 2017) e teorias pós-modernistas e *queer* (Cerqueira & de Souza, 2015; Hennen, 2005; Lin, 2014).

Esta escassez na literatura especializada acerca deste grupo explica a natureza descritiva e exploratória presente nos estudos levantados. Todos os artigos supracitados tratam de pesquisas qualitativas, com exceção da pesquisa realizada por Lin (2014) que utilizou métodos tanto qualitativos quanto quantitativos. No total, 7 dessas pesquisas utilizaram métodos de entrevista (Benavides-Meriño, 2016; Cerqueira & de Souza, 2015; Edmonds & Zieff, 2015; Gough & Flanders, 2009; Lin, 2014; Manley et al., 2007; McGrady, 2016), 2 pesquisas utilizaram etnografia (Edmonds & Zieff, 2015; Hennen, 2005), 3 utilizaram questionários (Lin, 2014; Moskowitz et al., 2017; Schnarrs et al., 2017) e 2

“*masculinity*” (masculinidade; n=7). Para aprofundar a análise dessas temáticas, será utilizada a análise de similitude, baseada na coocorrência dos termos dentro do corpus.

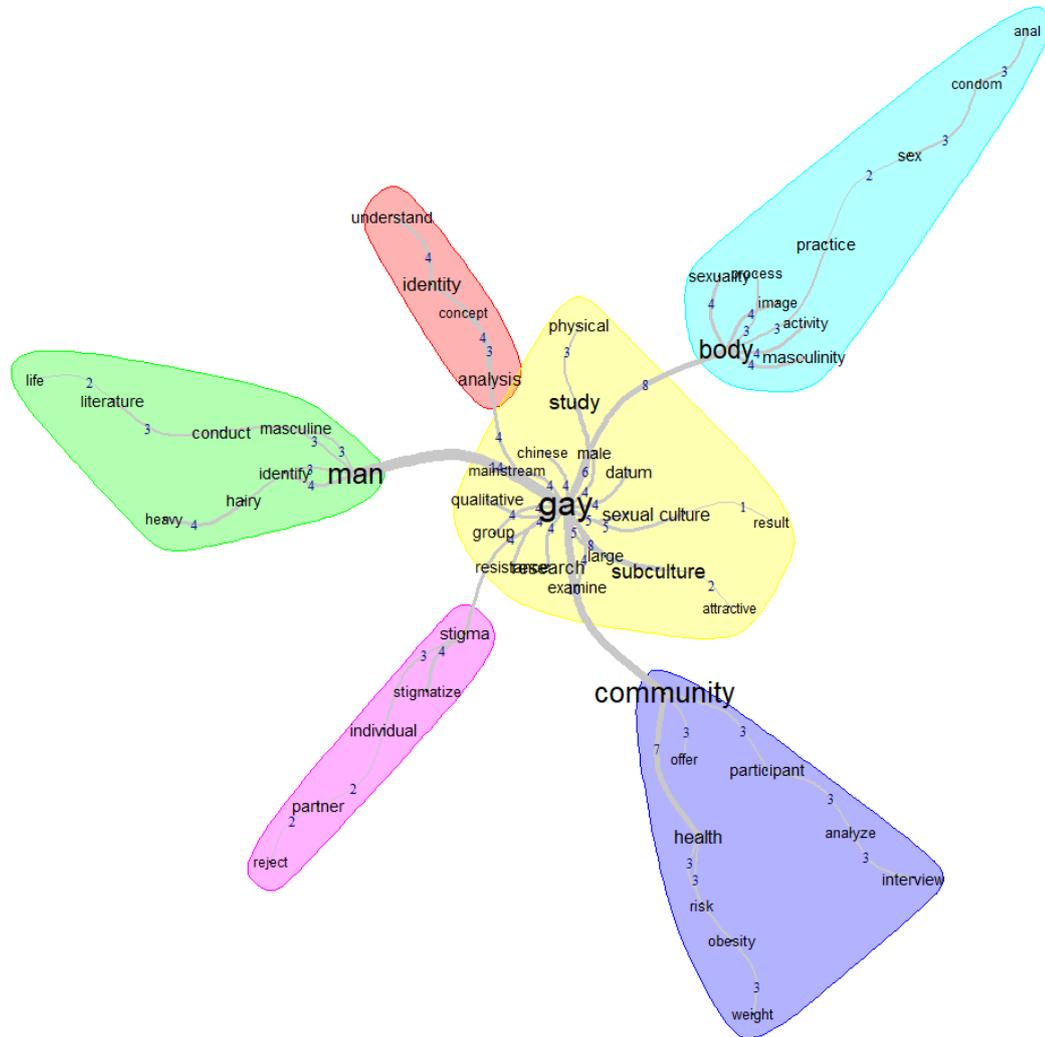


Figura 2. Árvore de similitude do corpus "revisão".

O termo de maior destaque na árvore de similitude (Figura 2) é “*gay*”, que possui alta frequência e alta coocorrência com ao menos outros três termos em destaque: “*community*” (comunidade), “*man*” (homem) e “*body*” (corpo). Por ser um termo central na descrição do que seria um urso, esta palavra aparece em coocorrência ainda com diversas outras que vão definir tanto aspectos metodológicos dos estudos em questão, como “*research*” (pesquisa), “*datum*” (dado), “*qualitative*” (qualitativo) e “*examine*” (examinar), quanto descrições de características ligadas a este grupo, como “*group*” (grupo), “*sexual*”, “*resistance*” (resistência), “*stigma*” (estigma), “*male*” (masculino) e “*culture*” (cultura).

Entretanto, ao analisar os outros termos em destaque, é possível perceber padrões de termos que ocorrem em concordância e estão inter-relacionados, o que pode elucidar possíveis

temas que se repetem nos diversos estudos. O termo “*man*” aparece relacionado a elementos que descrevem tanto características físicas (“*heavy*” e “*hairy*”) quanto psicológicas (“*identify*” e “*masculine*”) presentes nos ursos. Já o elemento “*body*” (corpo) aparece em destaque coocorrendo com elementos que parecem denotar práticas e padrões corporais relacionados a esta identidade, como “*masculinity*” (masculinidade), “*activity*” (atividade), “*sexuality*” (sexualidade), “*image*” (imagem), “*practice*” (prática) e “*sex*” (sexo). Já o termo “*community*” (comunidade), além de aparecer coocorrendo com termos relacionados aos métodos de pesquisa, como “*participant*” (participante), “*analyse*” (analisar) e “*interview*” (entrevista), aparece também relacionado a termos envolvendo a saúde destes sujeitos, como “*health*” (saúde), “*risk*” (risco), “*obesity*” (obesidade) e “*weight*” (peso).

A partir destas análises, pode-se destacar os seguintes temas emergentes nos estudos em questão: identidade, padrões de masculinidade, satisfação corporal e saúde. Dessa forma, é possível realizar a revisão da produção científica acerca dos ursos a partir da descrição do material relacionado a estes quatro eixos temáticos, como se apresenta a seguir.

2.2.1.1 Identidade

Dos 12 artigos levantados, nove trabalham diretamente com o conceito de identidade (Benavides-Meriño, 2016; Edmonds & Zieff, 2015; Gough & Flanders, 2009; Lin, 2014; Manley et al., 2007; Moskowitz et al., 2017; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2015; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017; Schnarrs et al., 2017). Dentre estes, apenas um utiliza a perspectiva teórica da Teoria de Identidade Social de Henry Tajfel (Lin, 2014), enquanto os outros estudos não descrevem a perspectiva teórica a partir da qual utilizam o termo identidade.

Os estudos apontam que a identidade ursina é construída a partir de um processo de autoidentificação (Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017). Para que este processo ocorra, é necessária primeiramente a construção de uma identidade masculina e de uma identidade homossexual ou bissexual (Gough & Flanders, 2009; Manley et al., 2007; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017). A esses processos, somam-se sentimentos de vergonha e marginalização pela não adequação aos ideais da comunidade gay quanto às normas corporais (de corpos magros, lisos e jovens) (Gough & Flanders, 2009; McGrady, 2016; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017).

O primeiro contato com a comunidade ursina pode acontecer de diversas formas, desde o contato com homens gays que se identificam como ursos, a pesquisas na internet, uso de redes sociais (pelas quais este grupo possui certa preferência) (Hennen, 2005) e consumo

de mídia LGBTQ+ que trate em certos momentos dessa comunidade (Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017). McGrady (2016) aponta que a maior visibilidade deste grupo em veículos voltados à população LGBTQ+ tem diminuído o tempo entre a autoidentificação como homossexual ou bissexual e a autoidentificação como urso.

Dos estudos selecionados, quatro possuíam como objetivo levantar dados especificamente acerca das características que definem a identidade ursina (Lin, 2014; Manley et al., 2007; Moskowitz et al., 2017; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017). Manley et al (2007) afirma que a identidade ursina é experimentada e avaliada pelos participantes como sendo “positiva, saudável e afirmativa” (p. 108). Os resultados destas pesquisas apontam que a identidade bear é caracterizada por uma dimensão física e uma comportamental. Na dimensão física, o corpo dos ursos aparece como sendo mais pesado (e com IMC mais elevado), mais baixo e mais peludo que a média entre outras subculturas gays. Já na dimensão comportamental, estas pesquisas apontam para um modelo de masculinidade que diverge tanto do padrão do homem heterossexual quanto do padrão do homem gay, sendo elástica o suficiente para abarcar elementos da masculinidade desses dois grupos (Hennen, 2005; Lin, 2014; Manley et al., 2007; McGrady, 2016; Moskowitz et al., 2017; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017).

Cabe ressaltar que estes artigos apontam para um limite étnico nos estudos que investigam a identidade dos ursos: a esmagadora maioria dos participantes destes estudos são homens brancos (Cerqueira & Souza, 2015; Gough & Flanders, 2009; Hennen, 2005; Lin, 2014; Manley et al., 2007; McGrady, 2016; Moskowitz et al., 2017; Schnarrs et al., 2017). O único estudo que se dedicou a analisar os elementos constitutivos da identidade de ursos não-brancos foi realizado por Chichun Lin (2014) com o objetivo de “reportar diferenças e similaridades físicas, psicológicas e culturais entre os homens ursos gays asiáticos e ocidentais, em particular em comunidades gays chinesas” (p. 184). Seus resultados demonstram que há mais similaridades que diferenças entre os ursos chineses e os ocidentais, com pequenas diferenças relacionadas à média de altura, autoestima e autoconfiança em relação aos não ursos. (p. 190).

2.2.1.2 Padrões de masculinidade

O padrão de masculinidade é um tema presente em 11 dos 12 artigos selecionados (Benavides-Meriño, 2016; Edmonds & Zieff, 2015; Gough & Flanders, 2009; Hennen, 2005; Lin, 2014; Manley et al., 2007; McGrady, 2016; Moskowitz et al., 2017; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2015; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017; Schnarrs et al., 2017), sendo que

três destes artigos se propuseram a discutir aspectos diretamente ligados à masculinidade, como o paradoxo entre o desafio às normas de gênero e a reprodução das mesmas (Hennen, 2005) e os significados atribuídos pelos ursos a estes papéis e normas (Benavides-Meriño, 2016). É importante frisar que ainda que os artigos descrevam estes comportamentos como sendo típicos de uma masculinidade ursina, neste projeto compreende-se que tais características representam normas grupais, “expectativas que os membros do grupo têm sobre o que deve ou não ser permitido a um determinado membro e em circunstâncias específicas” (Jesuíno, 2006, p. 325).

Acerca destas normas de masculinidade entre os ursos, as pesquisas apontam que a construção e a manutenção da masculinidade se dão em comparação a outros grupos, como os *twinks* (categoria formada por homens gays e bissexuais magros, jovens e sem pelos corporais, considerados o padrão de beleza hegemônico) e os homens heterossexuais (Hennen, 2005, p. 33), ora abarcando elementos destes padrões de masculinidade, ora rejeitando-os, construindo um padrão de masculinidade elástico e dinâmico. Ou seja, na construção de um padrão de masculinidade ursina, esse grupo se apropria de elementos da masculinidade tradicional heterossexual, ao valorizar aspectos físicos e comportamentais presentes no ideal de virilidade do “homem comum”, conciliando com esses aspectos a sexualidade e o padrão de afetividade e intimidade homossexuais. Dessa forma, em nome de uma norma de masculinidade tipicamente ursina, há ainda uma rejeição a aspectos da masculinidade homossexual socialmente considerados feminilizantes, tais como a preocupação exacerbada com a aparência e o hedonismo (Benavides-Meriño, 2016; Manley et al., 2007; McGrady, 2016).

Alguns estudos apontam ainda para uma relação entre o ideal de masculinidade dos ursos e seus corpos. Cerqueira e Souza (2015), Hennen (2005), Manley et al. (2007) e McGrady (2016) sugerem que dentro da comunidade ursina há um patrulhamento em relação ao corpo para que este apresente o máximo de características masculinas possível (Cerqueira & Souza, 2015; Hennen, 2005; Manley et al., 2007; McGrady, 2016). Ou seja, sugere-se que a pertença à comunidade ursina, para além de uma aceitação a indivíduos que possuam uma masculinidade destoante das normas hétero e homossexuais, demanda destes indivíduos um exercício constante deste ideal de masculinidade ursina. Segundo McGrady (2016), “a preocupação de apresentar uma aparência masculina como um urso significa prestar muita atenção – e gerenciar – peso, pelos corporais, pelos faciais, e vestimenta para encarnar a ‘fantasia de urso’; um contraste rígido em relação às raízes dos ursos” (p. 39). Estes estudos apontam, pois, para um paradoxo na norma de masculinidade neste grupo: ainda que os ursos

compreendam que o modelo de masculinidade ursina ofereça um espaço para aqueles homens gays que estariam à margem tanto dos padrões heterossexuais quanto dos homossexuais (Manley et al., 2007), os participantes desses estudos relatam uma lógica de exclusão da comunidade de todos aqueles que não se enquadram no padrão ursino (Benavides-Meriño, 2016).

2.2.1.3 Satisfação corporal

A relação da comunidade ursina com o corpo é um tema que atravessa todos os 12 artigos encontrados neste levantamento bibliográfico, partindo de perspectivas epistemológicas distintas e enfatizando diferentes aspectos desta relação, como a forma em que a masculinidade ursina se materializa no corpo (Cerqueira & Souza, 2015; Hennen, 2005; McGrady, 2016) e as características corporais constituintes da identidade dos ursos (Lin, 2014; Moskowitz et al., 2017; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017). Entretanto, nas pesquisas apresentadas que tinham o corpo como temática mais significativa, o principal objeto de estudo era a relação dos ursos com a imagem corporal e com a satisfação corporal (Edmonds & Zieff, 2015; Gough & Flanders, 2009; Hennen, 2005; McGrady, 2016).

A pesquisa de Gough e Flanders (2009) estudou através de entrevistas a forma como os participantes (membros da comunidade ursina do norte da Inglaterra) se relacionam com o corpo, estilo de vida e práticas de saúde. Este estudo encontrou indícios de alta insatisfação corporal entre os entrevistados relacionada ao peso corporal, ainda que estes sujeitos pertençam a um grupo que valorize os corpos gordos e mais velhos, tirando-os da marginalização da comunidade gay de um modo geral e tratando-os não como abjetos, mas como objetos de desejo (Cerqueira & Souza, 2015; Gough & Flanders, 2009; Manley et al., 2007; McGrady, 2016). Dados que relatam altos níveis de insatisfação corporal nos membros da comunidade ursina também foram encontrados nas pesquisas de Benavides-Meriño (2016), Cerqueira & Souza (2015), Edmonds & Zieff (2015), McGrady (2016) Moskowitz et al. (2017) e Quidley-Rodriguez & De Santis (2015).

Entretanto, estes resultados vão de encontro a estudos anteriores, como os de Hennen (2005) e Manley et al. (2007), que relataram níveis maiores de autoestima e satisfação corporal entre os ursos em comparação com homens homossexuais não ursos. Os estudos que visam explicar estes resultados apontam a emergência e uma crescente valorização de um subgrupo dentro da comunidade ursina chamado de “*Muscle Bears*” (homens peludos, barbudos e com corpos malhados e musculosos) como uma possível causa para os

sentimentos de insatisfação corporal entre os ursos que não se enquadrariam nesse padrão (Cerqueira & Souza, 2015; McGrady, 2016; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017).

2.2.1.4 Saúde

Ainda no espectro dos estudos que enfatizam o papel do corpo para a comunidade ursina, é possível destacar a saúde como um tema recorrente, sendo esta o foco de quatro dos doze artigos encontrados (Edmonds & Zieff, 2015; Gough & Flanders, 2009; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2015; Schnarrs et al., 2017). Desses, três artigos são de estudos relacionados à obesidade (Edmonds & Zieff, 2015; Gough & Flanders, 2009; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2015), sendo o estudo de Quidley-Rodriguez e De Santis (2015) uma revisão de literatura acerca dos riscos à saúde inerentes a este grupo, enquanto os outros dois buscam compreender a percepção da comunidade ursina acerca da saúde e da obesidade (Edmonds & Zieff, 2015; Gough & Flanders, 2009).

A pesquisa de Gough e Flanders (2009) aponta que ursos obesos ou que se encontram acima do “peso ideal” tendem a possuir uma percepção alternativa aos discursos médicos acerca dos riscos relacionados à obesidade, relacionando o ser-gordo a um ideal de felicidade, em contraponto ser-magro como sinônimo de infelicidade. Alguns dos participantes deste estudo demonstraram ainda uma visão acerca da perda de peso diretamente relacionada ao HIV, o que corrobora com estudos anteriores realizados por Hennen (2005) e Manley et al (2007). Dados similares foram encontrados também por Edmonds e Zieff (2015), que destacam ainda a redução do capital erótico como fator determinante para uma evitação à perda de peso, uma vez que corpos gordos são sexualmente valorizados e desejados dentro desta comunidade. Este estudo ainda encontrou nos participantes uma relutância em aderir a atividades físicas em razão do receio dos olhares estigmatizantes recebidos por estes em espaços públicos não voltados a esta comunidade (Edmonds & Zieff, 2015).

O único estudo encontrado que tinha a saúde como tema principal e não tinha como foco a obesidade foi o estudo de Schnarrs et al. (2017), que objetivou verificar a existência de diferenças no comportamento relacionado ao uso do preservativo durante o último evento de sexo anal entre ursos que identificaram o último parceiro como também sendo um urso (identidade ursina concordante) e ursos cujo último parceiro não foi identificado como urso (identidade ursina discordante). Os resultados deste estudo apontam que os ursos tendem a ter um uso de preservativo reduzido em relação a outros subgrupos da comunidade LGBTQ+. Os autores atribuem estes resultados às normas e padrões de masculinidade dentro da comunidade ursina, que associam o sexo anal sem preservativo a uma prática “mais natural” e

o comportamento de risco durante o sexo a um modelo de “masculinidade autêntica” (Schnarrs et al., 2017).

Assim, ao se analisar a produção científica a respeito deste grupo social, é possível perceber o papel de destaque ocupado pelo corpo, seja em discussões ligadas à identidade, à masculinidade, à satisfação corporal ou à saúde. As discussões levantadas pelos artigos encontrados mostram o retrato de um corpo marcado por normas em relação a aspectos físicos, como o peso, musculatura e quantidade de pelos corporais e faciais, bem como normas relacionadas a aspectos comportamentais e afetivos, como padrões de masculinidade e afetividade. Cabe ressaltar ainda a preocupação demonstrada nos estudos em questão a respeito dos riscos à saúde trazidos pela obesidade dentro deste grupo. Nesse sentido, se faz nítida que parte destes artigos identificam o corpo gordo como um corpo doente, caracterizando um dentre tantos outros discursos a respeito do corpo produzidos e compartilhados socialmente no decorrer da história (Justo & Camargo, 2013).

É possível identificar, no entanto, que essas normas corporais estão diretamente relacionadas às normas hegemônicas vigentes no restante da população (Justo & Camargo, 2013), o que parece demonstrar uma reprodução desses padrões dentro dessas subculturas. Outra evidência que parece corroborar esta teoria é a emergência nos últimos anos da categoria *Muscle Bear* dentro da comunidade ursina (Cerqueira & de Souza, 2015; McGrady, 2016; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017). Para Duncan (2010), essa reprodução de padrões hegemônicos se dá a partir de amplas forças políticas, sociais e econômicas que agem sobre estes grupos no contexto das sociedades de consumo modernas.

2.2 O corpo como objeto social

Ao longo da história da humanidade, o corpo foi foco de discursos, normas, avaliações, representações, repressões e revoluções. Uma das possíveis interpretações para este fenômeno é de que, como objeto social, o corpo possui um lugar particular, uma vez que se encontra na fronteira entre a esfera individual e social (Jodelet, 1984; Justo & Camargo, 2013). Ou seja, da mesma forma que o indivíduo experimenta seu próprio corpo, é através dele que percebe o meio em que vive e é percebido por seus pares nas suas interações sociais (Jodelet, 1984).

Entretanto, a forma como o sujeito pensa e experiencia o seu próprio corpo e o do outro não é fixa e imutável. Ela está diretamente relacionada aos modelos de pensamento presentes nas diferentes culturas e nos diferentes tempos (Jodelet, 1984; Ory, 2008, Justo & Camargo, 2013). Jodelet (1984) buscou compreender as diferenças que as mudanças culturais

ao longo de duas décadas causaram na relação de determinada população com o corpo. Os resultados revelaram que, ainda que em um curto período de tempo, transformações na cultura, em especial na medicina, no esporte, nas normas relacionadas à sexualidade humana e nos meios de comunicação de massa impactaram diretamente os significados, discursos e práticas corporais dos sujeitos.

Da mesma forma, diferentes culturas em países distintos podem apresentar noções divergentes relacionadas ao corpo, ainda que dentro de um mesmo período histórico (Ory, 2008; Justo & Camargo, 2013). Um exemplo disso é a forma como, entre os ursos americanos percebe-se uma prevalência de homens peludos e parrudos, enquanto entre os ursos europeus há uma predominância de um maior peso corporal, com menor ênfase nos pêlos faciais (Manley et al., 2007). Este mesmo padrão corporal com poucos pelos e maior peso é encontrado ainda entre os ursos de origem chinesa (Lin, 2014).

Assim, cada grupo social, inserido em uma determinada cultura e em um determinado período histórico, produz discursos e normas sobre o corpo que irão impactar nas práticas corporais de seus membros diretamente. Essas normas sociais podem ser compreendidas como expectativas impostas por um grupo social acerca do comportamento de seus membros (Jesuino, 2006; Justo & Camargo, 2013). Em se tratando de normas corporais, essas irão ditar não apenas as práticas dos indivíduos em relação ao corpo – como o uso de cosméticos, a prática de exercícios físicos, cirurgias plásticas, dietas, entre outros –, como também as características que um corpo deve possuir para ser socialmente valorizado, o que influenciará diretamente na auto-estima, auto-imagem e satisfação corporal dos indivíduos (Camargo, Justo, & Jodelet, 2010).

Ainda que o corpo das mulheres seja mais alvo de normatizações e com normas mais rígidas que no caso dos homens, Camargo et al. (2010) apontam que os padrões estéticos existem para ambos os gêneros, mesmo que sejam distintos para cada um. Nesse sentido, os homens tendem a orientar suas práticas corporais em virtude de critérios pessoais, enquanto as mulheres se encontram mais sensíveis ao julgamento de outras pessoas (Jodelet, 1984). Pesquisas realizadas acerca da imagem corporal e satisfação corporal dos homens apontam ainda que aspectos como peso, musculatura, altura, pelos corporais e cabelos são importantes para a satisfação corporal masculina. Entretanto estes ainda apresentem satisfação corporal maior se comparados com as mulheres, mesmo quando destoando dos padrões sociais (Justo & Camargo, 2013).

Essas diferenças são advindas das diferentes funções sociais que o corpo possui, como a função de ação, a função de cognição e a de afetividade. Essas funções englobam diferentes

comportamentos em relação à forma como as pessoas se comportam em relação ao corpo e o utilizam para se colocarem no mundo. Tais comportamentos visam desde a aceitação social e práticas de saúde e bem-estar à adequação às normas sociais e a busca pelo prazer através da troca de afetos com os outros (Camargo, Justo, & Alves, 2011).

Assim, é possível afirmar que o corpo se apresenta como um importante objeto de estudo para a compreensão de processos psicossociais tanto a níveis sociais quanto a níveis individuais. Diversas normas, discursos, saberes e representações sobre o tema são construídos e compartilhados diariamente, seja através da mídia de massa, da divulgação de descobertas científicas ou das interações sociais cotidianas entre os indivíduos. No presente trabalho, optou-se por compreender que saberes sobre o corpo são construídos nas interações sociais dentro da comunidade ursina e de que forma esses saberes interagem com a construção dessa identidade social. Essa análise foi realizada a partir da ótica da Teoria das Representações Sociais, como proposto por Serge Moscovici.

2.3 As representações sociais e a Teoria das Representações Sociais

De acordo com Doise (2002), para uma plena compreensão destes processos psicossociais, tal análise se faz necessária em quatro níveis distintos: a) o estudo dos processos intraindividuais, ou seja, o modo pelo qual os indivíduos percebem e compreendem o ambiente; b) dos processos interindividuais, ou seja, a forma como os indivíduos se comunicam uns com os outros; c) o estudo acerca das pertencas grupais e das relações entre grupos sociais; e d) a análise dos sistemas de crenças, representações, normas sociais e da cultura de forma mais ampla. Dessa forma, é possível empreender uma tentativa de compreensão e explicação dos fenômenos psicossociais como um todo (Doise, 2002).

Durkheim, a quem Moscovici atribui a paternidade da Psicologia Social, compreendia os níveis individual e coletivo como sendo de dimensões distintas e operando cada um sob leis próprias. Nesse sentido, o autor diferenciava o estudo das representações individuais, dentro do campo de estudo da Psicologia, do estudo das representações coletivas, dentro do campo da Sociologia (Castro, 2002; Moscovici, 1981), sendo este último a base utilizada por Moscovici para propor o conceito de representação social.

O conceito de representação coletiva proposto por Durkheim diz respeito a formas de conhecimento que “impõem-se aos indivíduos e justificam as regularidades duradouras que encontramos nas sociedades e nas culturas” (Castro & Vala, 2011, p. 581), tais como ciência, religião, mitos, etc. Tais representações, para Durkheim, teriam um caráter estático, não se alterando com o passar do tempo e sendo irredutíveis pela análise (Moscovici, 1981), uma vez

que o autor se debruçava sobre o estudo de sociedades menos desenvolvidas tecnologicamente (Farr, 2012). Entretanto, com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação de massa e o desenvolvimento das sociedades mais industrializadas, ainda que o conceito de representações coletivas não tenha ficado obsoleto, a velocidade da transmissão das informações e a pluralidade de ideias coexistentes das sociedades modernas passaram a requerer outro tipo de análise. Para isso, Moscovici (1981) desenvolve o conceito de representação social.

Cunhada em 1961 por Serge Moscovici em sua obra *La Psychanalyse, son image et son public*, a noção de *representação social* surgiu para preencher uma lacuna entre os arcabouços teóricos da psicologia social e da sociologia (Castro, 2002), sendo considerada como conceito-chave da assim fundada Teoria das Representações Sociais. Ainda que este conceito seja necessariamente aberto e impreciso, é possível compreender as representações sociais como um conjunto de conceitos, afirmações e explicações referentes a um determinado objeto social originadas nas interações sociais entre os indivíduos no cotidiano. (Moscovici, 1981; Castro & Vala, 2011; Jodelet, 2003). Em outras palavras, Santos (2005) afirma:

“Falar em representações sociais é remeter-se ao conhecimento produzido no senso comum. Porém, não a todo e qualquer conhecimento, mas a uma forma de conhecimento compartilhado, articulado, que se constitui em uma teoria leiga a respeito de determinados objetos sociais” (p. 21).

Moscovici compreende as representações como sistemas dinâmicos, em uma constante mutação causada pelas interações sociais (Moscovici, 1981; Castro & Vala, 2011). Dessa forma, aproxima o conceito de representação do arcabouço teórico da Psicologia Social, enfatizando a posição do sujeito que constrói e é construído em seu contexto social e histórico nesta equação. Cabe salientar ainda a importância da descrição e explicação da forma de construção e funcionamento das representações para a plena compreensão da cognição social (Castro & Vala, 2011). Assim, Moscovici desenvolve a Teoria das Representações Sociais para estudar o fenômeno representacional, criando a partir daí uma teoria científica para o estudo do senso comum, ou seja, deste conhecimento leigo elaborado, compartilhado e modificado por meio das interações sociais no cotidiano (Santos, 2005; Wachelke & Camargo, 2007).

Ainda a respeito da Teoria das Representações Sociais, cabe ressaltar que da referida teoria derivam três grandes abordagens teórico-metodológicas distintas, formas de compreender e investigar o fenômeno representacional: a **abordagem societal**, proposta por

Willem Doise, a **abordagem estrutural** de Jean-Claude Abric e a **abordagem processual** de Denise Jodelet. A abordagem societal abordará as representações sociais a partir de um olhar sociológico. Abric, por outro lado, enfocará os processos cognitivos envolvidos da formação e estruturação das representações. Já a abordagem de Denise Jodelet possui enfoque nas interações sociais entre os indivíduos para compreender o processo de formação das representações sociais (Almeida, 2005).

Moscovici (1981) distingue, ainda, as categorias de *universos consensuais* e *universos reificados* como sendo traços distintivos de nossa cultura. A concepção de *universo reificado* fala de campos de construção do conhecimento nos quais “a sociedade se concebe como um sistema com diferentes papéis e categorias” (Moscovici, 1981, p. 4) onde os indivíduos interagem de acordo com sua posição em uma trama de saberes distintos hierarquizados. Já a noção de *universo consensual* compreende espaços de interação nos quais “a sociedade se vê como um grupo feito de indivíduos que são de igual valor e irredutível” (Moscovici, 1981, p. 4) e onde os diversos conhecimentos são construídos e desconstruídos de maneira dinâmica nas interações cotidianas, ou seja, o senso comum.

A distinção entre os saberes dessas duas categorias pode ser ainda compreendida com base nos processos sociocognitivos envolvidos em sua formação. Enquanto nos universos reificados o saber é construído com base em formulação e testagem de hipóteses a partir de uma rigorosa metodologia, o conhecimento produzido nos universos consensuais se dá a partir de dois processos específicos: a ancoragem e a objetivação (Moscovici, 1981; Castro & Vala, 2011).

A primeira diz respeito ao processo pelo qual o sujeito social utiliza de conceitos, imagens e explicações adquiridas previamente pelo grupo social em que está inserido para que seja possibilitada a absorção, classificação, compreensão, avaliação e nomeação de novos objetos sociais. Já a objetivação pode ser entendida como o processo pelo qual estes conceitos e imagens são retirados de um plano abstrato e se tornam concretos no contexto social dos indivíduos e grupos (Santos, 2005).

Além dos mecanismos formativos próprios que diferenciam a construção das representações sociais da construção do conhecimento científico (universo consensual e reificado), outra diferença significativa se dá em relação às funções da representação. São elas: a) dar sentido à realidade social, ao passo que auxiliam os indivíduos a explicar o mundo; b) organizar as comunicações tornando este saber partilhado socialmente o padrão da comunicação grupal; c) orientar as condutas tornando-se uma espécie de guia para a ação; e d) produzir identidades, protegendo as especificidades dos grupos (Santos, 2005; Patriota, 2007).

Assim, as múltiplas pertencas grupais vão influenciar e ser influenciadas pela maneira como o sujeito enxerga o mundo e os diferentes objetos sociais. Nesse sentido, ao se pensar em uma análise das representações sociais sobre o corpo, faz-se necessária a análise da relação entre o indivíduo (Ego), o grupo social ao qual pertence (Alter/Outro) e o objeto social em questão (Objeto), como proposto por Moscovici (1984). Para Wachelke, Natividade, Andrade & Wolter (2015), “os três vértices desse triângulo sempre deveriam ser levados em consideração, pois eles todos determinam e são determinados uns pelos outros. Um fenômeno psicossocial envolveria a consideração de todas as três instâncias” (p. 174, tradução nossa).

Ao se considerar o fenômeno psicossocial, o corpo pode ocupar um lugar privilegiado dentro dos estudos em Representações Sociais, especialmente por sua natureza que conecta os três vértices desse triângulo. Por um lado, como já foi dito, o corpo é aquilo que se encontra na fronteira entre as esferas individual e social (Jodelet, 1984; Justo & Camargo, 2013). É ele que fará a divisão entre o Eu (Ego) e o Outro (Alter). E ainda exatamente por sua importância tanto para a esfera individual quanto para a social, o corpo aparece também como um saliente objeto representacional.

Diversas pesquisas foram realizadas no Brasil tendo como objeto de estudo as representações sociais acerca do corpo. Após busca em bases de dados online, foram encontrados artigos publicados que relatam pesquisas nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina. Estes estudos abarcaram diferentes dimensões das representações sociais sobre o corpo, como a relação entre as representações sociais sobre o corpo e suas funções sociais (Camargo et al., 2011b), estética e saúde (Camargo, Goetz, Justo, & Bousfield, 2011), etc.

Os resultados destas pesquisas apontam para representações sociais sobre o corpo estruturadas a partir dos conceitos de saúde, estética e movimento (Camargo et al., 2011a; Passos, Gugelmin, Castro, & Carvalho, 2013). Em relação à saúde, os resultados demonstram aspectos ligados à prática de exercícios físicos e ao bem-estar. Entretanto, os estudos apontam que tais práticas e discursos vão além dos cuidados com a saúde, contemplando ainda normas sociais relacionadas à busca de um “corpo perfeito” e a padrões hegemônicos de beleza (Camargo et al., 2011a; Passos et al., 2013). Vale ressaltar que baixos níveis de satisfação corporal foram encontrados em participantes adolescentes e jovens, mesmo aqueles que possuíam IMC considerado dentro do padrão normal (Camargo et al., 2011a; Camargo et al., 2011b; Passos et al., 2013). Diferenças significativas foram encontradas em participantes adultos, demonstrando implicações relacionadas à faixa etária dos participantes em estudos envolvendo representações sociais sobre o corpo.

Os conteúdos representacionais ligados à estética aparecem relacionando beleza ao enquadramento em normas e padrões sociais. Nesse sentido, o corpo aparece como um mediador das interações sociais e como um aspecto primordial na formação das impressões de si mesmo e dos outros (Camargo et al., 2011b; Passos et al., 2013). Ainda que práticas como o uso de cosméticos e cirurgias plásticas que visem um aprimoramento estético do corpo sejam percebidas socialmente de forma positiva, é perceptível que os discursos compartilhados socialmente acerca da beleza valorizem aspectos subjetivos da beleza em detrimento dos padrões sociais (Camargo et al., 2011a).

Já quando se fala em corpo como movimento, percebe-se a ideia do corpo como um instrumento utilizado para as atividades diárias. Não necessariamente aqui se observa uma percepção da prática de exercícios físicos para fins de saúde, mas sim o movimento em si mesmo, como andar, correr, em oposição ao estar parado (Passos et al., 2013). Percebe-se aqui a visão do corpo como uma máquina utilizada para fins diversos cujas peças podem ser trocadas quando apresentam defeitos (Martins & Nascimento, 2017; Passos et al., 2013).

Outros conteúdos representacionais acerca do corpo trazem este objeto como cartão-de-visitas, responsável pelas impressões que os sujeitos possuem uns dos outros, sempre atreladas às normas corporais hegemônicas, especialmente no caso das mulheres (Camargo et al., 2010). Mais uma ideia ligada a esse objeto é a de que o corpo bem como a imagem corporal seriam facilitadores do status e aceitação social, partindo do pensamento de que características da personalidade e da identidade dos indivíduos se mostram no corpo (Camargo et al., 2011b; Camargo et al., 2010; Justo & Camargo, 2013). Com isso, pode-se perceber que não apenas as representações sociais sobre o corpo fazem parte da rotina dos indivíduos através de discursos, normas e práticas corporais, mas também compõem parte importante da auto percepção, sua imagem corporal, influenciando diretamente a construção de sua identidade e a relação destes com seus grupos de pertença.

2.3.1 Representações sociais, identidade e categorização

Como dito anteriormente, as representações sociais possuem diversas funções. Entre elas, faz-se necessário destacar o papel identitário que as RS exercem na vida dos indivíduos e grupos. Tais representações tendem a ser uma forma de um determinado grupo social afirmar tanto suas diferenças frente a outros grupos quanto a semelhança entre seus membros (Deschamps & Moliner, 2008).

Neste sentido, o papel das representações sociais nas construções identitárias de diferentes grupos sociais se dá de formas distintas. São elas:

- a) as representações do endogrupo, ou seja, a forma como os membros de um determinado grupo social produzem e compartilham teorias leigas, ideias e percepções acerca do próprio grupo de pertença;
- b) a forma como os membros do grupo representam um determinado objeto social, criando uma representação social majoritária para o grupo em questão, afirmando assim, as semelhanças entre os membros e, conseqüentemente, demonstrando certo grau de coesão grupal frente a um objeto específico;
- c) da mesma forma, a construção de uma representação social de um grupo a respeito de um determinado objeto é responsável ainda pela distinção deste grupo em relação a outros grupos sociais que compartilhem representações distintas (Deschamps & Moliner, 2008).

Pode-se resumir, então, estas diferentes formas de expressão identitária das Representações Sociais na seguinte frase:

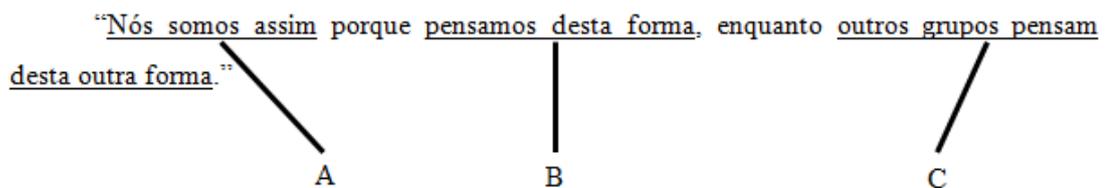


Figura 3. Dimensões representacionais da identidade.

A todo o momento os indivíduos são bombardeados com estímulos no meio no qual estão inseridos. Estes estímulos lhes pareceriam um tanto caóticos, não fosse a capacidade humana de ordená-los e simplificá-los para possibilitar o processamento de informações complexas. Para isso, o cérebro humano tende a agrupar os estímulos em categorias, de acordo com suas semelhanças e diferenças, em um processo denominado categorização (Amâncio, 2006; Deschamps & Moliner, 2008). Ainda que se fale aqui de estímulos físicos de um modo geral, o mesmo se aplica aos estímulos sociais que são recebidos diariamente. Em suas interações com o outro, os sujeitos também possuem a necessidade de agrupar as pessoas em categorias de acordo com suas semelhanças e diferenças, a fim de sistematizar seu entorno, facilitando a explicação e o controle sobre o mesmo. A este processo dá-se o nome de categorização social (Deschamps & Moliner, 2008).

Todavia, este processo não se dá de forma neutra, livre de juízos. As características atribuídas às categorias sociais são, muitas vezes, valorizadas ou desvalorizadas socialmente. Assim, ao atribuir características a determinadas categorias sociais, cria-se ainda um sistema

de categorização que também é valorativo. É possível perceber ainda que, por ser um processo de simplificação da realidade, a categorização social está marcada por tendenciosidades, como a tendência a atribuímos características positivas aos endogrupos (grupos aos quais pertencemos) e características negativas aos exogrupos (grupos aos quais não pertencemos) (Amâncio, 2006). Dessa forma, Amâncio (2006) afirma que “uma vez que [a identidade] está associada ao conhecimento da pertença, evocado pela categorização, o significado emocional e avaliativo que resulta dessa pertença exprimir-se-ia no favoritismo pelo endogrupo em detrimento do outro” (p. 396).

É possível afirmar ainda que a comparação entre grupos sociais é a força que move a construção de uma identidade social positiva, sendo que a construção de uma identidade social pressupõe, além de um sentimento de pertença a determinadas categorias sociais baseado nas semelhanças entre os pares, um sentimento de oposição em relação a outras categorias sociais fundamentado nas diferenças entre o endogrupo e o exogrupo (Doise, 2002; Deschamps & Moliner, 2008). Ou seja, a formação de uma identidade social implica em um sistema de diferenciação e categorização dos indivíduos em grupos de pertença e não-pertença.

Como consequência direta do processo de categorização, cria-se ainda uma tendenciosidade na percepção dos estímulos sociais, levando-nos a aumentar a percepção das diferenças entre os indivíduos de diferentes categorias sociais (diferenciação cognitiva) e das semelhanças entre indivíduos dentro da mesma categoria (estereotipia cognitiva) (Deschamps & Moliner, 2008). De acordo com Deschamps e Moliner (2008), “quanto mais identificação com um grupo houvesse, tanto mais diferenciação haveria desse grupo com outros grupos e percepção de uma diferença” (p. 23).

Dessa forma, é possível perceber que a identidade social de um indivíduo ou grupo se relaciona diretamente com a forma como estes perceberão e interpretarão o mundo ao seu redor, pois é através do processo de categorização social que organizamos e damos sentido e valor aos elementos constitutivos da realidade na qual estamos inseridos (Bonomo et al., 2008). No caso dos ursos, esse processo de categorização se inicia na diferenciação da categoria “urso” de outros subgrupos da comunidade LGBT e culmina em uma série de subcategorias que possuem como conteúdos descritivos, traços físicos, étnicos, etários e comportamentais, como os *chasers*, os *muscle bears*, os *otters*, os *black bears*, os *daddy bears*, entre outros. Entretanto, não foi possível encontrar na literatura científica a respeito dos ursos explicações acerca da função desta “supercategorização”.

Nesse sentido, a utilização das ferramentas analíticas e do arcabouço teórico da Teoria

das Representações Sociais auxiliam-nos na busca pela compreensão da complexidade dos processos identitários em um grupo como os ursos e da relação entre estes processos e os conhecimentos socialmente construídos e compartilhados dentro deste grupo acerca do corpo. Como afirma Breakwell (1993),

“enquanto as representações sociais assumem um papel na delimitação de identidades sociais (tanto no conteúdo quanto na valoração) através da definição das identidades e limites grupais, identidades sociais por sua vez através da exposição, aceitação e uso das representações sociais podem formatar seu desenvolvimento” (p. 12).

3 Objetivos

- **Objetivo Geral:** identificar relações entre os processos identitários relacionados à comunidade ursina e as representações sociais acerca do corpo para este grupo.
- **Objetivos Específicos:**
 - Identificar os significados atribuídos pelos participantes a respeito da comunidade ursina da pertença a este grupo;
 - Conhecer os processos identitários relacionados ao ser-urso considerando suas diferentes subcategorias;
 - Descrever as representações sociais relativas ao corpo entre os participantes da pesquisa;
 - Identificar possíveis intersecções entre as representações sociais acerca do corpo e as construções identitárias relativas ao ser-urso.

4 Método

Foi realizada uma pesquisa com delineamento exploratório-descritivo, ou seja, um estudo que visou conhecer o problema mais a fundo e descrever as características tanto da população estudada (os ursos brasileiros), quanto do fenômeno em questão (as representações sociais sobre o corpo e os processos identitários presentes neste grupo) (Gil, 2002). Sendo assim, este estudo foi realizado a partir de questionário online utilizando a plataforma Google Formulários.

4.1 Participantes

Foi utilizada abordagem não probabilística na forma de amostragem de conveniência. Esta se caracteriza pela seleção dos participantes de acordo com a disposição e disponibilidade para participar da pesquisa (Shaughnessy, Zechmeister & Zechmeister, 2012), tendo como participantes homens sexodiversos brasileiros que se identifiquem como membros da comunidade ursina (ursos e seus admiradores).

Dessa forma, o questionário foi então compartilhado nas redes sociais do pesquisador (Facebook e Instagram) e em grupos na plataforma Facebook, selecionados por serem grupos brasileiros destinados a homens que se identificam como ursos, bem como grupos voltados à comunidade de homens sexodiversos de um modo geral. A partir de pesquisa prévia, foram selecionados os seguintes grupos para compartilhamento do questionário¹:

- Bear Society-Brazil (Ursos do Brasil) (26.610 membros)
- Ursos do Brasil (20.528 membros)
- Faça amor, não faça a barba – GAY (15.071 membros)
- Ursound (6.386 membros)
- FLSH Mag Club (5.027 membros)
- URSOS & CHASERS – Relações Livres e Poliamores (3.822 membros)
- Bear-Cub-Chaser-Chubby-Muscle-Daddy “BRASIL” (2.618 membros)
- Estudos ursinos / Bear Studies (10 membros)

¹ Dados referentes a acesso em 14 de Agosto de 2019.



Figura 4. Imagem de divulgação da pesquisa no Facebook e Instagram.

A imagem contida na figura 3 foi compartilhada juntamente com a postagem em ambas as redes sociais (Facebook e Instagram), sendo acompanhada de texto informativo a respeito da pesquisa e link para o questionário. No Instagram, a fim de ampliar o alcance da postagem e atingir um maior número de participantes em potencial, foram ainda utilizadas as seguintes hashtags #ursos, #bears, #ursosdobrasil, #bearsofbrazil, #instabear e #chaser.

Os critérios de inclusão dos participantes na primeira etapa da pesquisa foram: a) ser brasileiro; b) ser maior de 18 anos; c) se identificar como urso ou admirador; d) consentimento com a pesquisa; e e) disponibilidade para responder ao questionário. Esta etapa foi realizada com uma amostra de 333 participantes.

4.2 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

O questionário consistiu de questões abertas e fechadas, visando levantar os seguintes tópicos (Anexo 01): a) sentimento de pertença dos participantes em relação ao grupo dos ursos; b) como se deu a construção deste sentimento de pertença; c) crenças sobre possíveis diferenças entre a os ursos e outras construções identitárias presentes no meio LGBTQ+; d) representação social sobre o corpo para esta população; e) satisfação corporal; f) práticas corporais relacionadas ao ser urso; g) representações acerca da masculinidade; e h) dados sociodemográficos – como idade, estado, etnia, orientação sexual, identidade de gênero, entre outros.

Para realizar a avaliação dos itens “a”, “b” e “c” foi utilizada, além de perguntas abertas para que os participantes descrevessem sua experiências e crenças, também uma escala de identificação com o grupo proposta por Wachelke (2012) composta por 6 itens que avaliam, partindo de respostas Likert de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente), diferentes aspectos relacionados à pertença grupal.

Para que fosse possível o levantamento das representações sociais acerca do corpo para os entrevistados (item “d”) foi utilizada a técnica de evocação livre de palavras, estruturada “sobre a evocação das respostas dadas a partir dos estímulos indutores” (Nóbrega & Coutinho, 2011, p. 97). De acordo com as autoras, esta técnica objetiva “identificar as dimensões latentes nas RS, através da configuração dos elementos que constituem a trama ou rede associativa dos conteúdos evocados em relação a cada estímulo indutor” (p. 97). Cabe salientar que esta técnica foi utilizada de duas formas: uma forma inicial na qual o participante foi solicitado a responder de modo pessoal e uma segunda forma em que foi utilizada a técnica de substituição, na qual o participante foi solicitado a responder de acordo com o que ele acredita que o seu grupo de pertença (no caso, os ursos) responderia. A técnica de substituição tem por objetivo abranger a zona muda das representações sociais, que pode ser definida como conteúdos representacionais que não são expostos abertamente por não estarem de acordo com a norma social vigente, como estereótipos e preconceitos (Menin, 2006).



Figura 5. Personagem fictício "Davi".

Para realizar o levantamento de práticas corporais relacionadas à identidade urso, foi selecionada uma imagem retirada do banco de imagens gratuitas online Pexels (<https://www.pexels.com/>) de um homem que estaria dentro dos padrões de beleza hegemônicos, ou seja, branco, magro e sem pelos faciais (figura 5). A partir da imagem em questão, foi criada uma história fictícia a fim de levantar as práticas corporais que este homem

precisaria adotar para se tornar um urso. Intitulado como “O Caso de Davi”, nesta sessão do questionário os participantes foram convidados a responder se eles acreditavam que este homem poderia vir a se tornar um urso e o que ele poderia fazer em relação ao corpo para que pudesse ser considerado um urso.

Tendo o estudo envolvido coleta de dados via internet, dada a intenção de contemplar participantes de todo o Brasil, o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado antes do início da coleta de informações e, ao final da página, a declaração e assinatura de consentimento da participação da pessoa como voluntário foi substituída por uma caixa de seleção “Declaro que fui informado e esclarecido sobre a presente pesquisa, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo”. Esse tratamento foi dado diante da impossibilidade de coletar as assinaturas dos participantes pela internet, o que não compromete o respeito a todos os princípios éticos da pesquisa. Por fim, os dados somente foram computados com a finalização de todas as etapas e com o envio das respostas, garantindo a possibilidade de o participante desistir em qualquer momento. Todas as informações da pesquisa são confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

4.3 Análise dos dados

Para a análise quantitativa dos dados obtidos através do questionário, foi utilizada estatística descritiva e relacional através do uso do software PSPP. A análise qualitativa dos resultados foi realizada utilizando os métodos de análise de conteúdo e análise lexical.

A análise de conteúdo, proposta por Lawrence Bardin (1977), pode ser descrita como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p. 44). A autora ressalta ainda que o objetivo da análise de conteúdo “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (p. 44).

A análise lexical pode ser compreendida como um conjunto de técnicas para análise estatística de textos que viabilizam a categorização dos dados a partir de técnicas estatísticas em dados qualitativos (Lahlou, 1994). Para essa análise, foi utilizado o software IRaMuTeQ, que viabiliza diferentes tipos de análises textuais, desde análises mais simples como o cálculo de frequência e a nuvem de palavras a análises multivariadas, como a análise de similitude e a classificação hierárquica descendente (CHD) (Camargo & Justo, 2013).

5 Resultados

5.1 Caracterização dos participantes

Participaram do estudo 333 pessoas que se identificam como ursos e seus admiradores com idades entre 18 e 59 anos ($M=31$ anos e 3 meses; $DP=8$ anos e 4 meses). Para auxiliar as análises relacionais a partir da variável Idade, os participantes foram então distribuídos em dois grupos utilizando-se a mediana (30 anos) como medida de corte. Assim formaram-se dois grupos: 54,05% ($n=180$) participantes até 30 anos de idade e 45,95% ($n=153$) participantes acima dos 30 anos de idade.

Estes participantes estão distribuídos entre as 5 regiões do país, sendo 61,26% da Região Sudeste ($n=204$), 13,81% da Região Sul ($n=46$), 12,91% da Região Nordeste ($n=43$), 7,81% da Região Centro-Oeste ($n=26$) e 4,2% da Região Norte ($n=14$). A distribuição se deu ainda em relação à localização dos participantes dentro de seus respectivos estados, sendo 69,97% ($n=233$) habitantes de regiões metropolitanas e 30,03% ($n=100$) moradores do interior. A figura 5 e a tabela 2 mostram a distribuição dos participantes por região e por estado da federação, respectivamente.

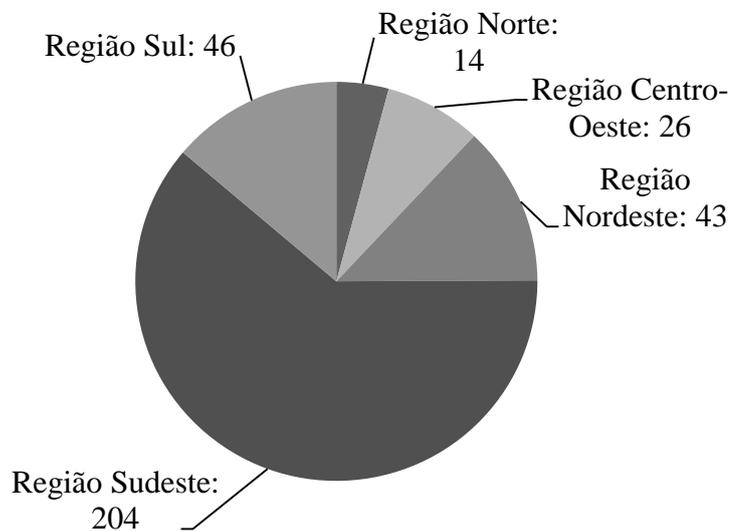


Figura 6. Distribuição dos participantes por região.

Tabela 2
Distribuição dos participantes por estado.

Região	Estado	N	Percentual
Sudeste	São Paulo	84	25,23%
	Rio de Janeiro	52	15,62%
	Espírito Santo	36	10,81%
	Minas Gerais	32	9,61%
Sul	Rio Grande do Sul	21	6,31%
	Paraná	17	5,11%
	Santa Catarina	8	2,4%
Nordeste	Ceará	12	3,6%
	Pernambuco	10	3%
	Bahia	9	2,7%
	Alagoas	3	0,9%
	Paraíba	3	0,9%
	Piauí	2	0,6%
	Rio Grande do Norte	2	0,6%
	Maranhão	1	0,3%
	Sergipe	1	0,3%
Centro Oeste	Distrito Federal	14	4,2%
	Mato Grosso do Sul	6	1,8%
	Goiás	3	0,9%
	Mato Grosso	3	0,9%
Norte	Pará	5	1,5%
	Amazonas	4	1,2%
	Amapá	3	0,9%
	Rondônia	1	0,3%
	Tocantins	1	0,3%

A partir da figura 5, nota-se que a maioria dos participantes encontra-se nas regiões Sudeste (n=204) e Sul (n=46). Observa-se ainda que, comparado a outros estados de mesmo porte em termos populacionais como Paraíba e Rio Grande do Norte, o Espírito Santo destaca-se pelo alto número de participantes (n=36). Este fato deve-se à divulgação pelas redes sociais do próprio pesquisador que acionou a rede de membros da comunidade ursina na qual já se encontrava inserido.

A respeito da identidade de gênero dos participantes, 97,6% (n=325) se identificaram como possuindo identidade de gênero masculina, 1,8% (n=6) se identificaram como não-binários e 0,6% (n=2) preferiram não responder à questão. Acerca da orientação sexual, 90,09% (n=300) se declararam homossexuais, 7,81% (n=26) se identificaram como bissexuais, 0,9% (n=3) se declararam pansexuais, 0,6% (n=2) dos participantes se declararam heterossexuais, e 0,6% (n=2) marcaram a opção “outro”.

Utilizando a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os participantes foram ainda inquiridos acerca de sua cor de pele/etnia através de auto-declaração. Do total de participantes, 54,35% (n=181) se declararam brancos, 34,83% (n=116) se declararam pardos, 8,11% (n=27) se declararam pretos, 0,6% (n=2) se declararam indígenas, 0,6% (n=2) se declararam asiáticos, e 1,5% (n=5) preferiram não responder. A respeito do grau de instrução, 212 participantes (63,66%) afirmaram possuir Ensino Superior Completo, 79 (23,72%) possuem Ensino Superior Incompleto, 36 participantes (10,81%) informaram possuir Ensino Médio Completo, 5 (1,5%) afirmaram possuir Ensino Médio Incompleto e apenas 1 (0,3%) afirmou possuir Ensino Fundamental Incompleto.

Dos 333 participantes, 169 (50,75%) declararam não se encontrarem em um relacionamento no momento, enquanto 161 (48,35%) afirmaram estarem em um relacionamento. 3 participantes (0,9%) preferiram não responder à questão. Ao serem inquiridos acerca do tempo de relacionamento (em meses), as respostas variaram entre 1 mês e 25 anos, sendo a média de tempo de relacionamento 56 meses e meio (4 anos e 6 meses; DP=59,59).

A partir dos dados auto-atribuídos de peso e altura, foi possível realizar o cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC) dos participantes por meio da fórmula $IMC = \text{peso} / \text{altura}^2$, sendo o mínimo 16,79 e o máximo 66,9. A média de IMC entre os participantes foi de 31,64, (DP=7,04). Utilizando a tabela padrão da Organização Mundial de Saúde para classificar os participantes de acordo com o IMC, obteve-se o seguinte resultado: apenas 1 participante (0,3%) classifica-se como Baixo Peso (IMC < 18,5). 18,32% (n=61) dos participantes encontram-se no que a OMS classifica como Peso Normal (IMC entre 18,5 e 24,9); 25,83% (n=86) estão na faixa considerada Sobrepeso; 24,02% (n=80) são considerados portadores de Obesidade – Nível 1; 22,22% (n=74) são portadores de Obesidade – Nível 2; e 9,31% (n=31) são considerados portadores de Obesidade – Nível 3.

Acerca das condições de saúde dos participantes, 72,67% (n=242) afirmaram não ter nenhum problema de saúde, 25,22% (n=84) afirmaram ter algum tipo de problema de saúde e 2,1% (n=7) preferiram não responder à questão. Foi realizada uma categorização a partir dos

problemas de saúde elencados pelos participantes. Ao todo, 45 doenças foram citadas. Excluindo-se as doenças com $f=1$, restam 16 doenças, com frequência média de 5,9. Dessa forma, as doenças que aparecem com frequência acima da média são descritas abaixo.

Tabela 3
Frequência de problemas de saúde.

Problema de Saúde	Frequência	% do Total de Participantes
Hipertensão	22	6,6%
Diabetes	14	4,2%
Ansiedade	10	3%
Depressão	10	3%
HIV	10	3%

5.2 Percepções acerca do Ser-Urso

Questionados acerca do que significaria ser um urso para eles, os participantes relataram características que compõem a imagem do homem urso. As respostas foram analisadas a partir do corpus textual “urso”. Ao todo, este corpus possui 662 formas ativas e 364 hapax. Utilizando a análise de similitude, os resultados são demonstrados na árvore de similitude a seguir:

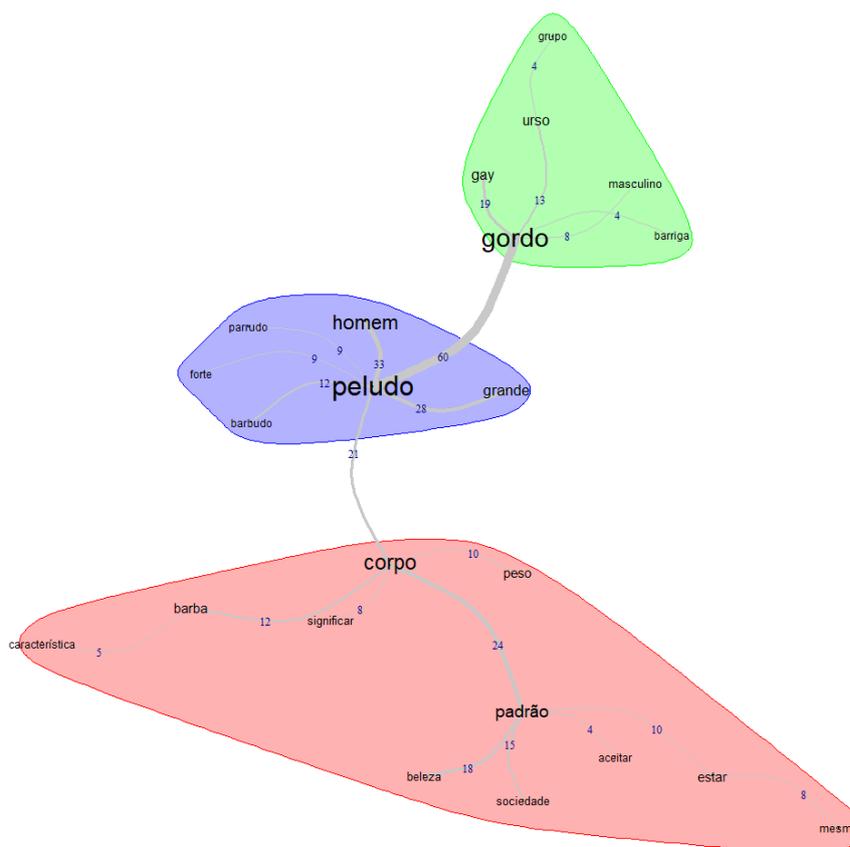


Figura 7. Árvore de similitude do corpus “urso”.

A partir da Figura 6 é possível notar que o corpus “urso” se divide em 3 grandes comunidades de coocorrência, tendo os termos “peludo” (n=129), “gordo” (n=120) e “corpo” (n=93) como termos de destaque, sendo os mais frequentes. O termo “peludo” aparece em coocorrência com termos que compõem a imagem do urso tradicional, como “homem” (n=75), “barbudo” (n=14) e “grande” (n=44). A palavra “corpo” surge então em coocorrência com termos que vão auxiliar a descrição deste corpo, como “peso” (n=24) e “característica” (n=15). Entretanto, ela ocorre ainda em forte índice de coocorrência com a palavra “padrão” (n=60), que por sua vez apresenta em uma série de coocorrências que irão denotar uma relação com as normas corporais socialmente impostas, como “sociedade” (n=23), “beleza” (n=20) e “aceitar” (n=14). Por fim, o termo “gordo” surge em coocorrências que demonstram as especificidades e idiosincrasias deste grupo, como “gay” (n=39), “masculino” (n=17) e “grupo” (n=14).

Em outra questão, os participantes foram indagados acerca de como eles definiriam a comunidade dos ursos. As respostas, mais uma vez, foram agrupadas em um corpus textual denominado “comunidade” e analisadas através do software IRaMuTeQ, utilizando análise de

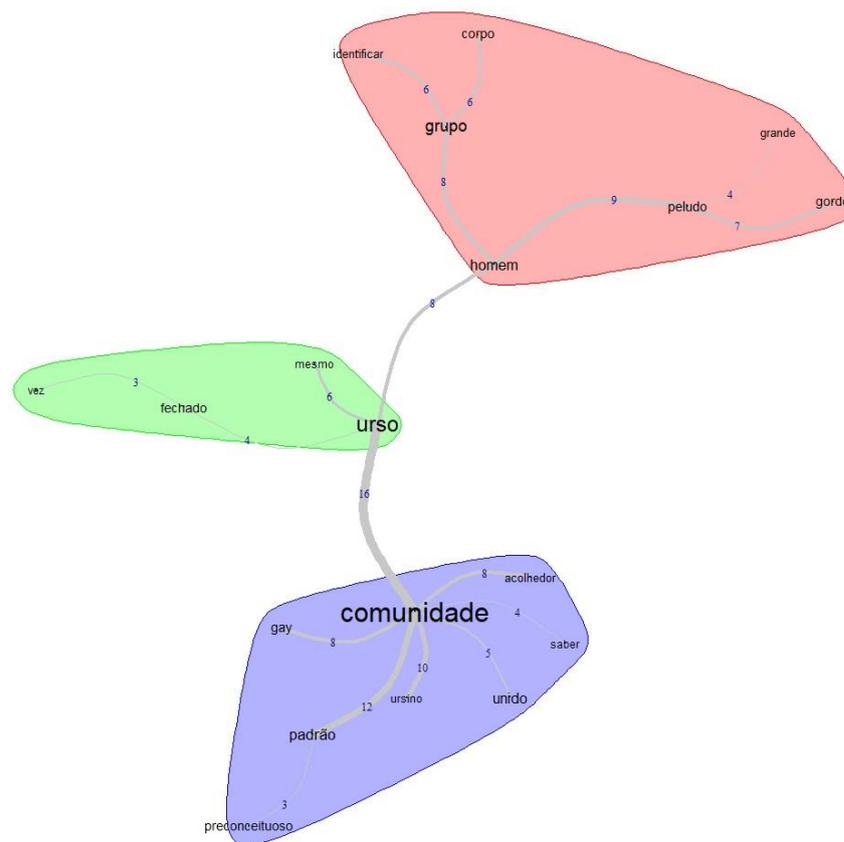


Figura 9. Árvore de similitude do corpus “comunidade”.

A partir da árvore de similitude do corpus “comunidade” (Figura 8) é possível notar que os termos “comunidade”, “urso” e “homem” aparecem em destaque, originando grupos de palavras que aparecem com nível de coocorrência significativo. O termo de maior destaque, “comunidade” surge em coocorrência significativa com termos como “unido” ($f=22$) e “acolhedor” ($f=13$), que indicam características associadas pelos participantes a este grupo. Entretanto, nota-se que entre os termos presentes nas respostas, o termo “padrão” aparece em coocorrência com o termo “preconceituoso” ($f=18$), também indicando uma característica atribuída à comunidade por seus membros. Já o termo em destaque “urso”, ainda que aparecendo em coocorrência com termos mais genéricos como “vez” e “mesmo”, coocorre com a palavra “fechado”, o que pode ser significativo para a análise do todo das respostas. Por fim, o termo em destaque “homem” está ligado a um grupo de coocorrências entre palavras que descrevem o grupo pesquisado de forma geral, como “grande”, “gordo”, “peludo” e “grupo”.

5.3 Ser urso e suas subcategorias

As respostas dos participantes a respeito de como tomaram conhecimento da existência da comunidade e de como vieram a fazer parte desta foram codificadas de acordo com temas presentes nas respostas, assim, a uma resposta como “Sempre tive muitos pelos e não gostava, quando conheci o grupo foi onde me identifiquei e comecei a frequentar boates gays com o tema e adorei” (participante 252) foram atribuídos os códigos “corpo”, “identificação” e “festas e eventos”. Ao todo, 465 temas foram encontrados e divididos em 19 códigos, gerando uma média de 24,47 menções por código. Os códigos resultantes do processo de análise com frequência acima da média estão descritos na tabela a seguir:

Tabela 4
Frequência dos códigos do corpus “Entrada”.

Código	Frequência
Atração	75
Corpo	68
Internet e Redes Sociais	67
Amigos e Conhecidos	47
Identificação	45
Não Faço Parte	37
Reconhecimento por Pares	27

Ao analisarmos a Tabela 4, é possível perceber que o código “Atração” aparece como o mais frequente ($f=75$). Este código engloba respostas que afirmaram ter sido a atração por homens que possuíam características físicas de ursos um dos fatores que levaram os participantes a conhecer este grupo. Já o código “Corpo” ($f=68$) está contido em respostas de participantes que relataram possuírem eles mesmos tais características e, por isso, se aproximarem da comunidade. Os códigos “Internet e Redes Sociais” ($f=67$) e “Amigos e Conhecidos” ($f=47$) demonstram algumas das formas mais comuns através das quais os participantes tomaram conhecimento da existência deste grupo social. As respostas de cunho mais genérico, nas quais os participantes relataram que a entrada na comunidade ursina se deu simplesmente por se identificarem com a comunidade de forma geral estão contidas na categoria “Identificação” ($f=45$). A categoria “Não Faço Parte” ($f=37$), como o próprio nome já diz, está contida nas respostas de participantes que relataram não se sentirem de fato parte do grupo. Por fim, a categoria “Reconhecimento por Pares” foi criada a fim de englobar respostas de participantes que afirmaram terem sido identificados como ursos por outras

peessoas, mas que não necessariamente eles mesmos se identificam como tal. Por exemplo, “por acaso. algumas pessoas com quem me relacionei que falaram sobre ela e que eu era membro. demorei a entender e me identificar, porque não sou lá muito peludo” (participante 312).

Para realizar a análise da identificação dos participantes com o grupo dos ursos, optou-se por utilizar a Escala de Identificação com o Grupo proposta por Wachelke (2012). Esta escala, composta por 6 itens do tipo Likert, propõe avaliar diferentes aspectos da identificação com o grupo. O índice de confiabilidade alfa de Cronbach foi de 0,89. A média total da escala foi de 4,39 (DP = 1,73).

Tabela 5
Escala de Identificação com o Grupo.

Item	Média	DP
1. Penso frequentemente sobre o fato de ser um urso.	4,33	2,11
2. Vejo a mim mesmo como um urso.	4,75	2,21
3. O fato de que sou um urso é parte importante da minha identidade.	3,90	2,29
4. Identifico-me com outros ursos.	4,68	2,08
5. Ser um urso é parte importante de como eu me vejo.	3,90	2,31
6. Os ursos são um grupo importante para mim.	4,78	2,02
Total	4,39	1,73

Ao observar as médias das respostas a cada um dos itens da Escala de Identificação com o Grupo (Tabela 5), nota-se que os escores abaixo da média geral da escala se deram nos itens 1 (Penso frequentemente sobre o fato de ser um urso), 3 (O fato de que sou um urso é parte importante da minha identidade) e 5 (Ser um urso é parte importante de como eu me vejo). Em comparação aos outros itens da escala, estes itens denotam aspectos de centralidade na identificação com o grupo, ou seja, o quanto a pertença a este grupo é um aspecto central da percepção dos indivíduos a respeito da própria identidade (Wachelke, 2012; Leach et al., 2008).

Outro aspecto levantado a respeito da pertença grupal diz respeito à identificação com as diferentes subcategorias deste grupo. A distribuição dos participantes nestas categorias se deu como descrita na tabela 7.

Tabela 6
Distribuição dos participantes por subcategoria ursina.

Subcategoria Ursina	N	Percentual
<i>Bear</i>	107	32,13%
<i>Chubby</i>	72	21,62%
<i>Chaser</i>	69	20,72%
<i>Grizzly Bear</i>	28	8,41%
<i>Otter</i>	16	4,8%
<i>Black Bear</i>	14	4,2%
<i>Brown Bear</i>	9	2,7%
<i>Cub</i>	7	2,1%
<i>Nenhuma</i>	5	1,5%
<i>Polar Bear</i>	4	1,2%
<i>Muscle Bear</i>	1	0,3%
<i>Panda Bear</i>	1	0,3%

A partir dos dados dispostos na Tabela 6 é possível notar, então, que a subcategoria *Bear* (Urso) aparece com a maior frequência (n=107). Este fato pode se dar por conta de uma maior abrangência desta subcategoria, uma vez que esta apresenta uma descrição mais genérica em comparação com as outras subcategorias. Cabe ressaltar que, ainda que a literatura aponte para um grande impacto do surgimento da subcategoria *Muscle Bear* dentro da comunidade ursina, apenas 1 participante (0,3%) se definiu como pertencente a esta subcategoria. Nota-se ainda a emergência de uma categoria não prevista na revisão de literatura denominada *Cub* (Filhote) (n=7).

Quando relacionados os dados de pertença às subcategorias com os da Escala de Identificação com o Grupo (EIG), obtém-se os seguintes resultados:

Tabela 7

Média na Escala de Identificação com o grupo por subcategoria ursina.

Subcategoria	Média – Escala de Identificação com o Grupo
<i>Polar Bear</i>	5,29
<i>Bear</i>	5,21
<i>Grizzly Bear</i>	4,88
<i>Cub</i>	4,88
<i>Brown Bear</i>	4,68
<i>Chubbie</i>	4,44
<i>Black Bear</i>	4,33
<i>Otter</i>	4,25
<i>Panda Bear</i>	3,17
<i>Chaser</i>	2,95
<i>Nenhuma</i>	2,70
<i>Muscle Bear</i>	2,00

Ao analisar os dados da Tabela 7, é possível perceber que as subcategorias *Polar Bear* ($M=5,29$), *Bear* ($M=5,21$), *Grizzly Bear* ($M=4,88$), *Cub* ($M=4,88$), *Brown Bear* ($M=4,68$) e *Chubbie* ($M=4,44$) possuem escores acima da média na Escala de Identificação com o Grupo. Nota-se ainda que as subcategorias *Chaser* e *Otter*, que diferem das outras em relação às características físicas descritivas destes subgrupos obtiveram escores abaixo da média na EIG ($M=2,95$ e $M=4,25$, respectivamente).

Foi solicitado aos participantes ainda que avaliassem por meio de uma escala do tipo Likert o quanto cada uma das subcategorias ursinas realmente pertence à comunidade, sendo 1 (não pertence nada) e 7 (pertence totalmente). A média de percepção de pertença de cada uma das categorias está disposta na tabela a seguir.

Tabela 8
Média de percepção de pertença (PP) por subcategoria ursina.

Subcategoria Ursina	Média - PP	DP
<i>Bear</i>	6,41	1,45
<i>Polar Bear</i>	6,01	2,01
<i>Black Bear</i>	5,96	1,99
<i>Brown Bear</i>	5,89	2,04
<i>Grizzly Bear</i>	5,87	1,98
<i>Panda Bear</i>	5,80	2,11
<i>Chubbie</i>	5,69	1,91
<i>Muscle Bear</i>	5,31	2,18
<i>Chaser</i>	4,36	2,41
<i>Otter</i>	4,08	2,37

Considerando que a média de Percepção de Pertença possa ser calculada a partir da média das médias individuais de cada subcategoria, obtém-se então $MPP=5,53$ ($DP=2,17$). Assim, pode-se notar que apenas as subcategorias *Muscle Bear* ($M=5,31$), *Chaser* ($M=4,36$) e *Otter* ($M=4,08$) possuem valores de PP abaixo da média.

5.3.1 Percepção de pertença e status inferido

Os participantes foram ainda inquiridos acerca das subcategorias que seriam mais valorizadas dentro deste grupo. A partir de uma lista de 10 subcategorias, estes foram solicitados a marcar as 3 categorias que eles consideram serem mais valorizadas e as 3 categorias que eles consideram menos valorizadas na comunidade. Estes dados foram então formatados de acordo com a presença ou ausência de cada categoria na lista de mais ou menos valorizados, recebendo a codificação numérica 1 para ausência e 2 para presença. A Tabela 10 foi organizada utilizando as subcategorias sugeridas pela literatura, o Percentual de Valorização Inferida (PVI), ou seja, o percentual de participantes que marcaram a referida categoria entre as três mais valorizadas e o Percentual de Desvalorização Inferida (PDI), ou seja, o percentual de participantes que marcaram a referida categoria entre as três menos valorizadas.

Tabela 9.

Percentual de Valorização Inferida (PVI) e Percentual de Desvalorização Inferida (PDI) por subcategoria ursina.

Subcategoria Ursina	PVI	PDI
<i>Muscle Bear</i>	81,08	4,2
<i>Bear</i>	71,17	4,5
<i>Chaser</i>	49,85	32,13
<i>Grizzly Bear</i>	42,94	8,11
<i>Chubby</i>	25,23	51,35
<i>Otter</i>	13,51	51,05
<i>Polar Bear</i>	11,71	29,43
<i>Black Bear</i>	3	50,15
<i>Panda Bear</i>	0,9	41,14
<i>Brown Bear</i>	0,6	27,93

A partir dos dados da tabela 9, nota-se que as três subcategorias percebidas como mais valorizadas pelos membros da comunidade ursina são *Muscle Bear* (81,08%), *Bear* (71,17%) e *Chaser* (49,85%). Em comparação, quando se observa os valores de Percentual de Desvalorização Percebida, nota-se que as subcategorias mais percebidas como desvalorizadas pelos membros da comunidade são *Chubbie* (51,35%), *Otter* (51,05%) e *Black Bear* (50,15%). Entretanto, a fim de se chegar a um resultado acerca da hierarquia das subcategorias dentro deste grupo de forma que sejam consideradas tanto a valorização inferida quanto a desvalorização inferida para cada subcategoria, foi construída uma nova variável denominada Índice de Status Inferido (ISI) a partir da fórmula $ISI = PVI - PDI$.

Tabela 10.
Índice de Status Inferido (ISI) por subcategoria ursina.

Subcategoria Ursina	Índice de Status Inferido
<i>Muscle Bear</i>	76,88
<i>Bear</i>	66,67
<i>Grizzly Bear</i>	34,83
<i>Chaser</i>	17,72
<i>Polar Bear</i>	-17,72
<i>Chubbie</i>	-26,12
<i>Brown Bear</i>	-27,33
<i>Otter</i>	-37,54
<i>Panda Bear</i>	-40,24
<i>Black Bear</i>	-47,15

A partir da Tabela 10 é possível notar uma percepção entre os participantes de que as categorias *Muscle Bear* (ISI = 76,88), *Bear* (ISI = 66,67), *Grizzly Bear* (ISI = 34,83) e *Chaser* (ISI = 17,72) seriam mais valorizadas dentro deste grupo social. Ainda é possível notar que estas categorias, em geral, correspondem a indivíduos cujos corpos encontram-se mais próximos do que seria a norma corporal hegemônica. Em contrapartida, categorias que compreendem indivíduos que se distanciam da norma hegemônica – homens mais velhos, gordos, magros demais para a norma ursina e minorias étnicas – são percebidas como sendo menos valorizadas dentro da comunidade.

5.4 O caso de Davi

Nas questões que envolviam o personagem fictício “Davi”, os participantes foram inquiridos primeiramente a respeito da possibilidade de Davi se tornar um urso. Ao todo, 153 participantes (45,95%) responderam que Davi poderia sim se tornar um urso, 120 participantes (36,4%) responderam “Talvez” e 60 participantes (18,02%) disseram que Davi não poderia ser um urso.

Em seguida, com o objetivo de averiguar possíveis práticas corporais relacionadas ao Ser-Urso, os participantes responderam à questão “No que se refere ao corpo, o que Davi precisaria fazer para se tornar um urso?”. Nota-se aqui que mesmo os participantes que responderam “Não” à questão anterior, em geral responderam a esta questão elencando coisas que Davi precisaria fazer para se tornar um urso. Assim, todas as respostas foram categorizadas de acordo com seu conteúdo independentemente da resposta à questão anterior.

Uma vez que a maioria das respostas comportava mais de uma categoria, o processo de categorização se deu através da criação de códigos que foram adicionados às respostas, a fim de que fosse possível identificar quais categorias estariam presentes em cada resposta. Assim, por exemplo, a resposta do participante 122 que diz “Nada, ele pode se encaixar na categoria de ‘chaser’. Porém, caso ele queira, pode seguir o padrão ursino. Adotar barba, pelos e uma dieta para aumento muscular.” foi seguida pelos códigos “Nada”, “Chaser”, “Barba”, “Pelos” e “Músculos”.

Tabela 11
Frequência dos códigos do corpus “Davi”.

Código	Frequência
Engordar	157
Pelos	133
Porte ²	66
Barba	59
Músculos	48
Nada	32
Chaser	29
Autodeterminação	21
Lontra	9
Masculinidade	5
Não Pode	2
Comunidade	2
Não Sei	2
Tatuagem	2
Essência	2
Outros	4

Com base nos dados apresentados na Tabela 11, pode-se notar a compreensão dos participantes acerca das práticas corporais relacionadas ao ser-urso. Dessa forma, percebe-se

² Faz-se necessário elucidar neste ponto a diferenciação das categorias “Engordar” e “Músculos” da categoria “Porte”. Enquanto as primeiras dizem respeito a elementos e processos específicos relacionados ao corpo, a última aparece nas respostas de forma mais genérica, utilizando termos como “ganhar corpo”, “ficar maior” e “crescer”.

que práticas relacionadas ao aumento de peso e massa corporal como “Engordar”, “Porte” e “Músculos” são algumas das mais frequentemente evocadas. O crescimento de pelos e barba aparecem com frequência alta nas respostas, ajudando a caracterizar a imagem do urso padrão. Ainda assim, é importante notar que os códigos “Nada” ($f = 32$) e “Autodeterminação” ($f = 21$) também surgem com frequência significativa, indicando uma percepção de que para ser um urso, basta que Davi se identifique como tal.

5.5 Satisfação corporal

Outro quesito a ser analisado nesta pesquisa foi o nível de satisfação corporal entre os participantes. Para esta análise, utilizou-se uma escala do tipo Likert de 1 a 7, variando de 1 (Não estou nem um pouco satisfeito com o meu corpo) a 7 (Estou completamente satisfeito com o meu corpo). A média das respostas foi de 4,44 ($DP=1,47$). Utilizando a mediana (5) como ponto de corte, os participantes foram divididos entre os que apresentaram satisfação corporal abaixo da mediana (<5 ; $n=160$) e acima da mediana (≥ 5 ; $n=173$).

5.5.1 Correlatos da identificação com o grupo

Foram realizadas ainda duas análises teste t para amostras independentes, da média de identificação com o grupo com as variáveis dicotômicas criadas anteriormente: a idade e a satisfação corporal, ambas categorizadas de acordo com sua mediana. No que diz respeito à idade, a análise apresentou um resultado significativo, indicando que participantes mais jovens apresentam uma média menor de identificação com o grupo ($M = 4,17$; $DP = 1,72$) quando comparados com participantes mais velhos ($M = 4,65$; $DP = 1,72$), $t(331) = 2,49$, $p = 0,013$. Com relação à satisfação corporal categorizada, participantes mais satisfeitos com o próprio corpo apresentam uma média superior de identificação com o grupo ($M = 4,80$; $DP = 1,76$), quando comparados com participantes menos satisfeitos ($M = 3,95$; $DP = 1,60$), $t(331) = 4,60$, $p < 0,001$.

Em seguida, foram realizadas análises de correlação da média de identificação com o grupo com as seguintes variáveis: nível de satisfação corporal (original, não categorizada), a percepção de pertença a cada um dos subgrupos previamente descritos, a idade (original, não categorizada), o tempo de relacionamento e o Índice de Massa Corporal. Os resultados dessas análises podem ser observados na Tabela 12, a seguir.

Tabela 12

Correlatos da identificação com o grupo e da satisfação corporal.

Variáveis	Identificação com o Grupo	Satisfação Corporal
Identificação com o Grupo	-	0,23**
Satisfação Corporal	0,23**	-
Idade	0,04	0,15**
IMC	0,30**	0,02

Nota: IMC = Índice de Massa Corporal. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Como pode ser observado na Tabela 12, participantes com maior nível de satisfação corporal e maior IMC apresentam maior nível de identificação com o grupo. Com relação à satisfação corporal, esta apresentou correlação positiva e significativa com a idade.

Entre os 333 participantes da pesquisa, 315 (94,60%) afirmaram que gostariam de mudar algo no próprio corpo e 18 (5,40%) afirmaram que não gostariam de mudar nada. No caso de resposta afirmativa, os participantes foram solicitados a informar o que gostariam de mudar no próprio corpo, sendo as respostas codificadas para análise de frequência. Ao todo, foram contabilizados 54 códigos, tendo os códigos que apareceram apenas uma vez sido excluídos da análise. Assim, restaram 35 códigos com frequência média de 11,57 ocorrências por código. Dessa forma, os códigos com frequência acima da média foram organizados na tabela a seguir.

Tabela 13

Frequência das respostas sobre o que os participantes gostariam de mudar em seus corpos.

Código	Frequência
Emagrecer	72
Barriga	59
Massa Muscular	43
Pelos	26
Nada	18
Cabelo	16
Peito	15
Peso	15
Altura	12
Bunda	12
Engordar	12
Pênis	12

Ao analisarmos os dados presentes na Tabela 13, nota-se alta frequência em quesitos que envolvem o controle de peso e massa muscular, como “Emagrecer” ($f = 72$), “Barriga” ($f = 59$), “Massa Muscular” ($f = 43$), “Peso” ($f = 15$) e “Engordar” ($f = 12$). Observa-se ainda frequência acima da média em componentes relacionados à sexualidade, como “Bunda” ($f = 12$) e “Pênis” ($f = 12$).

5.6 A representação do gordo

Uma vez que a literatura científica a respeito deste grupo social demonstra uma visão contra hegemônica a respeito do corpo gordo, compreendeu-se a importância de buscar dados concretos a respeito desta representação entre os participantes da pesquisa. Assim, foi realizada uma questão de evocação de 5 palavras a partir do estímulo textual “GORDO”. As respostas evocadas foram organizadas em uma matriz textual e analisadas no software IRaMuTeQ. No total, 436 palavras foram evocadas. Dessas, 232 se configuram como hapax (palavras com $f=1$), restando 204 palavras, com frequência média de 7,02 ocorrências por palavra. Das palavras com frequência acima da média ($f > 7,02$), onze são adjetivos. São elas: “gostoso” ($n=44$), “fofo” ($n=38$), “grande” ($n=35$), “bonito” ($n=20$), “pesado” ($n=16$), “peludo” ($n=14$), “feio”, ($n=14$), “forte” ($n=11$), “lindo” ($n=11$), “atraente” ($n=9$) e “obeso” ($n=8$).

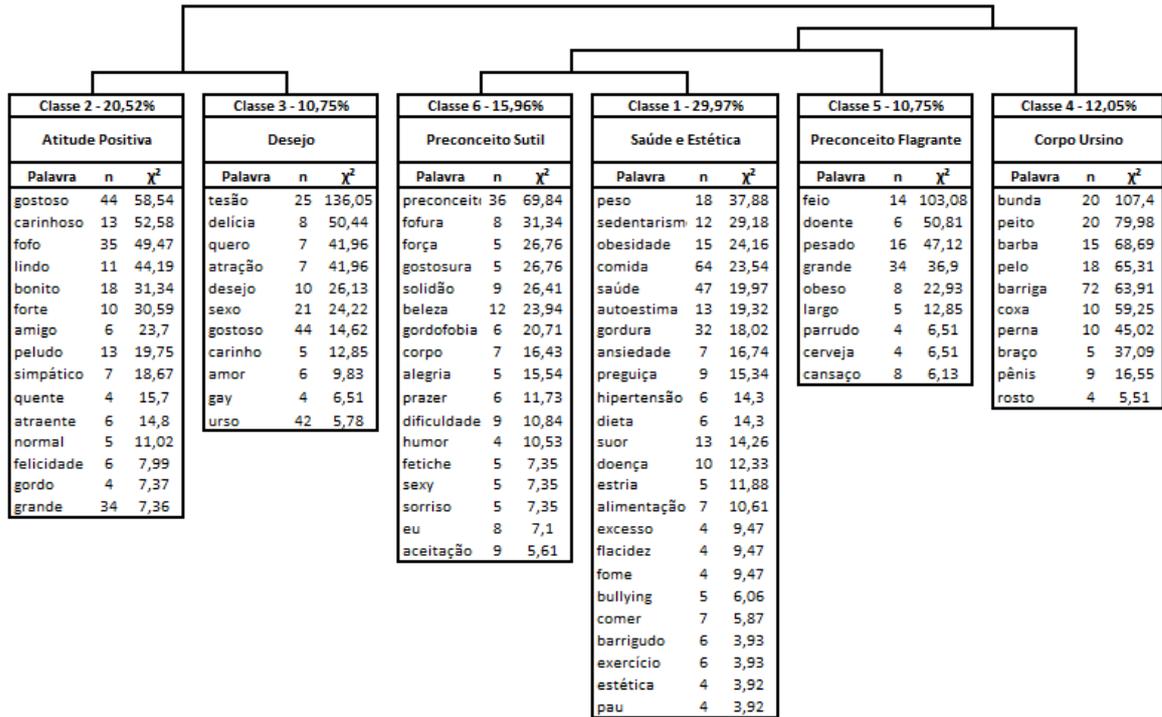


Figura 11. Classificação Hierárquica Descendente da matriz “gordo”.

A figura 10 representa o dendrograma da CHD da matriz “Gordo”. Esta CHD obteve aproveitamento de 92,19%. Este corpus foi particionado na análise em 6 diferentes classes. Na primeira partição, as classes 2 e 3 se separaram do restante do corpus de acordo com seus conteúdos. A classe 2, que corresponde a 20,52% dos termos evocados, foi denominada de “Atitude Positiva” por incluir apenas termos que denotam uma atitude positiva em relação ao corpo gordo e à pessoa gorda, como “gostoso” ($\chi^2=58,54$), “carinhoso” ($\chi^2=52,58$) e “fofo” ($\chi^2=49,47$). Já a classe 3, que corresponde a 10,75% do corpus, foi denominada “Desejo” por ser representada por termos que denotam desejo e atração sexual em relação ao corpo gordo, como “tesão” ($\chi^2=136,05$), “delícia” ($\chi^2=50,44$) e “quero” ($\chi^2=41,96$). É importante notar que a lematização de matrizes de evocação para análise no IRaMuTeQ é feita manualmente. Assim, foi tomada a decisão de manter o verbo “quero” em sua forma conjugada na primeira pessoa do singular para que fosse mantida a noção de desejo do participante em relação ao corpo gordo, ao passo que sua forma infinitiva, “querer”, não expressaria de forma eficiente o mesmo sentimento.

Em sua próxima partição, o corpus deu origem à classe 4, correspondente a 12,05% do corpus, dividindo-a do restante do corpus. Esta classe, denominada “Corpo Ursino”, traz termos referentes a partes do corpo, como “bunda” ($\chi^2=107,4$), “peito” ($\chi^2=79,98$) e “barba” ($\chi^2=68,69$). Em mais uma partição, o corpus deu origem à classe 5, que corresponde a 10,75% do corpus. Esta classe se caracteriza pela presença de termos que denotam preconceito

flagrante relacionado ao corpo gordo, como “feio” ($\chi^2=103,08$), “doente” ($\chi^2=50,81$) e “pesado” ($\chi^2=47,12$). Assim, esta classe foi denominada de “Preconceito Flagrante”. Por fim, o restante do corpus se partitionou em duas outras classes, as classes 6 e 1. A classe 6, que compreende 15,96% dos termos, traz palavras como “fofura” ($\chi^2=31,34$), “gostosura” ($\chi^2=26,76$) e “alegria” ($\chi^2=15,54$). Por entender que estes termos representam uma forma mais velada de preconceito em relação à pessoa gorda, esta classe foi denominada “Preconceito Sutil”. Por fim, a classe 1, a maior classe gerada pela análise contando com 29,97% dos termos, traz elementos como “peso” ($\chi^2=37,88$), “sedentarismo” ($\chi^2=29,18$) e “obesidade” ($\chi^2=24,16$), ressaltando aspectos ligados à saúde e à estética. Esta classe foi denominada, assim, “Saúde e Estética”.

5.7 Os ursos e as representações sociais sobre o corpo

Para aprofundar a compreensão da relação deste grupo com o corpo bem como empreender uma tentativa de acessar as representações sociais acerca deste objeto entre os ursos, foram utilizadas questões de evocação livre tendo o a palavra “CORPO” como estímulo textual. Na primeira questão de evocação que envolvia o termo “Corpo” para os participantes, foram evocadas 369 palavras ao todo. Ao se remover o hapax (palavras com $n=1$) ($n=209$), restaram 160 palavras com uma média de 9,1 ocorrências/palavra. A partir destes dados, foi utilizado o software IRaMuTeQ para realizar a análise de similitude a fim de investigar a coocorrência dos termos com frequência acima da média.

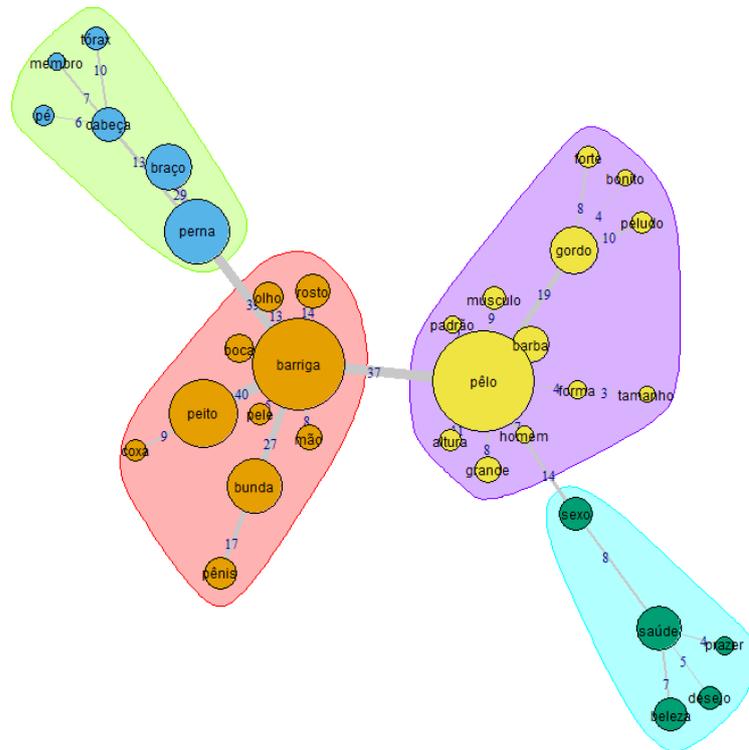


Figura 12. Árvore de similitude da matriz “corpo”.

A partir da Figura 11 é possível observar a distribuição dos termos se deu em duas grandes divisões, tendo “pelo” (n=110) e “barriga” (n=96) como os termos de maior destaque, o que demonstra uma forte evocação da imagem do corpo do urso. O termo “barriga” aparece em coocorrência com uma variedade de termos que representam partes do corpo, como “peito” (n=69), “perna” (n=66) e “bunda” (n=55). Já o termo “perna” aparece ainda em coocorrência com a palavra “braço” (n=45). É possível notar que dentro do grupo de termos que representam partes do corpo (na figura 5, as comunidades em rosa e verde), os elementos ligados ao termo barriga (comunidade rosa) parecem ter conotação mais sexual em comparação com os termos ligados à palavra “perna” (comunidade verde), como “boca” (n=24), “pele” (n=16), “bunda” (n=55) e “pênis” (n=28).

Em relação às classes gramaticais evocadas, observa-se a ausência completa de verbos entre as palavras com ocorrência acima da média. Composta principalmente por substantivos, os únicos adjetivos encontrados na análise são “gordo” (n=46), “grande” (n=21), “forte” (n=16), “peludo” (n=16) e “bonito” (n=10). Desses, “forte”, “peludo” e “bonito” aparecem em coocorrência com o termo “gordo”, o que indica uma relação entre estes termos.

Classe 1 - 16,6%			Classe 2 - 26,09%			Classe 5 - 19,76%			Classe 3 - 13,44%			Classe 4 - 24,11%		
Masculinidade			Forma Física			Urso			Corpo Genérico			Corpo Sexual		
Palavra	n	χ^2	Palavra	n	χ^2	Palavra	n	χ^2	Palavra	n	χ^2	Palavra	n	χ^2
vida	7	36,17	beleza	26	65,9	gordo	43	74,27	olho	21	102,84	bunda	41	84,99
músculo	7	36,17	saúde	39	44,51	peludo	15	54,43	barba	27	38,34	peito	37	76,87
físico	8	29,99	desejo	18	32,94	forte	16	49,42	tórax	5	32,86	pênis	22	67,03
identidade	8	29,99	aceitação	9	26,44	grande	13	45,48	boca	18	29,55	perna	49	50,92
peessoa	5	25,63	prazer	13	24,35	bonito	10	32,39	perna	49	23,6	barriga	73	48,19
homem	7	24,84	autoestima	8	16,16	alto	6	24,95	pele	13	19,24	braço	30	45,07
sexo	29	18,85	cuidado	8	16,16	magro	5	20,71	mão	13	19,24	rosto	19	27,59
força	5	6,94	sexualidade	7	13,27	padrão	11	13,96	barriga	73	17,19	coxa	12	24,15
movimento	5	6,94	academia	4	11,52	masculino	7	12,12	cabeça	11	10,13	pé	6	19,34
forma	9	5,23	tamanho	10	10,41	fofo	4	7,82	altura	6	7,06	cabeça	11	5,82
pele	13	4,73	atração	9	7,97				braço	30	5,12	parrudo	4	5,75
			sexo	29	5,97							boca	18	4,38
			nudez	4	5,04									
			expressão	4	5,04									
			bem_estar	4	5,04									
			tesão	4	5,04									

Figura 13. Classificação Hierárquica Descendente da matriz “corpo”.

A Figura 12 apresenta o dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Descendente referente à matriz “corpo”. Esta matriz foi particionada em 5 classes com um aproveitamento de 91,59%. Na primeira partição, se separaram do restante do corpus as classes 3 e 4. A classe 3 representa 13,4% do corpus e tem como termos significativos as palavras “olho” ($\chi^2=102,84$), “barba” ($\chi^2=38,34$), “tórax” ($\chi^2=32,86$), “boca” ($\chi^2=29,55$), “perna” ($\chi^2=23,6$), “pele” ($\chi^2=19,24$), “mão” ($\chi^2=19,24$), “barriga” ($\chi^2=17,19$), “cabeça” ($\chi^2=10,13$), “altura” ($\chi^2=7,06$) e “braço” ($\chi^2=5,12$). Já a classe 4 representa 24,1% do corpus e possui como termos significativos as palavras “bunda” ($\chi^2=84,99$), “peito” ($\chi^2=76,87$), “pênis” ($\chi^2=67,03$), “perna” ($\chi^2=50,92$), “barriga” ($\chi^2=48,19$), “braço” ($\chi^2=45,07$), “rosto” ($\chi^2=27,59$), “coxa” ($\chi^2=24,15$), “pé” ($\chi^2=19,34$), “cabeça” ($\chi^2=5,82$), “parrudo” ($\chi^2=5,75$) e “boca” ($\chi^2=4,38$). É possível notar que estas classes referem-se a termos relacionados em geral a partes do corpo, sendo a classe 3 referente a partes do corpo de um modo mais geral, enquanto a classe 4 representa um corpo vivenciado sexualmente.

Na próxima partição, a classe 5 se dividiu do restante, totalizando 19,8% do corpus. Nesta classe foram significativos os termos “gordo” ($\chi^2=74,27$), “peludo” ($\chi^2=54,43$), “forte” ($\chi^2=49,42$), “grande” ($\chi^2=45,48$), “bonito” ($\chi^2=32,39$), “alto” ($\chi^2=24,95$), “magro” ($\chi^2=20,71$), “padrão” ($\chi^2=13,96$), “masculino” ($\chi^2=12,12$) e “fofo” ($\chi^2=7,82$). Esta classe parece representar não apenas características do corpo do urso, mas vai além, demonstrando uma atitude positiva frente a este corpo.

Por fim, particionaram-se as classes 1 e 2, sendo a classe 2 a maior classe da CHD, representando 26,1% do corpus. Esta classe contém de forma significativa os termos “beleza”

($\chi^2=65,9$), “saúde” ($\chi^2=44,51$), “desejo” ($\chi^2=32,94$), “aceitação” ($\chi^2=26,44$), “prazer” ($\chi^2=24,35$), “autoestima” ($\chi^2=16,16$), “cuidado” ($\chi^2=16,16$), “sexualidade” ($\chi^2=13,27$), “academia” ($\chi^2=11,52$), “tamanho” ($\chi^2=10,41$), “atração” ($\chi^2=7,97$), “sexo” ($\chi^2=5,97$), “nudez” ($\chi^2=5,04$), “expressão” ($\chi^2=5,04$). “bem_estar” ($\chi^2=5,04$) e “tesão” ($\chi^2=5,04$). Já a classe 1, representando 16,6% do corpus, possui os termos “vida” ($\chi^2=36,17$), “músculo” ($\chi^2=36,17$), “físico” ($\chi^2=29,99$), “identidade” ($\chi^2=29,99$), “pessoa” ($\chi^2=25,63$), “homem” ($\chi^2=24,84$), “sexo” ($\chi^2=18,85$), “força” ($\chi^2=6,94$), “movimento” ($\chi^2=6,94$), “forma” ($\chi^2=5,23$) e “pele” ($\chi^2=4,73$). Enquanto a classe 2 demonstra termos relacionados à forma física e à atração sexual, a classe 1 reflete palavras diretamente ligadas ao padrão hegemônico de masculinidade.

5.7.1 As representações sobre o corpo a partir técnica de substituição

Outra questão de evocação aplicada aos participantes envolveu também o uso do estímulo textual “CORPO” para a evocação das cinco primeiras palavras que viessem à mente a partir deste estímulo. Entretanto, utilizando a técnica de substituição, os participantes foram solicitados a responder como eles acreditavam que os outros membros do grupo responderiam.

Ao analisar a segunda questão de evocação, 299 palavras foram evocadas sendo 171 de hapax. Assim, restaram 128 termos evocados em uma média de 11,67 ocorrências por palavra.

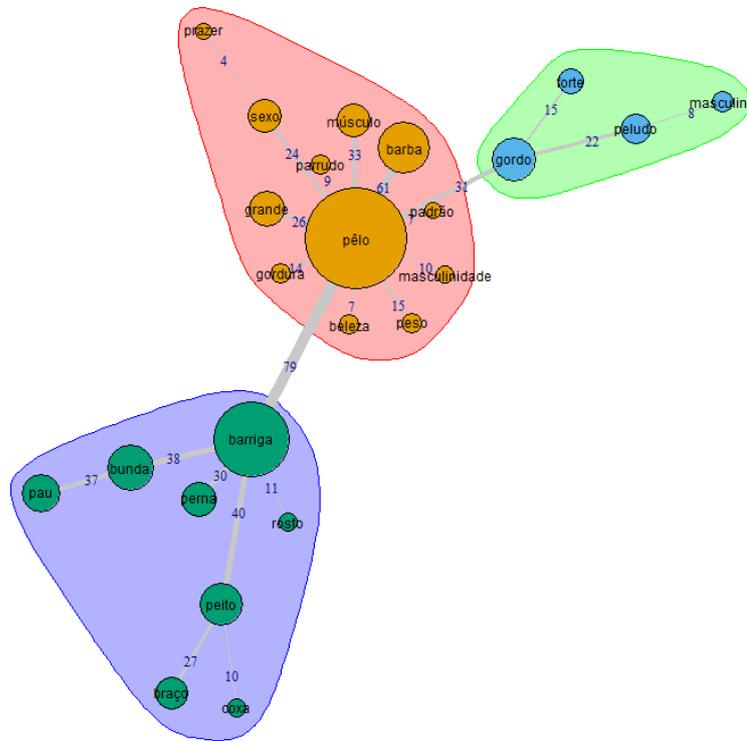


Figura 14. Árvore de similitude da matriz “substituição”.

Ao se analisar a árvore de similitude referente a esta questão de evocação, nota-se algumas diferenças em relação à primeira questão. O menor número de palavras evocadas em relação à primeira questão e a maior média de ocorrências/palavra demonstra uma maior homogeneidade do corpus, o que indica o acesso ao estereótipo do que o urso típico pensaria a respeito do corpo. Entretanto, algumas diferenças sutis nas análises parecem ser dignas de menção.

A sexualidade ursina aparece em maior destaque na Figura 13. Termos como “sexo” (n=49), “bunda” (n=68) e “pau” (n=56) foram evocados com maior frequência em relação à primeira questão. É importante salientar neste ponto que a lematização dos termos evocados foi realizada manualmente, seguindo o critério de frequência das palavras bem como os critérios básicos da lematização. Isso significa que, além das palavras evocadas originalmente terem sido transformadas em sua versão no infinitivo, masculino e singular, os sinônimos foram transformados em cada corpus separadamente em sua versão mais frequente. Este processo gerou diferenças significativas nos resultados ao passo que na matriz “Corpo”, entre todos os sinônimos utilizados pelos participantes para se referirem à genitália masculina,

“pênis” (n=28) foi o mais frequente, tornando-se o padrão para a lematização neste corpus. Em contrapartida, na matriz “Ursos” o sinônimo mais frequente foi “pau” (n=56), seguido de outros termos coloquiais e gírias.

Classe 4 - 23,61%			Classe 5 - 13,77%			Classe 3 - 25,9%			Classe 1 - 16,39%			Classe 2 - 20,33%		
Masculinidade			Forma Física			Urso			Corpo Genérico			Corpo Sexual		
Palavra	n	χ^2	Palavra	n	χ^2	Palavra	n	χ^2	Palavra	n	χ^2	Palavra	n	χ^2
pelo	168	50,99	prazer	10	50,6	gordo	63	85,75	braço	40	181,99	pau	49	94,13
gordura	16	38,22	beleza	15	47,13	peludo	36	84,38	perna	38	123,93	bunda	65	93,21
músculo	44	31,45	padrão	12	39,44	forte	27	76,48	peito	62	91,11	barriga	118	30,85
altura	9	21,92	liberdade	6	38,33	grande	46	48,58	coxa	14	62,59	barba	79	26,8
masculinidade	12	18,3	fetiche	6	38,33	parrudo	17	29,89	costa	7	36,54	boca	8	22,89
barba	79	16,88	saúde	8	37,61	masculino	16	26,95	rosto	13	36,3	cabelo	7	18,91
virilidade	5	16,45	sexo	45	25,62	gostoso	10	22,13	barriga	118	18,81	peito	62	11,04
peso	16	14,16	aceitação	9	21,85	urso	10	22,13	abdômen	5	15,01	olho	4	7,48
musculoso	4	13,12	autoestima	7	20,06	barbudo	6	17,51	bunda	65	12,46			
tamanho	5	8,96	sensualidade	4	12,8	fofo	5	14,54						
homem	5	8,96	desejo	10	11,43	bonito	7	13,35						
tesão	7	4,47	carinho	4	4,48	sarado	6	10,52						
sexo	45	4,18				alto	6	5,3						
						viril	4	5,09						
						robusto	4	5,09						

Figura 15. Classificação Hierárquica Descendente da matriz “substituição”.

Ainda que os termos evocados nesta questão sejam muito próximos dos termos da primeira questão acerca do corpo, a Figura 14, que representa a Classificação Hierárquica Descendente destes termos, demonstra principalmente uma diferente distribuição quantitativa das palavras evocadas, tendo este corpus aproveitamento de 75,98%. É notável que a maior classe da CHD da primeira questão (classe 2, 26,1%) seja a menor classe nesta (classe 5, 13,8%), ou seja, a classe que representa uma visão do corpo como sinônimo de forma física e atração sexual. As classes representativas das características do corpo ursino (na primeira questão, classe 5; na segunda questão, classe 3) e elementos da masculinidade hegemônica (na primeira questão, classe 5; na segunda questão, classe 3) e elementos da masculinidade hegemônica (na primeira questão, classe 1; na segunda questão, classe 4) se mostraram mais frequentes a partir da técnica de substituição.

6 Discussão

O presente trabalho teve como objetivo compreender a dinâmica que envolve os processos identitários relacionados ao ser-urso e as representações sociais acerca do corpo para este grupo. A partir de um estudo exploratório e descritivo, buscou-se identificar quem são os ursos brasileiros, como se constrói esta identidade no seio da comunidade LGBTQ+ e os discursos compartilhados pela comunidade acerca do corpo que não apenas servem como orientadores de práticas corporais idiossincráticas, como também configuram uma forte dimensão identitária para este grupo.

Para fins de organização da discussão dos resultados obtidos durante a pesquisa, esta sessão será organizada a partir de eixos temáticos. Tais eixos contemplarão um panorama geral acerca dos dados sociodemográficos dos participantes do estudo, as representações sociais a respeito do ser-urso e da comunidade ursina como um todo, sentimentos de identificação com o grupo e suas subcategorias bem como a percepção de status destas dentro da comunidade ursina, satisfação corporal e suas relações com a pertença grupal e representações sociais acerca do corpo entre os participantes. Será realizada ainda uma averiguação a respeito dos significados e representações atribuídos ao corpo gordo dentro desta comunidade. Por fim, será discutida mais minuciosamente dimensão identitária deste campo representacional.

6.1 Os participantes do estudo

Os resultados do estudo apontam para uma concentração dos participantes nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste do Brasil, com a região Sudeste representando mais da metade dos participantes da pesquisa. Ao observar a distribuição dos participantes por estado, é perceptível que os participantes se localizam principalmente nos grandes centros urbanos, com os estados de São Paulo e Rio de Janeiro contendo 40,85% dos respondentes do questionário. Vale ressaltar ainda que esta divisão se mostra de maneira ainda mais evidente analisando-se os dados de localização dos participantes dentro dos seus respectivos estados, com 69,97% destes vivendo em regiões metropolitanas.

Em termos da distribuição étnico-racial dos participantes da pesquisa, nota-se que a maioria daqueles que responderam ao questionário se autodeclararam brancos (54,35%), ao passo que pretos e pardos correspondem a 42,94% da amostra. Estes dados encontram-se em dissonância com a literatura internacional, que demonstra baixa adesão de homens não-brancos à comunidade ursina (Cerqueira & Souza, 2015; Gough & Flanders, 2009; Hennen, 2005; Lin, 2014; Manley et al., 2007; McGrady, 2016; Moskowitz et al., 2017; Schnarrs et al.,

2017). Essa diferença pode ser explicada pela condição étnico-racial da população brasileira, uma vez que dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) demonstra que pessoas autodeclaradas pretas ou pardas correspondem a 55,4% da população, enquanto pessoas que se declararam brancas somam 43,6% dos entrevistados (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2018). Outro ponto a ser observado mediante os resultados da pesquisa diz respeito ao grau de instrução formal dos participantes: a amostra apresentou alto grau de instrução, com a maioria dos participantes possuindo Ensino Superior completo.

No que diz respeito ao IMC dos participantes, em sua maioria (85,38%) encontram-se em algum nível acima da faixa de IMC considerado “ideal”, estando 55,55% destes nas categorias Obesidade – Nível 1, Obesidade – Nível 2 e Obesidade – Nível 3, de acordo com a classificação da Organização Mundial de Saúde (OMS, 1995). Ainda que a Hipertensão e a Diabetes – as doenças mais comuns relacionadas à obesidade (Lederer, 1991) – tenham sido as relatadas com maior frequência, nota-se que outras doenças que não são diretamente relacionadas à obesidade aparecem com frequência significativa, como é o caso da Ansiedade, da Depressão e do HIV.

Todavia, segundo dados presentes no site oficial da Sociedade Brasileira de Nefrologia (acessado em 15/05/2019), o percentual de adultos hipertensos no país chega a 32%, sendo que este número sobe para aproximadamente 70% entre pessoas obesas. Estes números contrastam significativamente com os resultados da pesquisa, em que apenas 6,6% afirmaram serem hipertensos. Uma possível explicação para estes resultados pode ser encontrada na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) realizada em 2013 (IBGE, 2013). Os resultados desta pesquisa a nível nacional apontam que apenas 21,4% dos indivíduos maiores de 18 anos participantes da pesquisa haviam recebido diagnóstico médico de hipertensão arterial, sendo a proporção de mulheres diagnosticadas maior que a de homens. Assim, compreende-se que haja uma subnotificação das doenças crônicas de um modo geral, uma vez que uma parte significativa da população é portadora de doenças crônicas, mas não possui o diagnóstico apropriado.

Entretanto, ao considerar os resultados da presente pesquisa, cabem os questionamentos: (1) até que ponto a baixa porcentagem de pessoas portadoras de doenças crônicas apresentada na pesquisa pode ser explicada exclusivamente pelo baixo número de diagnósticos para estas doenças? (2) Não seriam as estimativas em relação à presença de doenças crônicas em pessoas gordas, em alguma medida, influenciadas pelos estereótipos relacionados a esta população, que é comumente associada a problemas de saúde?

6.2 Representações sociais acerca da comunidade ursina

A partir das análises, é possível acessar alguns dos significados atribuídos pelos participantes da pesquisa a respeito do que é ser um urso. Essas demonstram uma caracterização do que seria um urso como um homem, gay, masculino, grande ou gordo, peludo e com barba. Esse resultado está em consonância com a literatura especializada (Manley et al., 2007; Hennen, 2005; Edmonds & Zieff, 2015). Entretanto, outro aspecto importante levantado pelos participantes da pesquisa diz respeito à aceitação do próprio corpo fazendo frente aos padrões corporais hegemônicos, demonstrada por termos como “padrão”, “aceitar”, “beleza” e “sociedade”. Essa visão pode ser ilustrada pela resposta do participante 321 que, ao descrever o que significaria ser um urso, respondeu:

“Desafiar o padrão imposto pela sociedade de que corpo sarado e sem pelo é perfeito, é uma resposta à sociedade de que podemos ser desejados e amados independente de como seja nossos corpos, que temos as nossas peculiaridades e podemos viver sem medo de ser peludos e acima do peso”.

Para que seja possível elucidar as formas como estes elementos trazidos pelos participantes da pesquisa estruturam uma representação social a respeito do urso, faz-se necessário compreender melhor o processo de construção da identidade ursina, bem como os processos formativos das RS como um todo. Uma vez que os ursos constituem uma subcultura LGBTQ+ que não está presente no campo simbólico da maior parte da população, a construção da identidade ursina se dá de modo tardio, ainda que o advento da internet e das redes sociais tenha diminuído o tempo entre a identificação como membro da comunidade LGBTQ+ e a entrada na comunidade ursina (McGrady, 2016). Ainda assim, estes indivíduos, em geral, passam primeiro pela construção de uma identidade masculina e sexodiversa. Pesquisas apontam ainda que esta população passa por sentimentos de inadequação e rejeição dentro do meio LGBTQ+, sentimentos estes que só vão ser diluídos ao se depararem com a existência da comunidade ursina, na qual corpos que se encontram à margem do padrão hegemônico seriam aceitos e celebrados (Gough & Flanders, 2009; Manley et al., 2007; McGrady, 2016; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2017). Dessa forma, a figura do urso se apresenta como um objeto social novo dentro do campo simbólico destes indivíduos, tornando necessária a construção de representações sociais a respeito deste para apreendê-lo.

A partir do processo de ancoragem, então, os sujeitos buscam no repertório simbólico adquirido na vivência de seus diversos grupos de pertença explicações, imagens e conceitos previamente estabelecidos para possibilitar a absorção de um novo objeto social (Santos, 2005). No caso dos participantes desta pesquisa, os resultados parecem apontar para uma

representação ancorada no desvio das normas corporais hegemônicas. Ainda que esta noção de desvio das normas – abstrata e imprecisa por natureza – não represente a totalidade do que vem a ser um urso, é a partir da compreensão de que os ursos possuem corpos que se encontram fora dos padrões de beleza sociais hegemônicos que a apreensão deste novo objeto social se faz possível em um primeiro momento. Somado a isso, se faz necessário entender quais padrões sociais são estes aos quais a figura do urso se contrapõe a fim de compreender a forma como esta representação se objetificará na imagem do urso clássico. Para tal fim, é preciso retomar a figura do *twink*, uma vez que a identidade ursina é percebida pelo grupo como em oposição a esta (Gough & Flanders, 2009; Hennen, 2005; Moskowitz et al., 2017).

O *twink*, um homem gay, jovem, magro e sem pelos corporais é compreendido neste contexto como o padrão hegemônico de beleza entre homens sexodiversos (Gough & Flanders, 2009; Hennen, 2005; Manley et al., 2007; Moskowitz et al., 2017). Gough & Flanders (2009) afirmam ainda que o *twink* é percebido pelos homens que se identificam como ursos como uma identidade baseada na superficialidade, dada a preocupação destes com a aparência física. Esta preocupação com a aparência física, além de superficial, ainda é considerada como feminilizante por este grupo (Benavides-Meriño, 2016; Manley et al., 2007; McGrady, 2016).

Neste sentido, é possível observar uma forma peculiar de misoginia e homofobia por parte deste grupo, como apontados por Benavides-Meriño (2016). Para o autor, não se trata especificamente de aversão às mulheres e aos homossexuais (grupo do qual a grande maioria dos membros da comunidade faz parte), mas a aspectos socialmente considerados feminilizantes, tanto em termos de preocupação “excessiva” com a aparência quanto de uso de traços “afeminados”. Esta norma grupal de objeção ao feminino não serve ao grupo apenas para a contraposição ao *twink*, mas também para a exclusão de ursos que tenham comportamentos considerados mais “afeminados” (Benavides-Meriño, 2016).

Dessa forma, ao compreender os elementos componentes da imagem do *twink*, é possível analisar o processo de objetivação da representação social do urso a partir da contraposição destes elementos. Este processo, que de acordo com Santos (2005) busca tornar um conceito novo, a princípio abstrato, em concreto através da construção de uma imagem representacional, pode ser percebido aqui ao se observar os termos de maior destaque presentes nas respostas dos participantes da pesquisa sobre o que significa ser um urso. A oposição das características ursinas elencadas pelos participantes à imagem do *twink* pode ser percebida então a partir do esquema a seguir.

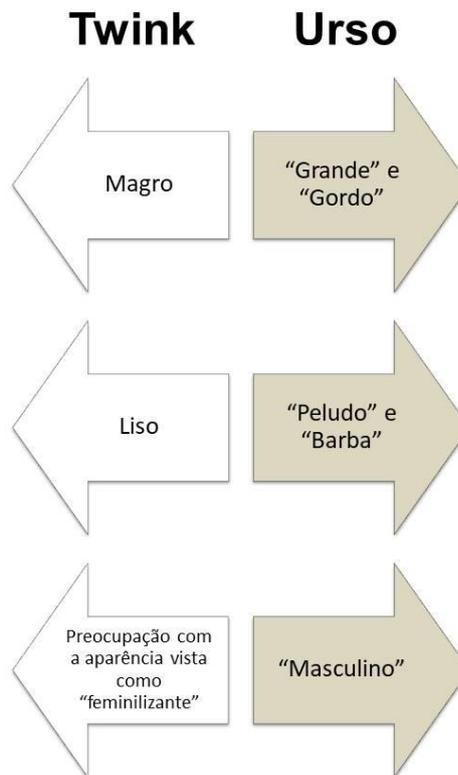


Figura 16. Esquema de oposição dos termos relacionados aos *twinks* e aos ursos.

Assim, percebe-se que a representação social do urso para os participantes, em contraposição à imagem do *twink*, objetiva-se na imagem estereotípica do urso clássico, do homem gay grande ou gordo, com barba e pelos corporais e com uma masculinidade mais próxima do padrão heterossexual. Compreender a forma como este processo ocorre se faz necessário principalmente para se entender as funções que esta representação social assumirá, principalmente na construção da identidade ursina e na dinâmica do pertencimento a este grupo social.

Para Santos (2005), as representações sociais possuem algumas funções específicas, como a de compreensão e explicação da realidade, possibilitar a comunicação, definir identidades e orientar as condutas dos membros de um grupo. As duas primeiras funções, de compreensão e explicação da realidade e de possibilitar a comunicação já foram demonstradas pelos processos de ancoragem e objetivação. É através desses processos que os membros do grupo reconhecem e apreendem a figura do urso como um novo objeto social a ser compreendido e assimilado, bem como os termos utilizados para se referir a este objeto.

Entretanto, cabe salientar que embora os termos levantados pela análise constituam uma visão genérica a respeito dos ursos, necessária para a compreensão a priori deste novo objeto social, a eventual pertença à comunidade ursina demandará dos membros do grupo o reconhecimento de um vocabulário específico à comunidade, com termos que indicam subcategorias ursinas, como *chaser*, *cub* e *muscle bear* (Cerqueira & de Souza, 2015).

Em relação à função identitária desta representação social, nota-se que os termos evocados pela análise em relação à imagem do urso clássico não apenas compõem uma explicação generalista e descritiva do que seria um urso. Termos como “grande”, “gordo”, “peludo”, “barba” e “masculino” também contém em si uma dimensão prescritiva a respeito do grupo, demonstrando, ainda que em linhas gerais, os critérios fundamentais para a pertença grupal (Santos, 2005). Já as características relatadas pelos participantes da pesquisa em relação à não-adequação dos ursos aos padrões de beleza hegemônicos constituem, para além das dimensões descritiva e prescritiva supracitadas, uma dimensão societal que irá determinar e explicar a posição que o grupo deve ou deveria ocupar no tecido social. Dessa forma, a representação social em sua função identitária não apenas define a identidade em questão, mas resguarda as características próprias do grupo, de modo a orientar as condutas de seus membros, a regular a dinâmica do pertencimento grupal e delimitar o lugar ocupado pelo grupo na sociedade como um todo.

Acerca das percepções sobre a comunidade ursina, é possível distinguir a visão, em linhas gerais, de que este seria um grupo unido, acolhedor com os que são considerados pertencentes a ele, contudo fechado e preconceituoso com os demais, como ilustrado pelas seguintes respostas: “*São bastante unidos, e por isolarem-se de outros grupos, geralmente não são acolhedores com o restante da comunidade LGBT*” (participante 040) e

“*Atualmente como uma comunidade que segrega... É a segregação dentro da segregação, há muita transfobia, machismo e preconceito com tudo que fuja do padrão ursino. Em sua essência era apenas uma comunidade que queria romper com os padrões de beleza e incluir aqueles que eram marginalizados por não atenderem um ideal de beleza*” (participante 061).

Os resultados obtidos a este respeito vão ao encontro de pesquisas anteriores acerca da comunidade ursina, cujos participantes relatam sentimentos de acolhimento e aceitação de corpos maiores que a norma hegemônica dentro da comunidade (McGrady, 2016). Ainda assim, os resultados da pesquisa de Benavides-Meriño (2016) apontam para a supracitada exclusão da comunidade em relação aos considerados não pertencentes, como os homens afeminados e/ou dentro dos padrões sociais de beleza.

Percebe-se, então, que o fenômeno da identidade ursina não compreende apenas a RS acerca do urso em sua função identitária, mas uma gama de representações acerca de masculinidade, corpo, sexualidade, homossexualidade e comunidade. Pode-se falar, neste caso, de um sistema representacional, ou seja, um conjunto de objetos representacionais fortemente ligados entre si que precisam ser levados em consideração como um todo a fim de auxiliar na compreensão de um objeto específico – neste caso, o urso – dentro deste sistema (Félix, Andrade, Ribeiro, Correia, & Santos, 2016).

Dessa forma, é possível compreender que os significados atribuídos pelos participantes da pesquisa ao ser-urso e à comunidade ursina são fortemente atravessados pela imagética do urso-padrão, ainda que se caracterizem por um rompimento com os padrões de beleza hegemônicos e uma valorização de corpos não considerados desejáveis em outros contextos mesmo dentro da comunidade LGBTQ+. Em relação à comunidade, os participantes da pesquisa atribuíram sentidos relacionados ao acolhimento em relação àqueles com corpos que fogem à norma e união do grupo como um todo, mas também de fechamento do grupo em si mesmo e afastamento de pessoas e grupos que não se encaixam nos padrões ursinos de corpo e comportamento. Estes significados atribuídos à experiência ursina, somados a outros tantos significados conferidos a outros tantos objetos que compõem este universo ursino (masculinidade, homossexualidade, etc) são partes constituintes do sistema representacional elaborado pelos participantes acerca do ser-urso (Félix et al., 2016; Manley et al., 2007; McGrady, 2016).

6.3 Pertença, identificação com o grupo e suas subcategorias

Os resultados obtidos acerca da descoberta da comunidade e da entrada dos respondentes na mesma ressaltam o papel do corpo e da socialização ursina na experiência vivida pelos participantes dentro da comunidade LGBTQ+ como um todo. Nota-se que já possuir previamente características físicas comumente associadas aos ursos e sentir atração afetivo-sexual por pessoas com estas características apresentam-se como um fator determinante para o conhecimento e entrada na comunidade ursina. Em linhas gerais, os participantes relataram que já possuíam um corpo fora dos padrões normativos (Camargo et al., 2011a) e que, com o tempo, aprenderam que dentro do meio LGBTQ+, existia a subcultura ursina e que esta seria mais inclusiva em relação a estes corpos. Muitos ainda relataram que, mesmo talvez não possuindo eles mesmos tais características, sempre se sentiram atraídos por corpos assim, descobrindo ao longo do tempo que estes eram atributos

dos membros da comunidade ursina. A esse respeito, destacam-se algumas falas de participantes da pesquisa:

“Quando mais novo era deslocado dos meios pelo tipo físico. Conheci o meio a partir do momento que comecei a interagir com pessoas desse meio virtualmente e pessoalmente” (participante 47).

“Me achava um estranho no ninho, primeiro por ser gay, depois por gostar de gordinhos, ai quando descobri que não era o único assim, me identifiquei” (participante 58).

“Na minha adolescência passei a engordar muito depois de trabalhar e estudar e encontrando problemas de aceitação e para me relacionar. Descobri por pesquisas que muitos gostavam dos gordinhos e queriam ficar com eles.” (participante 78).

“Sempre gostei, desde criança, de ver homens com pelos, barba, largos, que me passava uma ideia de liberdade e força, fui crescendo e soube dos bears, e vi o que gostava no grupo, e me identifiquei.” (participante 292).

A relação entre possuir as características físicas que compõem a imagem do urso, sentir atração por estas e se identificar com a comunidade ursina foi investigada por McGrady (2016). Sobre esta relação, o autor destaca que em um primeiro momento, o sujeito se compreende como membro da comunidade LGBTQ+ sem ter consciência da existência da comunidade ursina. Durante este período, o sujeito não se sente atraente o suficiente para os padrões hegemônicos além de não sentir validada sua atração sexual por homens com corpos maiores e mais peludos que a norma entre os homens gays. Contudo, ao ter contato com a subcultura ursina e se nomear “urso” e utilizar este rótulo, este processo possibilita que o sujeito reinterprete seu corpo e seus desejos, tirando-lhes o status de feio e marginal e passando a compreendê-los como normais e centrais à identidade ursina.

A internet e as redes sociais, bem como as redes de amigos e conhecidos dos participantes ocupam lugares de destaque no processo de tomar conhecimento da existência da comunidade. No caso da internet, diversos participantes relataram haverem tido o primeiro contato com o grupo através do Facebook e de aplicativos de encontros, como relata o participante 26: *“Em minha cidade, iniciei por grupos de facebook e whatsapp, até me inserir em outros de caráter nacional e participar de algumas atividades locais”*. A respeito do papel da internet na comunidade ursina, Gough e Flanders (2009) afirmam que “o advento da internet revigorou a comunidade ursina” (p. 236, tradução nossa), uma vez que sites voltados a este público fornecem oportunidades de interação e relacionamentos afetivo-sexuais para os homens que se identificam como ursos, dando maior visibilidade e coesão ao grupo (Manley et al., 2007).

Já as redes de amigos e conhecidos são ativadas principalmente no convite para festas e eventos voltados ao público ursino, mas também na identificação pelos pares, uma vez que diversos participantes afirmaram que não se viam como ursos até que alguém os identificasse como tal. Nota-se então que a pertença ao grupo fundamenta-se também nas representações sociais acerca do que significa ser um urso, uma vez que as representações construídas entre os membros do grupo vão ditar normas a respeito de possíveis novos membros, sendo estas normas, no caso dos ursos, principalmente corporais. Assim, homens sexodiversos que possuem barba, pelos corporais e com porte corporal maior do que a norma hegemônica ativam nos membros da comunidade ursina estas representações, tornando possível a identificação pelos pares e, possivelmente, a identificação destes indivíduos com o grupo.

Os resultados obtidos a partir da Escala de Identificação com o Grupo proposta por Wachelke (2012) demonstram alguns elementos importantes da pertença grupal entre os participantes da pesquisa. Observa-se uma identificação com o grupo relativamente alta – o que era esperado, visto que os participantes foram recrutados a partir da pertença ao grupo – ainda que com baixo nível de centralidade nesta identificação. Ou seja, de um modo geral, os participantes compreendem a si mesmos como ursos, se identificam com outros membros do grupo e dão importância à comunidade ursina. Todavia, estes não percebem a pertença ao grupo como um fator central determinante do seu autoconceito (Leach et al., 2008).

Para Leach et al. (2008), quanto maior o nível de centralidade na identificação com o grupo, maior a tendência dos membros a legitimar e racionalizar a hostilidade do grupo de pertença para com outros grupos. Assim, a baixa centralidade da identificação dos participantes com o grupo dos ursos pode ajudar a explicar o alto índice de críticas presente nas respostas acerca da comunidade ursina. Ou seja, a percepção dos participantes a respeito deste grupo como sendo preconceituoso e fechado a quem não é visto como pertencente a ele mostra-se como um indicativo desta identificação com o grupo pouco centralizada.

Outro ponto digno de destaque é a relação entre a idade dos participantes e a identificação com o grupo. Os resultados apontam que a identificação dos participantes com a comunidade ursina tende a aumentar com a idade, ou seja, quanto mais velhos os participantes, mais eles se identificam com o grupo. O maior tempo de pertencimento ao grupo pode ser um fator, então, determinante para uma maior identificação com este. Entretanto há de se levar ainda em consideração mudanças culturais trazidas pelas gerações mais novas, bem como o fato de que os ursos mais velhos possivelmente experienciaram a comunidade ursina em seu início, com características muito diferentes da comunidade atual.

Outro aspecto da pertença grupal observado diz respeito às diferentes subcategorias ursinas. Estas subcategorias podem ser caracterizadas como um dos aspectos da cultura deste grupo, sendo outros aspectos a forma de se vestir, a manutenção do peso e dos pelos corporais, etc (McGrady, 2016). A cultura de grupo é definida por Jesuíno (2006) como ideias compartilhadas resultantes dos significados atribuídos às experiências em grupo. Assim as normas grupais acerca do que significa ser um urso, comportamentos esperados dos membros do grupo e a pertença às subcategorias ursinas constituem diferentes aspectos da cultura deste grupo, cada um com níveis de complexidade distintos. Dessa forma, nota-se a partir dos resultados que a categoria generalista “urso” emerge como a mais frequente.

Compreendendo a pertença às diversas subcategorias como uma norma grupal de maior complexidade, uma possível explicação para este resultado se dá a partir da média de identificação com o grupo pouco acima da média da escala, bem como ao baixo nível de centralidade desta identificação. Ou seja, uma vez que a pertença grupal não se caracteriza como um elemento central do autoconceito dos participantes e estes possuem média de identificação pouco maior que a média da escala, a pertença às subcategorias não se mostraria tão saliente ou importante para os participantes como um todo, levando muitos a classificarem-se apenas como “ursos”, uma categoria mais ampla com normas de pertença menos rígidas em relação às outras.

Quando se observa as três próximas categorias elencadas em ordem de frequência, é possível perceber mais uma vez a importância do corpo e, mais especificamente, do porte corporal, enquanto elementos organizadores da pertença à comunidade ursina. As subcategorias *Chubby*, *Chaser* e *Grizzly Bear* representam subgrupos com tipos físicos muito distintos entre si. Enquanto os chubbies são caracterizados pelo corpo gordo e não necessariamente com pelos, os chasers possuem corpos em geral mais magros, tendo como característica de maior destaque a atração sexual por ursos e os grizzly bears caracterizam-se por uma maior massa muscular, sendo considerados “parrudos” (Cerqueira, 2014).

Ao se analisar ainda os dados a respeito da percepção dos participantes quanto à real pertença de cada uma das referidas categorias à comunidade ursina, observa-se a exclusão das subcategorias que se encontram à margem das normas corporais do grupo. Como as categorias menos pertencentes, encontram-se os *otters*, os *chasers* e os *muscle bears*, categorias estas marcadas não apenas por corpos que fogem à norma ursina, mas também que se encontram no geral mais próximas dos padrões de beleza hegemônicos, com corpos mais esguios (Justo & Camargo, 2013). É possível observar ainda que os participantes que se identificaram como pertencentes a essas categorias também tiveram baixos escores na escala

de identificação com o grupo, o que demonstra que nem estes se percebem como membros do grupo, nem os membros do grupo os percebem como pertencentes.

Com relação ao status inferido pelos participantes a respeito da hierarquia valorativa destas subcategorias dentro da comunidade, observa-se que subcategorias que apresentam corpos mais próximos tanto da norma hegemônica (*Muscle Bear* e *Chaser*) quanto da norma ursina (*Bear* e *Grizzly Bear*) são percebidas como mais valorizadas pelo grupo. Neste ponto, cabe destacar um fenômeno curioso: ainda que a categoria *Muscle Bear* seja a de maior status inferido pelos participantes, apenas um participante se classificou como pertencente a esta subcategoria. Este participante obteve ainda média de identificação com o grupo baixa ($M=2$).

A respeito das categorias de menor status inferido pelos participantes, destacam-se principalmente as subcategorias que dizem respeito a grupos étnicos específicos, como *Brown Bear*, *Panda Bear* e *Black Bear*. Estes dados remetem ao racismo estrutural presente na sociedade como um todo e que se mostra ainda de modo evidente dentro da comunidade LGBTQ+, como demonstrado pelo estudo de Robinson (2015). O autor afirma, em linhas gerais, que homens gays frequentemente objetificam e estereotipam pessoas LGBTQ+ pertencentes a minorias étnicas baseando-se em critérios raciais, inclusive mascarando atitudes discriminatórias ao rotulá-las apenas como preferência pessoal.

Estes dados demonstram a força tanto das normas corporais hegemônicas quanto dos diferentes grupos de pertença dos participantes – por exemplo, grupos étnicos – e ainda da própria comunidade ursina na dinâmica da pertença grupal e da valorização social entre os ursos. É importante salientar que a dinâmica que envolve a manutenção destas normas acontece de forma silenciosa e progressiva, tendo como efeito processos de influência social. Ou seja, há uma tendência para que estas normas influenciem o comportamento dos membros do grupo de modo a leva-los a adaptarem-se de alguma forma às normas grupais vigentes (Jesuíno, 2006).

Ao se analisar as respostas quanto ao “caso de Davi”, é possível vislumbrar a forma como estas normas grupais são colocadas em ação a fim de controlar a pertença (ou não pertença) de novos membros neste grupo. Nota-se que apenas uma porcentagem pequena (18,02%) dos participantes disse que Davi não poderia ser um urso. Ainda assim, mesmo os participantes que disseram que Davi não poderia se tornar um urso, no geral, elencaram coisas que Davi poderia fazer para atingir seu objetivo. Este fenômeno se explica a partir do automatismo característico da construção estereotípica (Bargh & Chartrand, 1999). Assim, a partir do momento que os participantes entram em contato com a imagem de Davi, um homem jovem, magro e sem pelos faciais, o estereótipo do *twink* é acessado imediatamente,

trazendo consigo a negação do pertencimento à comunidade ursina. Todavia, a partir do momento em que os participantes são convidados a pensar práticas corporais para que este indivíduo venha a fazer parte do grupo, é possível identificar a possibilidade de uma eventual pertença para além do estereótipo.

Observando-se as práticas elencadas com maior frequência pelos participantes da pesquisa, é possível notar elementos que estão diretamente relacionados à obtenção de um corpo dentro dos padrões normativos da comunidade ursina (McGrady, 2016). As práticas informadas com maior frequência dizem respeito a engordar ou aumentar o porte corporal e deixar crescer os pelos corporais e faciais. Contudo, nota-se aqui um curioso paradoxo: uma das categorias de maior frequência diz respeito ao desenvolvimento dos músculos como condição para que Davi possa pertencer ao grupo, ainda que a categoria *Muscle Bear* tenha sido considerada pelos participantes anteriormente como uma das menos pertencentes, mas a mais valorizada pelo grupo. Seria, assim, a aceitação de pertença à comunidade ursina mediada não apenas pela adequação às representações sociais a respeito dos ursos, mas também pela atratividade sexual? Estudos futuros podem auxiliar a elucidação dessa dinâmica.

Dessa forma, nota-se que a pertença à comunidade ursina é mediada tanto pelo padrão de beleza hegemônico quanto pelas normas corporais deste grupo social específico. Embora a comunidade se mostre acolhedora a corpos que desviem das normas sociais vigentes (Gough & Flanders, 2009; Manley et al., 2007; McGrady, 2016), a dinâmica da pertença grupal demonstra ser influenciada também por normas grupais que ditam não apenas quais sujeitos podem ou não pertencer ao grupo, mas também quais corpos serão valorizados dentro do meio ursino.

Entretanto, ainda que à primeira vista os padrões de beleza hegemônicos e as normas corporais ursinas pareçam inconciliáveis, a coexistência destas forças opostas entre si é compreensível a partir do conceito de *themata*, isto é, antinomias de oposição (bem/mal, claro/escuro, etc) que são não apenas estruturantes do pensamento humano, como também das representações sociais (Marková, 2003). A partir deste conceito, entende-se que estes temas antagônicos (a adequação às normas hegemônicas e a valorização de corpos que se encontram à margem destas normas) não apenas coexistem dentro deste campo representacional, como também são parte estruturante do mesmo.

6.4 Satisfação Corporal e Correlatos de Identificação com o Grupo

Ao observar-se os resultados relacionados à satisfação corporal dos participantes, nota-se que estes apresentam média de satisfação acima da média da escala. Percebe-se ainda que participantes com maior índice de massa corporal que possuem maior nível de identificação com o grupo tendem a ter níveis mais altos de satisfação corporal. A este respeito, nota-se que a atitude positiva do grupo em relação a corpos que desviam da norma hegemônica parece influenciar o autoconceito de seus membros (Gough & Flanders, 2009; Hennen, 2005; McGrady, 2016; Moskowitz et al., 2017).

Contudo, como foi dito anteriormente, os padrões corporais hegemônicos que ditam como belos apenas os corpos magros e lisos (sem pelos corporais) fazem parte do campo representacional a respeito deste grupo e devem ser considerados na análise da influência destas representações na satisfação corporal dos participantes da pesquisa. Aqui, cabe ressaltar que estes padrões não definem apenas o que deve ser socialmente considerado belo, mas também o que se deve considerar como saudável, uma vez que estes conceitos emaranham-se no imaginário social, por vezes confundindo-se entre si, compondo representações sociais acerca do corpo e influenciando a autoestima e a satisfação corporal da população (Camargo et al., 2011a).

Dessa forma, o entendimento dos conceitos e normas referentes à estética e à saúde enquanto forças que influenciam a satisfação corporal dos indivíduos pode auxiliar na compreensão dos resultados referentes à questão a respeito do que os participantes mudariam em seus corpos. Apenas uma pequena parcela dos participantes (5,4%) afirmou que não mudaria nada em seu corpo. Entre os que mudariam algo, nota-se um desejo de adequação do corpo tanto às normas corporais ursinas (como aumento dos pelos corporais) quanto às normas corporais hegemônicas (emagrecer, diminuir a barriga e o peito, ganhar massa muscular e perder peso). Entretanto, cabe ressaltar que os termos levantados relacionados aos padrões hegemônicos tiveram maior saliência, sendo responsáveis por mais da metade das evocações. Esse dado parece demonstrar a força que as normas corporais hegemônicas ainda exercem sobre o grupo, ainda que este se estruture a partir da não adequação a essas normas.

6.5 Corpo e Representações Sociais na Comunidade Ursina

A partir dos dados obtidos, observa-se que os elementos que constituem o campo representacional que envolve o objeto corpo para os participantes possuem diferentes dimensões que se relacionam principalmente aos processos identitários relacionados à identidade ursina, à pertença à comunidade e às relações estabelecidas entre os membros do

grupo. Tal entendimento pode ser exemplificado a partir da compreensão da relação triádica destacada por Serge Moscovici (1984) entre o sujeito (Ego), seu grupo de pertença (Alter) e o objeto da representação.

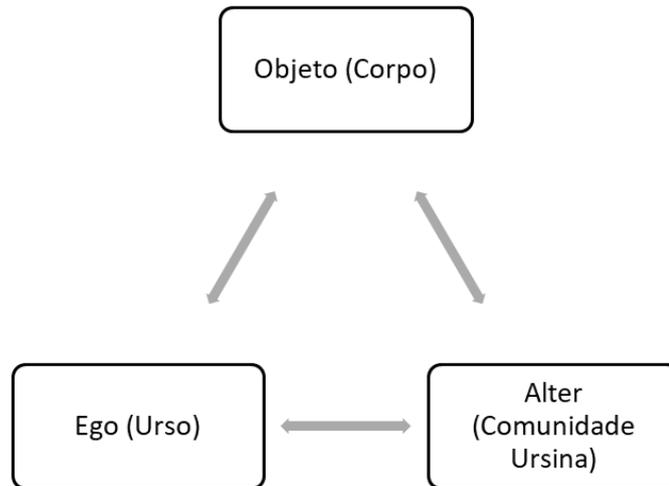


Figura 17. Relação triádica entre o Ego (Eu), o Alter (Outro) e o Objeto.

Para Wachelke et al. (2015), a análise destas três instâncias precisa ser considerada para a compreensão das representações sociais no contexto da pertença grupal. Afinal, necessariamente o envolvimento do sujeito com o objeto social será mediado pelo grupo de pertença (Wachelke et al., 2015). Para que esta análise fosse realizada levando-se em consideração a pertença grupal dos participantes, optou-se pela evocação livre de palavras juntamente com a técnica de substituição.

Ao se observar os dados a respeito do corpo para os participantes da pesquisa, faz-se necessário analisar em conjunto os dados das referidas questões de evocação. Em ambos os casos, nota-se que as primeiras classes de respostas a se diferenciarem do restante do corpus dizem respeito a partes do corpo. Esse resultado representa uma forma concreta de ver o corpo, sem grandes abstrações. Entretanto, observa-se uma percepção dos participantes da pesquisa a respeito do corpo enquanto um corpo sexual, como é possível notar pela saliência da classe “Corpo Sexual”.

Esta significação do corpo como um objeto de desejo sexual entre os ursos é amplamente discutida na literatura a respeito deste grupo. Desde o princípio da subcultura ursina, especialmente com a absorção dos grupos *Girth & Mirth* (que pregavam uma valorização também sexual dos corpos gordos) por esta comunidade, a sexualidade ocupou um lugar de destaque dentro deste grupo (Edmonds & Zieff, 2015; Hennen, 2005). Ainda que

em um primeiro momento a comunidade tenha surgido trazendo à tona uma sexualidade que contrapõe o padrão sexual hedonista dos clones, a valorização dos corpos gordos trouxe consigo também esta valorização erótica, o que acaba por configurar outro importante *thema* constituinte desse sistema representacional (Edmonds & Zieff, 2015; Hennen, 2005; Manley et al., 2007; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2015). Esta dualidade entre uma sexualidade voltada para o erotismo e uma sexualidade voltada para a afetividade parece, então, se perpetuar até os dias de hoje.

Tal forma de pensar o corpo a partir da sexualidade e da erotização é, mais uma vez, corroborada pelos dados da pesquisa quando se compara os resultados referentes à evocação simples e à evocação a partir da técnica de substituição. Nota-se, por exemplo, que enquanto na primeira o termo mais frequente para designar a genitália masculina foi “pênis”, na segunda os participantes optaram pelo termo coloquial “pau”. Haja vista que a técnica de substituição tem como objetivo evidenciar aspectos da zona muda das representações sociais – elementos constituintes das RS que não são frequentemente evocados por não estarem de acordo com as normas sociais vigentes – percebe-se que esta tendência à erotização constitui um conteúdo latente deste sistema representacional (Menin, 2006).

Cabe ressaltar que esta latência pode estar relacionada não apenas à norma social hegemônica a respeito da erotização ou da promiscuidade, mas também à contraposição supracitada entre a sexualidade afetiva e a sexualidade erótica entre os ursos (Edmonds & Zieff, 2015; Hennen, 2005; Manley et al., 2007; Quidley-Rodriguez & De Santis, 2015). Outro ponto importante a ser destacado entre estes dados diz respeito a quais corpos estão em evidência ao se observar estes dados. Ainda que as normas corporais hegemônicas ajam de modo a influenciar a percepção dos participantes a respeito do corpo, é inegável que quando os ursos falam sobre o corpo, em linhas gerais estão falando a respeito do corpo gordo.

6.5.1 O corpo gordo

Uma vez que esta valorização e erotização do corpo gordo se mostram como um dos grandes diferenciais da comunidade ursina em relação a outros grupos sociais, tornando as práticas de aumento de peso corporal e massa muscular condições para pertencer ao grupo, é de suma importância analisar os significados atribuídos por esta comunidade à figura do gordo. Assim, ao analisar os resultados obtidos, é possível perceber diferentes dimensões das representações sociais relacionadas ao gordo que representam diferentes discursos que permeiam este campo representacional. Tais dimensões explicitam-se em quatro grandes

temas analisados a partir das classes geradas pela Classificação Hierárquica Descendente (figura 9, p. 45).

O primeiro tema, que agrupa as classes 2 e 3 denota uma atitude em geral positiva frente ao corpo gordo, atribuindo a este características positivas e valorizando a beleza existente nestes corpos. A visão da gordura como sinônimo de beleza não pode ser considerada exatamente nova, uma vez que em determinados momentos da história da humanidade corpos considerados gordos eram vistos não apenas como mais belos, mas também mais saudáveis (Vigarello, 2012). Entretanto, esta pode ser considerada inovadora no contexto social contemporâneo de normas cada vez mais rígidas que alçam o corpo magro ao posto de “corpo perfeito” (Justo & Camargo, 2013). Essa visão contra hegemônica é demonstrada nos dados da pesquisa pela evocação de termos como “gostoso”, “carinhoso”, “fofo”, “bonito”, “lindo” e “atraente”. Cabe ainda ressaltar que, para além da valoração positiva do corpo gordo, os dados demonstram ainda uma percepção deste como sendo não apenas desejável, mas desejado sexualmente. Alguns dos termos que demonstram esta visão são “sexo”, “desejo”, “tesão” e “sexy”. Esta carga sexual positiva será ainda demonstrada pelos participantes quando estes falam a respeito do corpo de um modo geral.

Ao se analisar a classe 4, intitulada “Corpo Ursino”, que traz termos como “bunda”, “peito”, “barba”, “pelo” e “barriga”, é possível identificar de que forma os mecanismos de objetivação e ancoragem atuam na construção deste campo representacional. Nota-se a partir desta classe de respostas que as representações sociais acerca do corpo gordo ancoram-se principalmente na identidade ursina, ou seja, ainda que nem todos os corpos gordos possam ser considerados corpos ursinos, é a partir do conceito de urso que os participantes estruturam sua percepção e atribuem significados ao ser gordo. Concomitantemente, o processo de objetivação será ativado utilizando os elementos imagéticos do sistema representacional que envolve o conceito de urso, criando uma imagem nítida do corpo gordo que se materializa em elementos do corpo ursino. Assim, observa-se uma concretude em relação aos termos evocados nesta classe, trazendo elementos físicos que marcam a identidade ursina no corpo, como “barba”, “pelo” e “barriga”.

Cabe ainda salientar a carga sexual que os termos evocados demonstram a partir de elementos como “bunda”, “coxa” e “pênis”, o que indica mais uma vez a sexualidade e o erotismo como elemento estruturante destas representações. Para Hennen (2005), Manley et al. (2007) e Quidley-Rodriguez & De Santis (2015), a valorização e erotização dos corpos maiores e mais peludos que a norma hegemônica configura uma dimensão primordial da identidade ursina e, conseqüentemente, da pertença a esta comunidade.

Outra dimensão significativa deste campo representacional diz respeito ao preconceito e à discriminação de pessoas gordas em suas diferentes formas, expressa pelas classes denominadas Preconceito Sutil e Preconceito Flagrante (Pettigrew & Meertens, 1995). Ao se observar os termos evocados dentro da classe “Preconceito Sutil”, nota-se, por um lado, termos como “preconceito”, “solidão”, “gordofobia” – entendido aqui como a aversão à gordura e às pessoas gordas (Santos & Sanchotene, 2017) – e “aceitação”, englobando elementos que fazem alusão à discriminação social vivida por pessoas gordas (Edmonds & Zieff, 2015; McGrady, 2016), por outro lado esta mesma classe evoca elementos tidos como positivos, ainda que problemáticos, como “fofura”, “gostosura” e “humor”. À primeira vista, eufemismos como “fofura” e “gostosura” e a relação entre as pessoas gordas e o humor podem parecer demonstrar uma visão positiva a respeito destes corpos, mas escondem certo grau de preconceito sutil, ou seja, uma forma de preconceito encoberto ou velado para com este grupo (Pettigrew & Meertens, 1995).

Em relação ao Preconceito Flagrante expresso na Classe 5, elementos como “feio”, “doente”, “pesado”, “obeso” e “doente” demonstram que ainda que a atitude positiva dos participantes da pesquisa seja uma forte marca deste campo representacional entre os membros do grupo, há ainda uma parcela dos participantes que reproduzem uma atitude altamente negativa e de aversão a corpos que fogem à norma hegemônica (Pettigrew & Meertens, 1995). Nota-se aqui principalmente uma reprodução dos discursos médicos que compreendem o corpo gordo enquanto um corpo doente (Camargo et al., 2011a).

Por fim, é possível observar que a maior classe originada na CHD diz respeito à Saúde e Estética. Trazendo elementos como “peso”, “sedentarismo”, “saúde” e “autoestima”, nota-se que esta classe é composta de respostas que evocam, em parte, os discursos médicos supracitados no sentido de associar a gordura à doença de um modo geral, mas também traz elementos que se confundem entre saúde e estética, como “estria” e “flacidez”. Esta dimensão das representações sociais relacionadas ao corpo gordo e à gordura está diretamente relacionada às representações hegemônicas a respeito do corpo como um todo, que se ancoram nos conceitos de saúde e estética (Camargo et al., 2011a). Percebe-se, ainda, que o entrelaçamento destes conceitos de saúde e estética, por vezes se confundindo entre si, é uma característica fundamental das representações sociais relacionadas ao corpo e, conseqüentemente, se faz presente no campo representacional que compreende o corpo gordo para os participantes da pesquisa.

Dessa forma, é possível perceber, em linhas gerais, que as representações sociais relacionadas ao gordo para os participantes da pesquisa evocam tanto dimensões hegemônicas

quanto contra hegemônicas na construção de significados e atitudes perante estes corpos. Por um lado, observa-se a grande saliência das representações sociais que interpretam estes corpos a partir dos conceitos de estética e saúde baseando-se principalmente nos discursos médicos a respeito do corpo e numa visão do corpo gordo enquanto um corpo potencialmente doente. Por outro, nota-se uma visão particular a este grupo social que traz consigo atitudes positivas em relação ao corpo gordo, valorizando e erotizando-o, não apenas ancorando-se na identidade ursina mas também objetivando-se na imagética do corpo grande e peludo dos ursos.

6.6 Corpo, representações sociais e identidades ursinas

Retomando a análise das evocações a partir do estímulo “corpo”, a próxima classe a se destacar do corpus, classificada como “Urso”, demonstra-se de vital importância para a compreensão da dinâmica que envolve a construção da identidade ursina e do sistema representacional relacionado ao corpo. Esta classe, ao se utilizar a técnica de substituição, emerge como a maior classe do corpus. Neste ponto, nota-se que elementos constituintes do corpo ursino se entrelaçam com elementos de um corpo mais amplo, com termos que vão desde “gordo”, “peludo” e “parrudo” (corpo ursino) até elementos mais genéricos ou que relacionam à norma hegemônica, como “alto”, “magro” e “sarado”. Percebe-se que a identidade ursina influencia, então, diretamente as representações sociais dos participantes a respeito do corpo, ainda que com uma forte presença das normas corporais sociais hegemônicas. É importante salientar que estes elementos relacionados ao padrão corporal social emergem com muita saliência, o que não se observa em estudos que envolvem populações não ursinas (Camargo et al., 2011a; Justo & Camargo, 2017). Esses estudos indicam que em outras populações, as representações sociais acerca do corpo são constituídas principalmente por duas dimensões que, ainda que distintas, se entrecruzam e por vezes se confundem: saúde e estética. Na presente análise, essas categorias se entrelaçaram de tal forma que deram origem a uma classe única de respostas, aqui denominada de “Forma Física”.

A classe chamada de “Forma Física”, a maior classe e também a última a se destacar do corpus, representa elementos que englobam as representações sociais hegemônicas acerca do corpo, tendo como termos mais salientes “Beleza” e “Saúde” (Camargo et al., 2011a; Justo, 2011). Percebe-se mais uma vez, ainda, a presença de elementos que evocam a sexualidade, como “desejo”, “sexualidade”, “atração”, “sexo” e “nudez”. Dessa forma, é possível verificar que as representações sociais acerca do corpo entre os participantes da

pesquisa são compostas de dimensões distintas que incluem a identidade ursina que se mostra no corpo, sendo este corpo essencialmente o corpo ursino, a sexualidade erótica, demonstrando este corpo enquanto uma ferramenta para a troca de capital sexual e as normas corporais hegemônicas. A compreensão destas dimensões se torna, então, fator essencial para a compreensão deste campo representacional.

Assim, é possível analisar a partir destes dados os processos de ancoragem e objetivação das representações sociais acerca do corpo para este grupo. A partir da objetivação nota-se a construção da imagem do corpo ursino como elemento estruturante das RS. Ou seja, ao pensar e falar sobre o corpo, os participantes evocam uma imagem nítida de um corpo que, ainda que sofra influência das normas corporais predominantes da sociedade, essencialmente foge a estas normas, sendo descrito como “grande”, “peludo”, “gordo”, etc (Camargo et al., 2010; Camargo et al., 2011a; Gough & Flanders, 2009; Hennen, 2005; McGrady, 2016).

Em contrapartida, ao se desvendar os elementos constituintes destas representações sociais, observa-se que estas se ancoram na experiência vivida do corpo, mais especificamente na sexualidade, como elemento organizador dos discursos e saberes sobre o corpo (Jodelet, 1984). Neste sentido, o corpo é visto não apenas como um instrumento para o sexo, mas também como um cartão de visitas, aquilo que será acessado, observado, significado, fantasiado, desejado e desejante no momento do contato afetivo-sexual. Tal produção de sentido é compreensível ao se analisar a relação que os membros do grupo desenvolvem com o corpo durante a sua vida: como dito anteriormente, os ursos em linhas gerais são homens que por terem ou desejarem sexualmente corpos de proporções maiores que a norma, não se sentem contemplados pelos padrões de beleza da comunidade LGBTQ+ como um todo, experienciando entre outras coisas, sentimentos de rejeição (Gough & Flanders, 2009; McGrady, 2016; Moskowitz et al., 2017). Assim, ao descobrirem a comunidade ursina, iniciam um processo de ressignificação destes corpos, concedendo-lhes uma carga valorativa positiva e o status de corpo sexualmente desejável (Gough & Flanders, 2009; Hennen, 2005; McGrady, 2016). Assim, toda esta nova relação dos membros do grupo com o corpo tende a ter a sexualidade e a desejabilidade sexual como seu principal ponto de partida.

Dessa forma, ao se pensar as diferentes dimensões em que o campo representacional relacionado ao corpo e ao ser-urso se relacionam com a construção da identidade ursina, é possível retomar os apontamentos realizados por Deschamps e Moliner (2008). Para os autores, as representações sociais se relacionam aos processos identitários à medida que um

determinado grupo social constrói uma RS do próprio endogrupo, cria e compartilha uma representação social majoritária dentro do grupo a respeito de um objeto social específico, compartilha uma representação sobre outros grupos e ainda sobre a forma como estes outros grupos de não-pertença representam este mesmo objeto. Como um resumo destes distintos aspectos, a fim de exemplificar tais dimensões no caso específico dos ursos e do corpo, pode-se utilizar o seguinte esquema:

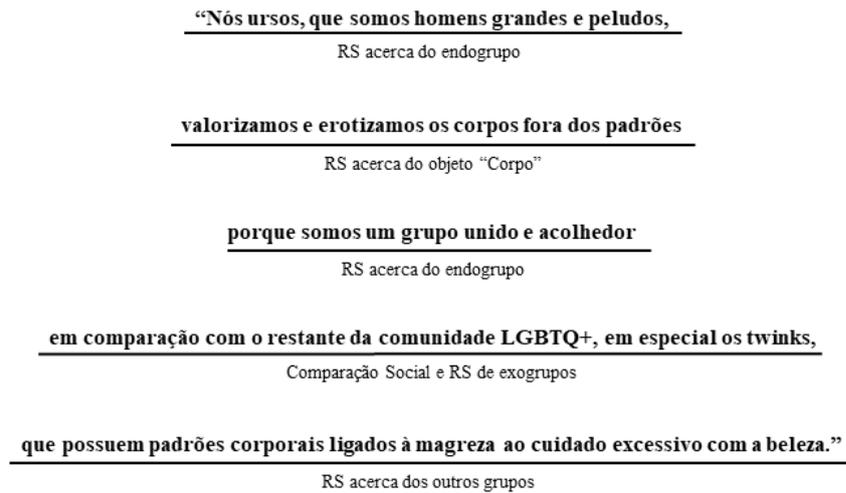


Figura 18. Relação entre o campo representacional relacionado ao Ser-Urso e a construção da Identidade Ursina.

7 Considerações Finais

A partir dos resultados obtidos ao longo da presente pesquisa conclui-se que a construção da identidade ursina entre os participantes traz consigo uma ampla gama de significados contra hegemônicos não apenas a respeito do corpo, objeto central dentro do campo representacional relacionado ao ser urso, mas também a respeito da construção da própria identidade ursina e da comunidade como um todo. Nota-se que a pertença a este grupo social, ainda que marcada também pela força das normas corporais socialmente vigentes, tende a implicar em seus membros uma valorização sexual de corpos maiores que a norma, resultando não apenas em uma vivência mais positiva da própria sexualidade, mas também em um maior grau de satisfação em relação a seus corpos. Assim, esta dinâmica que envolve a pertença grupal e as representações sociais relacionadas ao corpo e ao ser urso demonstra ser mediada não por teorias abstratas a respeito do corpo, mas pelas experiências vividas em relação a este, especialmente no campo da sexualidade, que emerge como um forte medidor desta atitude particular a este grupo não apenas em relação ao corpo de modo geral, mas principalmente em relação aos corpos que fogem à norma hegemônica.

É possível destacar algumas limitações que este estudo carrega consigo. Em linhas gerais, observou-se que os participantes desta pesquisa concentram-se principalmente na região sudeste do país e se identificam como homens brancos em sua maioria. Ainda que esta pesquisa traga em si o diferencial de colocar em prática um estudo acerca da comunidade ursina a nível nacional, outras pesquisas realizadas previamente em outros países demonstraram tendências semelhantes (Cerqueira & Souza, 2015; Gough & Flanders, 2009; Hennen, 2005; Lin, 2014; Manley et al., 2007; McGrady, 2016; Moskowitz et al., 2017; Schnarrs et al., 2017). Estudos futuros se fazem necessários a fim de investigar as razões para esta tendência, verificando, por exemplo, a identificação de homens de diferentes grupos étnicos não brancos com esta comunidade e comparando os resultados obtidos com a literatura já publicada a respeito deste grupo.

Outra limitação a ser considerada é o método de coleta dos dados da pesquisa. Ainda que a utilização de questionário online traga extensos benefícios para estudos em grande escala, a impossibilidade de controle das condições nas quais os participantes responderam às questões dificulta a padronização da aplicação e facilita a emergência de diferentes anomalias que só puderam ser sanadas a partir de uma leitura minuciosa dos dados obtidos. Dentre estas anomalias, cabe destacar uma em especial: durante a fase final da coleta dos dados, chegou ao conhecimento do pesquisador através de um dos participantes da pesquisa que grupos dentro

do aplicativo de mensagens Whatsapp estariam se mobilizando para responder às questões em tom de piada, o que resultou no encerramento precoce da coleta de dados. A “brincadeira” em questão envolvia responder à primeira questão do questionário (evocação de palavras com o estímulo “corpo”) com as palavras “cabeça”, “ombro”, “joelho”, “pé” e “joelho e pé”, em referência a uma música infantil popular durante os anos 90 gravada pela cantora e apresentadora Xuxa Meneghel. Tal dificuldade foi sanada a partir do controle minucioso das respostas ao questionário que eram recebidas pelo sistema e, ao passo que quatro respostas consecutivas com estas características foram enviadas, a coleta foi encerrada e todas estas respostas foram excluídas do banco de dados final. Assim, se faz imprescindível que o pesquisador se dedique a observar minuciosamente a entrada de novas respostas durante toda a fase de coleta de dados a fim de reduzir este tipo de interferência.

Entretanto, ainda que tais limitações existam e precisem ser consideradas, o presente estudo trouxe avanços importantes na compreensão da comunidade ursina brasileira e sua relação com o corpo, haja vista que este se caracterizou como o primeiro estudo brasileiro realizado a nível nacional sobre este tema utilizando o arcabouço teórico da Teoria das Representações Sociais. Com isso, espera-se trazer à luz este grupo ainda pouco conhecido mesmo dentro da comunidade LGBTQ+, fomentando o interesse de pesquisadores e pesquisadoras e impulsionando pesquisas futuras. Outra contribuição digna de nota diz respeito à contribuição desta pesquisa para o conjunto de pesquisas acerca das representações sociais relacionadas ao corpo, adicionando à discussão um grupo que certamente possui uma relação diferenciada do restante da população com este objeto tão importante para a psicologia social.

Por fim, estima-se que a discussão trazida pela presente pesquisa possa auxiliar na compreensão da realidade desta comunidade a fim de embasar práticas voltadas a este público no campo das políticas públicas de saúde relacionadas à prevenção da obesidade e suas comorbidades e políticas de promoção de saúde sexual voltadas à comunidade LGBTQ+. A nível individual, espera-se que este estudo possa ainda contribuir para a prática profissional de prestadores de serviço que atendam a estes grupos nas mais diversas esferas, como psicólogos, nutricionistas, sexólogos, educadores físicos, etc. A compreensão da relação tão particular que esta comunidade possui com o corpo pode auxiliar estes profissionais a embasar uma prática cada vez mais especializada e humanizada no trato a estes indivíduos.

8 Referências

- Almeida, A. M. de (2005). A pesquisa em representações sociais: Proposições teórico-metodológicas. In M. F. S. Santos & L. M. Almeida (Orgs.), *Diálogos com a teoria das representações sociais* (pp. 117-160). Alagoas: UFAL/UFPE.
- Amâncio, L. (2006). Identidade social e relações intergrupais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia social* (7a Ed., pp. 387-409). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bargh, J. A., & Chartrand, T. L. (1999). The unbearable automaticity of being. *American Psychologist*, 54(7), 462-479. doi: 10.1037/0003-066X.54.7.462
- Benavides-Meriño, D. (2016). Osos, conceptualizando sus masculinidades en Santiago de Chile. *Revista de Psicología*, 25(252), 1-18. doi: 10.5354/0719-0581.2017.44792
- Bonomo, M., Trindade, Z. A., Souza, L. de, & Coutinho, S. M. dos S. (2008). Representações sociais e identidade em grupos de mulheres ciganas e rurais. *Psicologia: Revista Da Associação Portuguesa de Psicologia*, 22(1), 153-181.
- Breakwell, G. M. (1993). Social representation and social identity. *Papers on Social Representations*, 2(3), 1-20.
- Camargo, B. V., Goetz, E. R., Justo, A. M., & Bousfield, A. B. S. (2011a). Representações sociais do corpo: estética e saúde. *Temas Em Psicologia*, 19(1), 257-268.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas Em Psicologia*, 21(2), 513-518. doi: 10.9788/TP2013.2-16
- Camargo, B. V., Justo, A. M., & Alves, C. D. (2011b). As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: Uma comparação geracional. *Temas Em Psicologia*, 19(1), 269-281.
- Camargo, B. V., Justo, A. M., & Jodelet, D. (2010). Normas, Representações Sociais e Práticas Corporais. *Revista Interamericana de Psicología*, 44(3), 449-457.

- Castro, P. (2002). Notas para uma leitura da teoria das representações sociais em S. Moscovici. *Análise Social*, 37(164), 949–979.
- Castro, P. & Vala, J. (2011). Pensamento social e representações sociais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coords.). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cerqueira, P. R. (2014). *Corpos e subjetividades: análise dos processos de embodiment dos ursos no Espírito Santo* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil. Recuperado de <http://repositorio.ufes.br/handle/10/1711>
- Cerqueira, P. R., & Souza, E. M. (2015). Laclau, sexualidades e os corpos: Análise das subjetivações ursinas. *Psicologia E Sociedade*, 27(2), 267–279.
- Deschamps, J. C., & Moliner, P. (2008). *A Identidade em Psicologia Social* (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Doise, W. (2002). Da psicologia social à psicologia societal. *Psicologia Teoria E Pesquisa*, 18(1), 27–35. doi: 10.1590/S0102-37722002000100004
- Duncan, D. (2010). Gay men, body identity and the politics of visibility. *Gay and Lesbian Issues and Psychology Review*, 6(1), 24–34.
- Edmonds, S. E., & Zieff, S. G. (2015). Bearing bodies: Physical activity, obesity stigma, and sexuality in the bear community. *Sociology of Sport Journal*, 32(4), 415–435. doi: 10.1123/ssj.2014-0166
- Farr, R. M. (2012). Representações sociais: A teoria e sua história. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Eds.), *Textos em Representações Sociais* (13a ed., pp. 27–51). Petrópolis: Vozes.
- Félix, L. B., Andrade, D. A. de, Ribeiro, F. S., Correia, C. C. G., & Santos, M. de F. de S. (2016). O conceito de sistemas de representações sociais na produção nacional. *Psicologia e Saber Social*, 5(2), 198–217.
- Gil, A. C. (2002). Como classificar as pesquisas. In *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a ed., pp. 44–45). São Paulo: Atlas.
- Gough, B., & Flanders, G. (2009). Celebrating “obese” bodies: Gay “bears” talk about

weight, body image and health. *International Journal of Men's Health*, 8(3), 235–253. doi: 10.3149/jmh.0803.235

Hennen, P. (2005). Bear bodies, bear masculinity: recuperation, resistance or retreat? *Gender & Society*, 19(1), 25–43. doi: 10.1177/0891243204269408

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2013). *Pesquisa Nacional de Saúde: 2013*. (Relatório de Pesquisa/2013), Rio de Janeiro.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua*. Características gerais dos domicílios e dos moradores: 2018. (Relatório de Pesquisa/2018), Rio de Janeiro.

Jesuino, J. C. (2006). Estruturas e processos de grupo. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia Social* (7ª Ed., pp. 293–332). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jodelet, D. (1984). The representation of the body and its transformations. In S. Moscovici & R. M. Farr (Eds.), *Social Representations* (pp. 211–238). Cambridge: Cambridge University Press.

Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), *As Representações Sociais* (pp. 17-29). Rio de Janeiro: UERJ.

Justo, A. M., & Camargo, B. V. (2013). Corpo e cognições sociais. *Liberabit*, 19(1), 21–32.

Lahlou, S. (1994). L'analyse lexicale. *Variances*, (3), 13-24.

Leach, C. W., van Zomeren, M., Zebel, S., Vliek, M. L. W., Pennekamp, S. F., Doosje, B., . . . Spears, R. (2008). Group-level self-definition and self-investment: A hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95(1), 144-165.

Lederer, J. (1991). *Enciclopédia moderna de higiene alimentar* (4a ed.). São Paulo: Manole Dois.

Lin, C. (2014). Chinese gay bear men. *Culture, Society and Masculinities*, 6(2), 183–193.

- Manley, E., Levitt, H., & Mosher, C. (2007). Understanding the bear movement in gay male culture: Redefining masculinity. *Journal of Homosexuality*, 53(4), 89–112. doi: 10.1080/00918360802103365
- Marková, I. (2003). *Dialogicidade e representações sociais: As dinâmicas da mente*. Petrópolis, Vozes.
- Martins, A. M., & Nascimento, A. R. A. do. (2017). Representações sociais de corpo após o adoecimento por câncer na próstata. *Psicologia Em Estudo*, 22(3), 371. doi: 10.4025/psicoestud.v22i3.31728
- McGrady, P. B. (2016). “Grow the beard, wear the costume”: Resisting weight and sexual orientation stigmas in the bear subculture. *Journal of Homosexuality*, 63(12), 1698–1725. doi: 10.1080/00918369.2016.1151695
- Menin, M. S. de S. (2006). Representação social e estereótipo: A zona muda das representações sociais. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 22(1), 43–51. doi: 10.1590/S0102-37722006000100006
- Moscovici, S., (1981). On social representations: Perspectives on everyday understanding. In J. Forgas (Ed.), *Social Cognition* (pp. 181-209). London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1984). Introduction: le domaine de la psychologie sociale. In S. Moscovici (ed.), *Psychologie sociale* (pp. 5-20). Paris: PUF.
- Moskowitz, D. A., Turrubiates, J., Lozano, H., Hajek, C., & Antonio, S. (2017). Physical, behavioral, and psychological traits of gay men identifying as bears. *Archives of Sexual Behavior*, 42(5), 775–784. doi: 10.1007/s10508-013-0095-z.Physical
- Nóbrega, S. M. da, & Coutinho, M. da P. de L. (2011). A técnica de associação livre de palavras. In M. da P. de L. Coutinho & E. R. de A. Saraiva (Eds.), *Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas* (1a ed, pp. 95–106). João Pessoa: Editora Universitária.
- Organização Mundial de Saúde [OMS] (1995). Physical status: The use and interpretation of anthropometry. Geneva: WHO, 1995. Recuperado de http://www.unu.edu/unupress/food/FNBv27n4_suppl_2_final.pdf

- Ory, P. (2008). O corpo ordinário. In A. Corbin, J.-J. Courtine, & G. Vigarello (Eds.), *História do Corpo - 3. As Mutações do Olhar: O Século XX* (4a ed., pp. 155–196). Petrópolis: Vozes.
- Passos, M. D. dos, Gugelmin, S. Â., Castro, I. R. R. de, & Carvalho, M. C. da V. S. (2013). Representações sociais do corpo: Um estudo com adolescentes do município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(12), 2383–2393. doi: 10.1590/0102-311X00027513
- Patriota, L. M. (2007). Teoria das representações sociais: Contribuições para a apreensão da realidade. *Serviço Social em Revista*, 10(1), 1679-1842.
- Pettigrew, T. F. & Meertens, R.W. (1995). Subtle and blatant prejudice in western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-76.
- Quidley-Rodriguez, N., & De Santis, J. P. (2015). A literature review of health risks in the bear community, a gay subculture. *American Journal of Men's Health*, 11(6), 1673-1679. doi: 10.1177/1557988315624507
- Quidley-Rodriguez, N., & De Santis, J. P. (2017). A concept analysis of bear identity. *Journal of Homosexuality*. doi: 10.1080/00918369.2017.1392131
- Robinson, B. A. (2015). “Personal preference” as the new racism: Gay desire and racial cleansing in cyberspace. *Sociology of Race and Ethnicity*, 1(2), 317–330. doi: 10.1177/2332649214546870
- Santos, M. F. S. (2005). A teoria das representações sociais. In M. F. S. Santos & L. M. Almeida (Orgs.). *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais* (pp. 15-38). Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Santos, A. & Sanchotene, N. (2017, Setembro). “Gorda, sim! Maravilhosa, também!”: Do ressentimento à autoestima em testemunhos de vítimas de gordofobia no Youtube. Intercom - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, PR, Brasil, 40.
- Schnarrs, P. W., Rosenberger, J. G., Schick, V., Delgado, A., Briggs, L., Dodge, B., & Reece, M. (2017). Difference in condom use between bear concordant and discordant dyads during the last anal sex event. *Journal of Homosexuality*, 64(2), 195–208. doi: 10.1080/00918369.2016.1174024

- Shaughnessy, J. J., Zechmeister, E. B., & Zechmeister, J. S. (2012). *Metodologia de Pesquisa em Psicologia* (9a ed.). Porto Alegre: AMGH.
- Subero, G. (2018). La mirada del imaginario sexodiverso en el cine venezolano reciente. *Bulletin of Spanish Visual Studies*, 2(2), 285–308. doi: 10.1080/24741604.2018.1501948
- Tamagne, F. (2013). Mutações homossexuais. In J. J. Courtine (Ed.), *História da Virilidade: A virilidade em crise?* (pp. 424–453). Petrópolis: Vozes.
- Vigarello, G. (2012). O Corpo do Rei. In A. Corbin, J. J. Courtine & G. Vigarello (2012). *História do Corpo: da renascença às luzes*. (1). Petrópolis, Vozes.
- Wachelke, J. F. R., & Camargo, B. V. (2007). Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Interamerican Journal of Psychology*, 41(3), 379–390.
- Wachelke, J. F. R. (2012). Identificação com o grupo: Adaptação e validação de uma medida geral para o contexto brasileiro. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 187–200. Recuperado de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/4898>
- Wachelke, J., Natividade, J., De Andrade, A., & Wolter, R. (2015). Ego, alter and object: Explaining personal involvement with a social object based on presumed collective involvement and group identification. *Anales de Psicología*, 32(1), 174–182. doi: 10.6018/analesps.32.1.186451
- Wright, L. K. (1997). *The bear book : Readings in the history and evolution of a gay male subculture*. New York: Harrington Park Press.

Apêndice A - Questionário

Nós estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo saber o que as pessoas pensam sobre o corpo e a identidade “Urso”. Você pode colaborar muito conosco, contando suas opiniões sobre estes temas. **Você não será identificado em nenhum momento.** Não há resposta certa ou errada, tudo o que pensa sobre o assunto é importante para nós. Fique à vontade para dizer o que pensa.

1. Quando você pensa em CORPO, quais são as cinco primeiras palavras que lhe vem à cabeça?

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____

2. Neste momento, use a sua imaginação. Como você acredita que outros ursos responderiam a essa questão? Que 5 palavras viriam à cabeça deles ao pensar em CORPO?

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____

3. Em uma escala de 1 a 7, sendo 1 (Me sinto totalmente insatisfeito) e 7 (Me sinto totalmente satisfeito), o quanto você se sente satisfeito com o seu corpo?



4. Você gostaria de mudar algo no seu corpo?

() Não () Sim

5. Se sim, o quê?

Resposta: _____

6. Quando você pensa em GORDO, quais são as cinco primeiras palavras que lhe vem à cabeça?

f) _____

g) _____

h) _____

i) _____

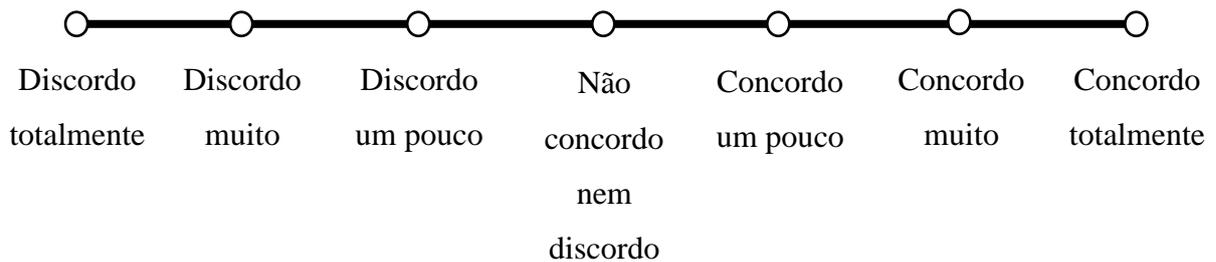
j) _____

7. Para você, o que significa ser um urso?

Resposta: _____

8. Em uma escala de 1 a 7, sendo 1 (Discordo fortemente) e 7 (Concordo fortemente), como você se classificaria de acordo com as seguintes afirmações?

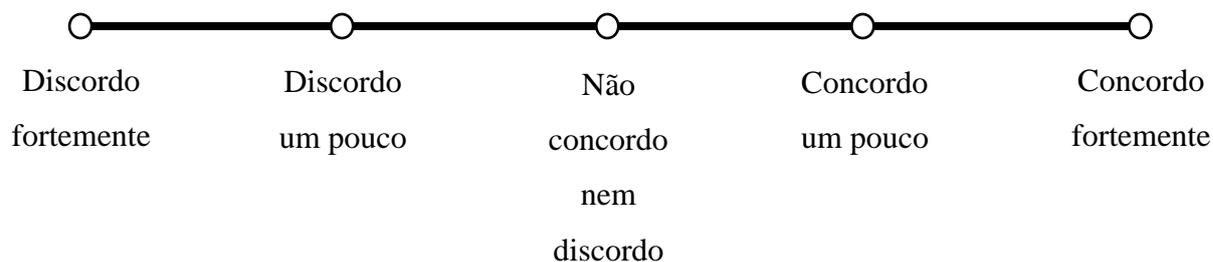
a. Penso frequentemente sobre o fato de ser um urso.



b. Vejo a mim mesmo como um urso.



c. O fato de que sou um urso é parte importante da minha identidade.



d. Identifico-me com outros ursos.



e. Ser um urso é parte importante de como eu me vejo.



f. Os ursos são um grupo importante para mim.



9. Como você definiria a comunidade ursina?

Resposta: _____

10. Conte-nos um pouco sobre como você veio a fazer parte desse grupo.

Resposta: _____

11. Além dos ursos, você conhece outros grupos dentro do meio LGBTQ? Quais?

Resposta: _____

12. Qual a diferença entre os ursos e esses outros grupos dentro do meio LGBTQ?

Resposta: _____

13. Segundo a literatura especializada, estas são algumas das principais subcategorias de ursos existentes. Com qual destas subcategorias você mais se identifica?

	Categoria	Descrição
()	Chaser (Caçador)	Homem que se sente atraído por ursos, mas não se identifica como urso.
()	Chubby (Gordinho)	Homem gordo e com poucos ou sem pelos corporais.
()	Otter (Lontra)	Homem magro e peludo.
()	Bear (Urso)	Homem peludo e de porte corporal maior.
()	Muscle Bear (Urso Musculoso)	Homem peludo e musculoso.
()	Black Bear (Urso Negro)	Urso de pele negra.
()	Grizzly Bear (Urso Parrudo)	Urso de estatura mais baixa e mais forte, não gordo.
()	Polar Bear (Urso Polar)	Urso de cabelos e pelos corporais brancos.
()	Panda Bear (Urso Panda)	Urso de origem asiática.
()	Brown Bear (Urso Marrom)	Urso de origem latina.
()	Outros (nomeie)	_____

14. Utilizando uma escala de 1 a 7, sendo 1 (não pertence nada) e 7 (pertence totalmente), o quanto você acredita que cada um desses tipos de ursos realmente pertence à comunidade ursina?

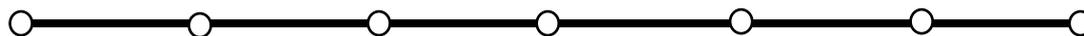
Chaser (Caçador)



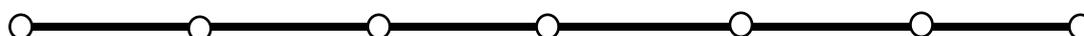
Chubby (Gordinho)



Otter (Lontra)



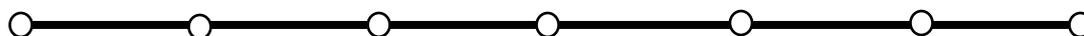
Bear (Urso)



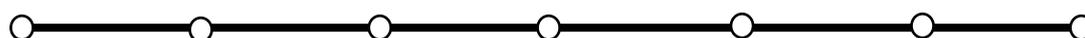
Muscle Bear (Urso Musculoso)



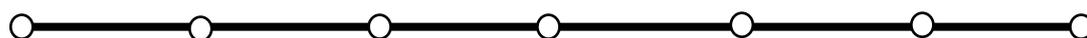
Black Bear (Urso Negro)



Grizzly Bear (Urso Parrudo)



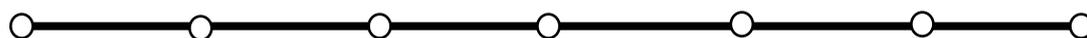
Polar Bear (Urso Polar)



Panda Bear (Urso Panda)



Brown Bear (Urso Marrom)



15. Agora, marque as 3 (três) subcategorias que você considera que sejam as MAIS VALORIZADAS dentro da comunidade ursina.

- Chaser (Caçador)**
- Chubby (Gordinho)**
- Otter (Lontra)**

- Bear (Urso)**
- Muscle Bear (Urso Musculoso)**
- Black Bear (Urso Negro)**
- Grizzly Bear (Urso Parrudo)**
- Polar Bear (Urso Polar)**
- Panda Bear (Urso Panda)**
- Brown Bear (Urso Marrom)**

16. Agora, marque as 3 (três) subcategorias que você considera que sejam as MENOS VALORIZADAS dentro da comunidade ursina.

- Chaser (Caçador)**
- Chubby (Gordinho)**
- Otter (Lontra)**
- Bear (Urso)**
- Muscle Bear (Urso Musculoso)**
- Black Bear (Urso Negro)**
- Grizzly Bear (Urso Parrudo)**
- Polar Bear (Urso Polar)**
- Panda Bear (Urso Panda)**
- Brown Bear (Urso Marrom)**

Agora vamos nos contar a história de um homem e pedimos que você pense um pouco sobre ele.

Este é Davi:



Davi é um homem gay do interior de São Paulo.

Ele sempre sentiu atração por homens grandes e peludos. Por meio da internet, Davi conheceu o grupo dos ursos. Ele gosta tanto de ursos que decidiu que quer se tornar um urso também!

17. Na sua opinião, Davi pode se tornar um urso?

- () Não
() Sim
() Talvez

18. No que se refere ao corpo, o que Davi precisaria fazer para se tornar um urso?

Resposta: _____

Dados Sociodemográficos

Obrigado por ter chegado até aqui! Agora, para finalizar, gostaríamos de saber um pouco mais sobre você...

19. Qual a sua idade?

Resposta: ____

20. Em qual cidade você mora?

Resposta: _____

21. A sua cidade fica na região metropolitana ou no interior do seu estado?

- () Região Metropolitana
() Interior

22. Em qual estado você mora?

Resposta: _____

23. Como você define a sua orientação sexual?

- () Homossexual
() Heterossexual
() Bissexual
() Panssexual
() Outro. Qual? _____

Prefiro não responder.

24. Como você define a sua identidade de gênero?

- Masculina**
- Não Binária**
- Outro. Qual? _____**
- Prefiro não responder**

25. Como você define a sua cor/etnia?

- Branco**
- Preto**
- Pardo**
- Amarelo (Asiático)**
- Vermelho (Indígena)**
- Prefiro não responder**

26. Qual a sua escolaridade?

- Sem escolaridade**
- Ensino Fundamental Incompleto**
- Ensino Fundamental Completo**
- Ensino Médio Incompleto**
- Ensino Médio Completo**
- Ensino Superior Incompleto**
- Ensino Superior Completo**
- Prefiro não responder**

27. Qual o seu peso?

Resposta: _____

- Prefiro não responder**

28. Qual a sua altura?

Resposta: _____

- Prefiro não responder**

29. Você se encontra em um relacionamento amoroso no momento?

Sim

Não

Prefiro não responder

30. Se sim, há quanto tempo?

Resposta: _____

Prefiro não responder

31. Você possui algum problema de saúde?

Sim

Não

Prefiro não responder

32. Se sim, qual?

Resposta: _____

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor foi convidado a participar da pesquisa intitulada REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O CORPO E PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM HOMENS QUE SE IDENTIFICAM COMO URSOS, sob a responsabilidade de WILDSON ABO SARTORI, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

JUSTIFICATIVA

Em um momento no qual os padrões estéticos estão cada vez mais rígidos e direcionados a um modelo específico de beleza inclusive entre os homens, no qual apenas é valorizado socialmente o homem que possui um corpo magro, branco, liso, alto e musculoso, se faz de suma importância compreender o movimento de grupos que subvertem esta norma, valorizando padrões corporais não valorizados pela norma hegemônica.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA

Compreender como os processos identitários dos ursos brasileiros são atravessados pelas representações sociais relacionadas ao corpo dentro deste grupo social.

PROCEDIMENTOS

A pesquisa consistirá de questionário online com perguntas abertas e fechadas a respeito do corpo, da identidade e da comunidade ursina.

DURAÇÃO

O tempo aproximado de resposta ao questionário é de 15 a 20 minutos.

RISCOS E DESCONFORTOS

O risco da pesquisa é mínimo por envolver apenas a resposta ao questionário online, o qual foi elaborado com o intuito de que o tempo gasto para seu preenchimento seja em torno de 15 a 20 minutos. Por causa do tamanho do questionário e do tempo de preenchimento,

eventualmente pode haver desconforto e cansaço. Também ocasionalmente podem surgir questionamentos, inseguranças e insatisfação corporal ao responder o questionário. Neste caso, o Sr. pode interromper o preenchimento no momento que achar melhor.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO

É garantida ao participante indenização diante de eventuais danos comprovadamente decorrentes de sua participação na pesquisa.

BENEFÍCIOS

Não existe benefício ou vantagem direta em participar deste estudo. Os benefícios e vantagens em participar são indiretos, proporcionando um momento de reflexão sobre o corpo e o pertencimento a esta comunidade, bem como a valorização científica deste grupo. O retorno social será através da melhor compreensão acerca da relação desta população com o corpo e da publicação dos resultados da pesquisa em periódicos científicos. Caso desejar, o Sr. poderá receber por e-mail os resultados da pesquisa.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA

O pesquisador responsável é psicólogo com experiência em atendimento psicológico. Caso o senhor venha a sofrer algum tipo de desconforto referente ao tema da pesquisa, a resposta ao questionário poderá ser interrompida e o senhor pode entrar em contato com o pesquisador para receber apoio psicológico adequado ao momento. Caso necessário, o pesquisador fará o encaminhamento do participante a um serviço de atendimento psicológico, assegurando-se que este será atendido.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO

O senhor não é obrigado a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, o senhor não mais será contatado pelos pesquisadores e as informações fornecidas até então serão descartadas.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE

Os pesquisadores se comprometem a resguardar sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação dos resultados, que serão apresentados de forma geral e nunca individualmente.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO

O Sr. não precisará pagar qualquer valor para participar desta pesquisa. Caso haja qualquer despesa decorrente de sua participação na pesquisa, o senhor será ressarcido do valor integralmente.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá contatar o pesquisador Wildson Abo Sartori, no telefone (27) 99607-2501, no endereço Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Psicologia, Prédio Professor Lídio de Souza, Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), e-mail: wildsonabosartori@gmail.com. Perante a necessidade de realizar denúncia, reportar qualquer intercorrência, injúria ou dano relacionado com o estudo o participante poderá entrar em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Ao clicar em “Aceito participar”, declaro que fui informado e esclarecido sobre a presente pesquisa, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo.

Caso tenha interesse em receber uma prévia dos resultados da pesquisa, favor inserir aqui seu endereço de e-mail: _____